



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**VINICIOS MATHEUS DOS SANTOS FARIAS**

**ENTRE A TRADIÇÃO E O CARISMA:  
O PAPEL DAS LIDERANÇAS NA CONSTRUÇÃO POLÍTICA  
DE CAMALAUÍ-PB**

**SUMÉ - PB**

**2025**

**VINICIOS MATHEUS DOS SANTOS FARIAS**

**ENTRE A TRADIÇÃO E O CARISMA:  
O PAPEL DAS LIDERANÇAS NA CONSTRUÇÃO POLÍTICA  
DE CAMALAÚ-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.**

**Orientadora: Profa. Dra. Júnia Marússia Trigueiro de Lima.**

**SUMÉ - PB**

**2025**



F224e Farias, Vinicios Matheus dos Santos.  
Entre a tradição e o carisma: o papel das lideranças na construção política de Camalaú-PB. / Vinicius Matheus dos Santos Farias. - 2025.

109f.

Orientadora: Professora Dra. Júnia Marússia Trigueiro de Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Camalaú-PB - política. 2. Poder oligárquico. 3. Liderança carismática - política. 4. Carisma político. 5. Eleições municipais - Camalaú-PB - 2016. 6. Sandro Môco - Camalaú-PB - ascensão política. 7. História política - Camalaú-PB. 8 Família Chaves - Camalaú-PB. 9. Família Mariano - Camalaú-PB. I. Lima, Júnia Marússia Trigueiro de. II Título.

CDU: 32(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**VINICIOS MATHEUS DOS SANTOS FARIAS**

**ENTRE A TRADIÇÃO E O CARISMA:  
O PAPEL DAS LIDERANÇAS NA CONSTRUÇÃO POLÍTICA  
DE CAMALAÚ-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professora Dra. Júnia Marússia Trigueiro de Lima  
Orientadora – UACIS/CDSA/UFCG**

---

**Professora Dra. Sheylla de Kassia Silva Galvão  
Examinadora Externa – UFPB**

---

**Professor Dr – Bruno Vicente Lippe Pasquarelli  
Examinador Interno – UAGESP/CDSA/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 14 de maio de 2025.**

**SUMÉ - PB**

*O príncipe que quer manter sua posição deve estar preparado para mudar conforme as circunstâncias.*

(Maquiavel, autor do livro "O príncipe").

## AGRADECIMENTOS

Acredito muito na ideia de que cada pessoa tem seu próprio processo, que as coisas devam acontecer no momento em que nos sintamos preparados. Acredito que não existe um parâmetro único ou correto que indique qual é o caminho ideal a se seguir dentro da academia. Mas, creio que devemos começar nos conhecendo e entendendo nossas limitações e potenciais, buscando sempre melhorar, dia após dia, sem que nos percamos no processo.

A jornada até a conclusão desta monografia foi uma etapa significativa da minha trajetória acadêmica. Ela foi marcada por grandes desafios diários em virtude da minha intensa rotina de trabalho, por descobertas pessoais em relação às minhas limitações e capacidades subjetivas e muito aprendizado dentro da área da Ciência Política a qual me apaixonei já desde o terceiro período do curso. Mas, nada disso seria possível sem o apoio de diversas pessoas e instituições que me acompanharam, apoiaram e incentivaram ao longo desse percurso, às quais expresso minha profunda gratidão.

Primeiro, agradeço a todos os professores(as) da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (CDSA/UFCG), cujas contribuições ao longo da minha formação foram essenciais. Suas aulas, puxões de orelha e orientações me despertaram reflexões, ampliaram horizontes conceituais e fortaleceram meu compromisso profissional que resultou na construção deste trabalho. Levo comigo não apenas o conteúdo aprendido, mas também o exemplo de dedicação e seriedade com que cada um exerceu seu papel na minha trajetória universitária. Em especial, agradeço aos mestres, Marciano Monteiro e Felipe Corral pelos grandes ensinamentos sobre a área.

Também agradeço à Professora Júnia Marússia, minha orientadora e a maior profissional da educação que eu pude conhecer até hoje, pela dedicação nas correções do trabalho, pela orientação criteriosa ao longo do desenvolvimento do texto mesmo não sendo a sua área de estudos, pela paciência comigo e, principalmente, por respeitar o meu tempo. Sua escuta atenta, suas sugestões e comprometimento com as correções do meu trabalho foram fundamentais para finalização desta escrita.

Ao Programa de Educação Tutorial (PET - Gestão Pública, Política e Cidadania), nas pessoas de Luiz Antonio e Fabiano Custódio, agradeço por terem me dado a oportunidade de pertencer a algo maior para crescer academicamente, pelas orientações enriquecedoras e pelo suporte constante ao longo da minha formação. O PET, sem sombra de dúvidas, foi um espaço de aprendizado coletivo, onde pude amadurecer intelectualmente e profissionalmente durante a

maior parte da minha graduação. Também estendo meus agradecimentos a todos os meus colegas petianos, com que compartilhei não só desafios, mas conquistas e aprendizados valiosos, e cuja convivência foi essencial para tornar essa experiência ainda mais leve, marcante e significativa.

Aos amigos que se fizeram presentes durante essa trajetória, também expresso minha gratidão. Foram suas palavras de incentivo, escuta generosa e presença constante que tornaram os momentos difíceis mais leves e os momentos felizes ainda mais significativos. Em especial, gostaria de mencionar o apoio diário e incondicional dessas mulheres incríveis, Klebia Gomes, Dalila Talita, Andreza Oliveira, Iara França, Mirian Thaís, Marília Vitória e Rosanne Oliveira.

Aos meus pais, Tereza e Josildo, minha sincera gratidão pelo apoio inabalável, por acreditarem na importância da educação e nunca me privarem de estudar. Eles são sem sombra de dúvidas, os meus maiores apoiadores. Foram aqueles que me levaram no primeiro dia para me matricular, aqueles que me apoiavam financeiramente para participar dos eventos acadêmicos, aqueles que apesar de questionar algumas das minhas escolhas, me cobriram muitas vezes no trabalho para que eu pudesse participar dos programas de extensão e dos núcleos de pesquisa. Mesmo com suas poucas palavras, mas com grandes gestos, eles foram a minha maior fonte de força para chegar até onde eu cheguei.

E, por fim, agradeço a mim mesmo. Pelo comprometimento diante dos desafios impostos pela rotina, pela resiliência nos momentos difíceis de altas cobranças e pela capacidade de seguir em frente, mesmo quando as incertezas pareciam maiores que as certezas. Esta conquista também é fruto de muito esforço pessoal e confiança em não desistir do tema e acreditar no potencial dele.

Tracei uma belíssima jornada até aqui e estou muito orgulhoso dela!

## RESUMO

O presente trabalho trata de formas de dominação e disputa política no município de Camalaú - PB. Mais especificamente, busco compreender como a ascensão de Sandro Môco em 2016, aqui visto como uma liderança carismática, provocou mudanças em uma estrutura de poder historicamente centrada na oligarquia tradicional da família Chaves, que disputava apenas com outra família, a dos Mariano. Este trabalho é um estudo de caso que permitiu tanto a análise das dinâmicas do jogo político eleitoral a partir da perspectiva de moradores da cidade, como as motivações que os levaram a legitimar o poder de uma liderança. Primeiro, realizei uma revisão de literatura sobre a temática do trabalho e logo em seguida fiz pesquisas documentais e entrevistas semiestruturadas com apoiadores dos Chaves, dos Mariano e de Sandro Môco. As análises desenvolvidas ao longo do trabalho permitiram concluir que a eleição de Sandro para o cargo de prefeito representou não apenas uma mudança nas configurações de poder do município, mas também um movimento simbólico de contestação do eleitorado ao domínio tradicional histórico.

**Palavras-chave:** Poder oligárquico; Liderança carismática; Eleições municipais; Formas de Dominação.

## **ABSTRACT**

This article deals with the forms of domination and political dispute in the municipality of Camalaú - PB. More specifically, I seek to understand how the rise of Sandro Môco in 2016, here seen as a charismatic leader, brought about changes in a power structure historically centered on the traditional oligarchy of the Chaves family, which competed only with another family, the Mariano family. This article is a case study that allowed both the analysis of the dynamics of the electoral political game from the perspective of the city's residents, and the motivations that led them to legitimize the power of a leader. First, I conducted a bibliographic review on the subject of the work and, then, I conducted documentary research and semi-structured interviews with supporters of the Chaves, Mariano and Sandro Môco families. The analyses developed throughout the article allowed us to conclude that Sandro's election to the position of mayor represented not only a change in the power configurations of the municipality, but also a symbolic movement of contestation by the electorate to the traditional historical dominance.

**Keywords:** Oligarchic power; Charismatic leadership; Municipal elections; Forms of domination.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Localização geográfica do município de Camalaú-PB.....	19
<b>Figura 2</b> - Municípios que fazem fronteira com Camalaú-PB. ....	20
<b>Figura 3</b> - Bandeira e Brasão do município de Camalaú.....	43
<b>Figura 4</b> - Diagrama de parentesco de uma das linhagens da família Chaves. ....	46

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Primeira parte do histórico dos candidatos ao cargo de prefeito de Camalaú-PB. .....	34
<b>Quadro 2</b> - Segunda parte do histórico dos candidatos ao cargo de prefeito de Camalaú-PB. .....	40
<b>Quadro 3</b> - Terceira parte do histórico dos candidatos ao cargo de prefeito de Camalaú-PB.	57
<b>Quadro 4</b> - Quarta parte do histórico dos candidatos ao cargo de prefeito de Camalaú-PB...	79
<b>Quadro 5</b> - Perfil dos Entrevistados – 2023 .....	103
<b>Quadro 6</b> - Histórico das candidaturas do Legislativo de Camalaú-PB.....	104

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>ARENA</b>	Aliança Renovadora Nacional
<b>CNS</b>	Conselho Nacional de Saúde
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IDEB</b>	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
<b>MDB</b>	Movimento Democrático Brasileiro
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>PB</b>	Paraíba
<b>PE</b>	Pernambuco
<b>PMDB</b>	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
<b>PRP</b>	Partido Republicano Progressista
<b>SIDRA</b>	Sistema IBGE de Recuperação Automática
<b>TJPB</b>	Tribunal de Justiça da Paraíba
<b>TRE-PB</b>	Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>BEM VINDOS A CAMALAÚ-PB.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>Contextualização do município.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>Desenho da Pesquisa: procedimentos metodológicos.....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>DOMINAÇÃO TRADICIONAL EM CAMALAÚ: SURGIMENTO DAS ELITES LOCAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1</b>	<b>Origem e fundação de Camalaú.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2</b>	<b>Trajetórias políticas das famílias tradicionais de Camalaú.....</b>	<b>31</b>
3.2.1	Período ditatorial: o domínio dos Chaves (1962-1982).....	32
3.2.2	Período democrático: surgimento e ascensão dos Mariano (1982 a 2012).....	36
3.2.3	Dominação tradicional: força da Oligarquia Chaves.....	48
<b>4</b>	<b>LIDERANÇA CARISMÁTICA: A ASCENSÃO DE SANDRO MÔCO EM CAMALAÚ.....</b>	<b>53</b>
<b>4.1</b>	<b>Uma nova história política para Camalaú: o embate entre a tradição e a renovação em 2016.....</b>	<b>54</b>
<b>4.2</b>	<b>Declínio do poder da oligarquia tradicional dos Chaves.....</b>	<b>60</b>
<b>4.3</b>	<b>Sandro Môco: uma liderança carismática.....</b>	<b>62</b>
4.3.1	Sandro Môco: “ <i>gente como a gente</i> ”.....	67
4.3.2	Percepções da oposição: o outro lado da moeda.....	70
4.3.3	O que faz do político um líder.....	71
<b>4.4</b>	<b>Reconfigurações políticas: cisão e reagrupamento.....</b>	<b>73</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>83</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>
	<b>APÊNDICE A – Roteiros das Entrevistas.....</b>	<b>95</b>
	<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>99</b>
	<b>APÊNDICE C – Caracterização dos Entrevistados da Pesquisa.....</b>	<b>103</b>
	<b>APÊNDICE D – Registro das Candidaturas do Legislativo de Camalaú-PB.....</b>	<b>104</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da conjuntura política do município de Camalaú-PB correspondente a 2016-2024, marcada por intensos conflitos e por traços de mandonismo<sup>1</sup> de feição familiar-tradicional. Isso se torna evidente porque, na história política da cidade, algumas famílias, junto com seus aliados, monopolizavam o controle do poder do Executivo e Legislativo. Segundo Monteiro (2016), o mandonismo familiar é uma das características da política paraibana e é através dessa instituição que as oligarquias tradicionais do Estado são formadas e conseguem se perpetuar no poder.

Apesar de este trabalho ter um esforço para reconstituir as trajetórias políticas dos grupos tradicionais de Camalaú e reconhecer a importância que os mesmos desempenham na formação e organização dos quadros políticos do território, esse não é o seu foco. Na verdade, esse Estudo de Caso se volta para a análise da carreira política de Sandro Môco, uma figura carismática que se insere na vida política do município em 2008 enquanto vereador e ascende ao cargo de prefeito em 2016, considerado o cargo de liderança máxima em uma cidade.

Camalaú é uma cidade do interior do Estado da Paraíba, localizada a 277 km da capital de João Pessoa, em uma microrregião que corresponde ao Cariri Ocidental paraibano. Sua área territorial é de 541,841 km<sup>2</sup> e, segundo o último censo do IBGE de 2022, estimou-se uma população de 6.085 habitantes (dentre eles, estão 2.966 homens e 3.119 mulheres). Como um típico município interiorano, sua cultura política é fortemente marcada por um tipo de dominação tradicional-familiar e por práticas clientelistas entre líderes políticos e eleitores (Mariano Sobrinho, 1996; Pessoa Júnior, 2022).

Pessoa Júnior (2022) descreve que a política municipal brasileira é marcada por traços de mandonismo familiar e aponta que os processos de recrutamento dos agentes políticos nesses territórios são marcados por esses mesmos vínculos. Além disso, ele ainda aponta que a base parlamentar é escolhida nesses territórios pelo eleitorado a partir das relações sociais clientelistas que os políticos estabelecem com os seus eleitores. Para o autor, o clientelismo é uma prática muito comum nos pequenos municípios de interior e ele se caracteriza enquanto uma relação de apadrinhamento e de troca de favores mútua entre o sujeito político que concede empregos e benefícios econômicos e os eleitores que retribuem com seu voto.

---

<sup>1</sup> Segundo Carvalho (1997) “Mandonismo” é uma característica da política tradicional e está relacionado a uma forma de dominação baseada na autoridade pessoal de um chefe local. Aquele cujo poder controla votos e decisões políticas através de recursos estratégicos vinculados a sua vida privada. Em seu texto, o autor dá o exemplo dos coronéis, que por muito tempo controlaram a política local com base na sua posse de terra.

De acordo com Carvalho (1997) e Leal (2012), o clientelismo é uma característica marcante do sistema político brasileiro, profundamente enraizado na história política do país. Trata-se de um modelo de poder baseado na capacidade dos chefes políticos de negociar empregos e benefícios públicos em troca de votos. Em um sistema político que dominado pelas antigas oligarquias, essa prática possibilita o controle político institucional, especialmente em cidades de pequeno porte.

Em Camalaú, a família Chaves é a principal representante do tipo de estrutura de dominação tradicional-familiar, tendo se perpetuado no poder nos quadros políticos da cidade por quase 50 anos, desde sua emancipação (TRE, 2024; Mariano Sobrinho, 1996). Além disso, dentro desta mesma conjuntura se inserem os Mariano, outra grande família tradicional que faz oposição política no território. Para Pessoa Júnior (2022), a família enquanto instituição política é um poderoso mecanismo de manutenção de poder a nível local, pois além de organizar os quadros políticos, ela também configura toda a vida social dos municípios.

De modo geral pode-se dizer que a estrutura política de Camalaú se organizou a partir de oligarquias familiares, considerando que, desde sua emancipação política em 1962 até 2016, a família Chaves quase sempre esteve à frente do Executivo. Ao mesmo tempo, disputava com seus opositores históricos, os Mariano, outro grupo político histórico do território (TRE, 2024). Segundo Monteiro (2016), a reprodução das elites políticas paraibanas só é possível para aquelas que são detentoras dos capitais sociais, econômicos e políticos.

A figura de liderança de Sandro que é o centro de investigação deste trabalho é tomada como uma nova peça dentro desse grande jogo político de polarização eleitoral histórica entre Chaves e Mariano no município de Camalaú. O Sandro se tornou um agente político relevante neste estudo porque ele é de uma origem social distinta dos demais líderes. Sendo filho de agricultores da zona rural de classe pobre, conseguiu grande apoio popular em todos os pleitos que participou, e isso é evidente nas expressivas porcentagens de votos em cada um deles – em 2008 foi eleito o vereador mais bem votado do pleito com 475 votos; em 2016 foi eleito prefeito com 2.335 votos; e em 2020, reeleito com 2.790 (TRE, 2024).

Pessoa Júnior (2022) afirma que, para análises sobre carreiras políticas de agentes de pequenos municípios dentro de um recorte temporal, um Estudo de Caso sobre a figura se torna interessante por fornecer dados sobre a origem dos personagens, as suas formas de recrutamento, sua ascensão política e reprodução no poder. É um estudo que não busca fazer generalizações estatísticas, mas que permite compreender as tendências da formação das alianças, os mecanismos e as estratégias de manutenção de poder. As narrativas de sujeitos

locais permitem reconstituir os cenários do jogo político local e evidenciam como são construídas as relações de interesse entre eleitores e liderança.

Neste trabalho, caracterizo o Sandro dentro dessa grande conjuntura política de Camalaú enquanto figura carismática, por partir do pressuposto de que atores carismáticos possuem uma grande força de influência diante dos eleitores, independente das suas origens sociais ou alianças políticas (Sell, 2018). A dominação carismática é um conceito desenvolvido por Max Weber, onde a autoridade e o poder de alguém são medidos pelo carisma do líder, as pessoas que o seguem possuem uma espécie de devoção a essa figura (Weber, 1999). Um político com características carismáticas é aquele cujo poder emana a partir da sua própria personalidade, que, para ser legítima, precisa da aceitação e do reconhecimento da população dominada. Nesse sentido, na dominação carismática o líder é aquele dotado de um carisma capaz de mobilizar as massas (Nascimento, 2011; Arede, 2013; Ferreira, 2001).

Situo as lideranças das famílias Chaves e Mariano, como líderes do tipo tradicional, onde a manutenção do poder reside nas estruturas de parentesco (Monteiro, 2016). De acordo com Weber (1999) esse tipo de dominação é exercido a partir do elo tradicional que a figura de liderança possui com o meio em que está inserida.

Argumento que, a partir desse cenário eleitoral de forças opostas que disputam o poder, a ascensão do Sandro para o Executivo em 2016 resultou no surgimento de novas configurações políticas no território de Camalaú. Alianças foram feitas e desfeitas e isso mudou completamente a dinâmica política do município: desde a formação dos quadros de disputa, até na forma como o eleitorado legitima a dominação das lideranças.

Esse trabalho tem como objetivo geral compreender como a figura política de Sandro Môco rompeu com a estrutura do poder da oligarquia tradicional dos Chaves na cidade de Camalaú em 2016 e se consolidou enquanto líder político influente no município. Para alcançar tal objetivo, busco: 1) apresentar como funciona a dinâmica do jogo político eleitoral do Executivo do município de Camalaú desde a sua emancipação política; 2) demonstrar qual o papel da instituição família na formação dos cenários políticos eleitorais do município; 3) compreender as motivações que levam as pessoas a legitimarem o poder de uma liderança; e 4) identificar quais os princípios éticos e morais que os eleitores de Camalaú valorizam em um líder político.

Este trabalho é relevante porque as discussões sobre o poder de lideranças políticas em municípios de pequeno porte no cariri ocidental paraibano são praticamente inexistentes. Durante a revisão da literatura, constatei que a maior parte das produções acadêmicas sobre essa temática se atêm a figuras de destaque nacional ou regional, havendo poucos trabalhos

acadêmicos da área da Ciência Política disponíveis eletronicamente a respeito das conjunturas políticas locais da nossa região.

Para Pessoa Júnior (2022), a análise da trajetória e do comportamento de agentes políticos é importante para compreender quais são os mecanismos e as estratégias de manutenção e reprodução do poder dessas elites nas políticas eleitorais municipais. Assim com a reconstituição das trajetórias individuais, é possível entender as origens dos personagens, sua ascensão, consolidação do poder e o papel desempenhado na configuração política geral.

Além do mais, Hall e Taylor (2003) descrevem que por muito tempo as instituições ocuparam uma posição de centralidade nos estudos da Ciência Política, visto que existia certa reação contra a análise social da vida dos sujeitos e grupos envolvidos na configuração política, em termos de comportamento individual. Os autores supracitados destacam que esses estudos buscavam refletir apenas como as instituições moldavam as ações dos indivíduos (políticos e eleitores) e como as mesmas organizavam o funcionamento das estruturas políticas e não ao contrário.

Este trabalho possibilitará uma breve compreensão a respeito de como os agentes políticos influenciam na forma de organização das estruturas de dominação. Isso porque os comportamentos individuais dos sujeitos não explicam o todo, mas expressam algumas dimensões do fenômeno político (Peres, 2008). Tenho como propósito compreender o comportamento dos agentes políticos e as motivações que levam os eleitores a darem legitimidade às ações de comando dos mesmos.

As discussões que fundamentam esse trabalho foram divididas em 3 seções. Na primeira é feita a contextualização do município com informações essenciais para compreensão das dinâmicas locais. Ela oferece ao leitor uma visão panorâmica sobre Camalaú, por meio da apresentação de características históricas, geográficas, econômicas, sociais, culturais e políticas. Ela também detalha os procedimentos metodológicos – tais como métodos de coleta de dados, tipo de abordagem, instrumentos de pesquisa e critérios de análise – e revela os caminhos metodológicos trilhados, justificando as escolhas do pesquisador diante das possibilidades encontradas no campo investigado.

A segunda seção vai direcionar o leitor para a gênese de Camalaú, ao discutir os processos de fundação do município e a chegada das primeiras famílias a povoarem o território. Mas, a narrativa sobre a fundação do município não pode ser desvinculada das trajetórias das famílias tradicionais que são as bases materiais e simbólicas do poder político local. Desta forma, essa seção também se debruça sobre a análise das elites dos Chaves e Mariano que construíram a cultura política de Camalaú e fundamentaram uma configuração de dominação

que, ao longo das décadas, foi organizando os quadros políticos a partir de alianças familiares e relações de apadrinhamento. Proponho-me não apenas descrever os fatos históricos, mas analisar como esse passado ainda configura o presente político de Camalaú.

Na terceira e última seção, proponho-me a caracterizar como o Sandro Môco se insere na configuração política de Camalaú, enquanto figura carismática que provocou uma ruptura com as estruturas tradicionais de poder em 2016 e desencadeou série de mudanças nas dinâmicas de organização sociais e políticas da cidade. O Sandro é uma figura que pressiona o arranjo político tradicional do município – historicamente dominado por elites familiares – ao apresentar-se enquanto uma liderança que foge do modelo gestão dos grupos políticos tradicionais. Nessa seção, será examinada a origem social de Sandro, sua ascensão política, suas alianças, seu discurso, suas estratégias para se conectar com as massas populares e o seu enfrentamento com os grupos hegemônicos locais. Para chegar a tais conclusões, são analisadas narrativas apresentadas pelo próprio Sandro Môco, falas de alguns eleitores do município que foram entrevistados e dados eleitorais do TRE-PB (2024).

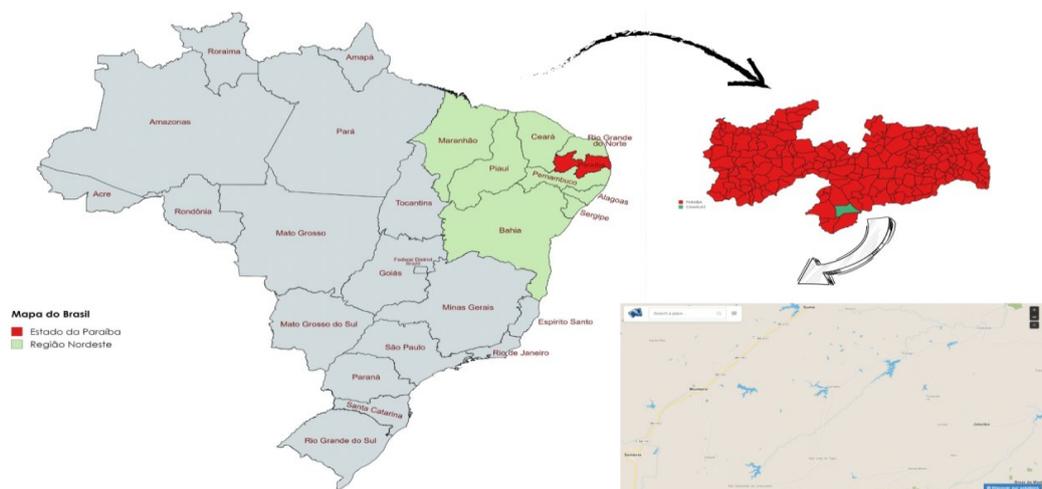
## 2 BEM VINDOS A CAMALAUÁ-PB

A primeira parte dessa seção trata-se uma contextualização do município de Camalaú-PB, a partir da descrição de suas características geográficas, sociais, políticas, culturais e econômicas. Esse tipo de exposição inicial auxilia ao leitor a delimitar o horizonte espacial e temporal da pesquisa fazendo-o familiarizar-se com o campo estudado (Pessoa Júnior, 2019). Logo em seguida foram expostos os procedimentos metodológicos da pesquisa, desde a criação a projeto até a escrita final desse trabalho, sendo pontuadas informações a respeito do perfil dos entrevistados, as motivações por trás da escolha dos mesmos, o processo de análise dos dados que fundamentam o trabalho e os desafios encontrados no campo.

### 2.1 Contextualização do município.

Meu campo de pesquisa é a cidade de Camalaú, um município de pequeno porte que está localizada no interior do Estado da Paraíba, a 277 km da capital de João Pessoa, em uma microrregião que corresponde ao Cariri Ocidental paraibano. Sua área territorial é de 541,841 km<sup>2</sup> e, segundo o último censo do IBGE de 2022, estimou-se uma população de 6.085 habitantes (dentre eles, estão 2.966 homens e 3.119 mulheres) naquele território. Outros levantamentos do IBGE em 2021 apontam que mais da metade (51,%) da sua população tem rendimento de apenas, até meio salário mínimo mensal, ou seja, é um município que apresenta níveis consideráveis de pobreza e subdesenvolvimento (IBGE, 2024; SIDRA, 2024).

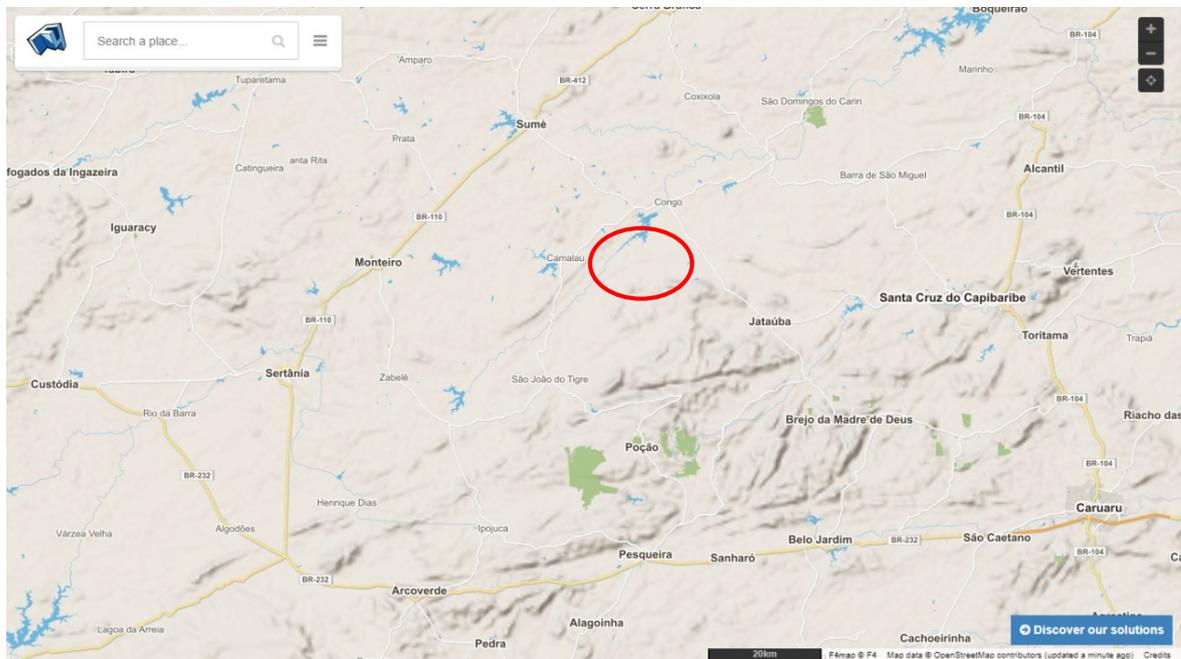
**Figura 1** - Localização geográfica do município de Camalaú-PB.



**Fonte:** Elaboração própria do autor na plataforma MapChart.

Camalaú está dividido em uma sede urbana, um distrito — Pindurão do Costa, próximo à divisa da Paraíba com o Pernambuco — e 94 comunidades espalhadas em sua zona rural. De acordo com o último censo de 2022 (SIDRA IBGE, 2024), a população residente na zona urbana correspondia a 3.622 habitantes, enquanto que na zona rural residem 2.463 pessoas. As principais vias que dão acesso ao município passam pelas cidades de Sumé-PB ao norte, Congo-PB e Jataúba-PE ao leste, ao sul temos São João do Tigre-PB e São Sebastião do Umbuzeiro-PB e ao oeste temos a cidade de Monteiro-PB, a qual pertenceu Camalaú antes de sua emancipação política em 1962 (Mariano Sobrinho, 1996; Rietveld e Silva, 1996).

**Figura 2 - Municípios que fazem fronteira com Camalaú-PB.**



**Fonte:** Elaboração do autor na plataforma f4map.

A cidade de Camalaú-PB está inserida no semiárido brasileiro. Neste sentido, seu clima é quente e seco, com apenas algumas chuvas irregulares no decorrer do ano. Sua vegetação predominante é a caatinga, caracterizada por plantas rasteiras, cactos, bromélias e árvores xerófitas (umbuzeiro, juazeiro, etc.) (Mariano Sobrinho, 1996). Além disso, o seu território é banhado por dois rios importantes que cortam o Estado da Paraíba: o Rio do Meio, popularmente conhecido como Rio Paraíba, por onde passam as águas do Rio São Francisco, considerado um dos principais atrativos naturais do estado; o Rio da Serra, conhecido por Rio Espinho. A passagem desses dois mananciais no município lhe atribui um forte potencial hídrico, muito importante nos seguimentos econômicos da agricultura rudimentar, de subsistência e na pecuária (Mariano Sobrinho, 1996).

Conforme pontua Mariano Sobrinho<sup>2</sup> (1996), no Cariri Paraibano, a seca é a regra e a chuva, a exceção. Então aqueles lugares que possuem reservatórios de água possuem forte tendência ao desenvolvimento, facilitando assim a reprodução e a sobrevivência da população. Rietveld e Silva<sup>3</sup> (1996) também reforçam que a agricultura e a pecuária são as bases econômicas primordiais da região do cariri paraibano. Além disso, os autores destacam que, por muito tempo, Camalaú também se destacou por sua forte produção de cal, carvão, telhas e tijolos, através da extração dos resíduos sólidos do solo, também considerados abundantes. Outra característica econômica histórica do município são as produções artesanais feitas por uma associação de mulheres, em especial, a produção de peças de “renascença”<sup>4</sup>, algo que ainda é forte até hoje no município, como uma fonte de renda (ou extra) para algumas famílias.

Mariano Sobrinho (1996) também reforça que, historicamente, os cidadãos camalauences têm sobrevivido graças aos empregos gerados pelos pequenos comerciantes locais, em trabalhos autônomos, artesanais ou em cargos públicos comissionados na prefeitura, porém ele também retrata situações de exploração de força de trabalho em troca de salários considerados baixíssimos para a época. Nos dias de hoje, apesar da população de Camalaú ter uma variada gama de opções de meios de trabalho, eles ainda se encontram majoritariamente em classes baixas tendo que recorrer na maioria dos casos, a empregos informais no comércio local ou em cargos públicos comissionados vinculados à prefeitura, algo bem característico dos municípios da região do cariri ocidental paraibano (Lima *et al.* 2022).

Apesar das fontes de recursos presentes no município, ele ainda carece em apoio ou incentivo por parte da administração pública (Mariano Sobrinho, 1996). Por muito tempo, a população se restringiu a uma produção capaz apenas de prover a sua sobrevivência, algo visto até nos dias de hoje. Segundo Rietveld e Silva (1996), práticas de clientelistas foram por muito

---

<sup>2</sup> Antônio Mariano Sobrinho é autor do livro “O Rio do Camará: A epopeia de (mais) um século”. Essa obra é uma das principais fontes históricas do município de Camalaú-PB e a utilizo nesse trabalho para narrar os fatos que caracterizam a fundação da cidade e o desenho de sua estrutura política histórica.

<sup>3</sup> Padre João Jorge Rietveld e o professor Maricélio Januário da Silva são autores da obra “Centenário de Camalaú (1895-1995): Cem anos ao redor do seu padroeiro São José” (1996), que também serviu como fonte histórica para investigar os fatos e apresentar neste trabalho as características fundantes da história política, social, cultural, religiosa e econômica do município de Camalaú-PB.

<sup>4</sup> De acordo com Elisbão (2023) a renda renascença chegou ao Brasil com os europeus no século XX, sendo as mulheres as principais responsáveis por a reprodução dessa atividade artesanal. Em seu trabalho, a autora apresenta que a produção de renda renascença se dá e tem si reproduzindo entre as mulheres desde sua infância, um conhecimento que normalmente é passado de mãe para filha em virtude da necessidade de complementar a renda das suas famílias. A autora também destaca que a produção de renda renascença, para além de uma prática cotidiana de complementação de renda, também tem gerado autonomia financeira para as mulheres da comunidade de Cacimba Nova em São João do Tigre-PB, constituindo-se como uma atividade econômica fundamental para o sustento de suas famílias.

tempo comuns em Camalaú, já que os donos das fazendas na zona rural reproduziam as práticas das sociedades latifundiárias, onde os trabalhadores trocavam sua força de trabalho e produção por um lar e um “assento” à mesa do seu chefe.

Pessoa Júnior (2022) ao estudar as características econômicas e sociopolíticas dos pequenos municípios do semiárido nordestino, especificamente, aqueles que compõem a região de Inhamuns no interior do Ceará, descreve que a principal renda característica desses tipos de territórios não é das atividades produtivas. São as aposentadorias, os salários dos funcionários das prefeituras e os programas sociais de transferência de renda (por exemplo, Bolsa Família) que fornecem a maior parte do sustento dessas pessoas. Quando a maior parcela da população de um município se encontra em situação de vulnerabilidade social ou pobreza, as práticas clientelistas e assistencialistas tornam-se comuns entre os agentes políticos do território. Essas são práticas que constato estarem presente na realidade vivenciada no território de Camalaú-PB.

Segundo Leal (2012), no Brasil, a ideia do que veio a se tornar o clientelismo moderno fundou-se a partir das relações entre grandes proprietários de terra — as oligarquias rurais compostas por coronéis, ex-senhores de escravos — donos dos meios de produção e seus empregados, a força de trabalho. Inicialmente, essa relação de troca possibilitou aos “dependentes” os meios necessários para sua sobrevivência, em troca do seu trabalho e obediência, uma forma exploração que se assemelha com práticas da escravidão, como afirma Marx (2013). Com os avanços da sociedade política moderna, esses mesmos coronéis passaram a integrar o sistema político, o Estado. Então, a relação de troca desigual, para além do trabalho, também se estendeu para o conhecido “voto de cabresto”<sup>5</sup> dentro dos “currais eleitorais” (Ricupero, 2008; Pessoa Júnior, 2022; Sabourim, 2020; Carvalho, 1997). Na sociedade atual, especificamente em Camalaú, a lógica ainda é a mesma, porém se apresenta de uma forma muito menos unilateral, pois, as relações clientelistas se reproduzem a partir da concessão de

---

<sup>5</sup> Acredito que é válido destacar que a instituição social total da escravidão estruturou a ordem política republicada, fazendo com que os antigos coronéis (senhores de escravos) se tornam a mesma elite que comandava, organizava e ordenava o Estado após a abolição formal de 1888. A escravidão é instituição que estruturou no imaginário das pessoas um modo de vida dependente que foi semeado e naturalizado em todas as instituições culturais, sociais, econômicas e políticas. Ao ler o texto de Alonso (2009), gostaria de destacar uma passagem que descreve a herança desse imaginário de dependência das práticas clientelistas dentro do sistema político brasileiro moderno. “A escravidão seria uma herança colonial que adquiriu caráter de ‘sistema social’, estruturadora de todas as instituições, costumes e práticas. Como empresa econômica principal, entranhou-se na ocupação do território e, em par com a monocultura, esgotou a terra e a concentrou, gerando feudos autoisolados. Tolheu as atividades urbanas, impedindo o desenvolvimento de um operariado assalariado e de classes médias, e condenou os homens livres pobres à dependência dos grandes proprietários. [...] A escravidão tornou-se o pilar de todas as profissões e negócios, gerando uma rede de relações de clientela que invadiu o Estado e viciou toda a sociedade no seu usufruto. No sistema político, impediu a formação de um corpo de cidadãos e de uma opinião pública autônoma, já que o direito de voto se assentava na propriedade de terra e escravos” (p. 63-64).

benefícios materiais e econômicos de maneira recíproca entre políticos e eleitores, na forma de empregos e de votos (Mariano Sobrinho, 1996).

Nas cidades de pequeno porte o poder religioso e político desempenham um papel fundamental nas movimentações culturais, nas relações interpessoais e nas vivências entre seus cidadãos. A festa do Padroeiro de São José, se tornou uma tradição tão grande dentro daquele território, que após a fundação de Camaláu em 1895, o município emancipou-se em 1962 no mesmo dia em que são celebradas as festividades religiosas pelos católicos(as) em devoção a esse santo, sempre na data de 19 de março (Mariano Sobrinho, 1996). O padre Rietveld e o professor Silva (1996) descrevem que Camaláu só começou a crescer depois da década de 1920, quando o Frei Fernando decidiu tornar a antiga e pequena capela do território em uma ampla igreja para seus fieis.

A organização governamental da cidade é composta por um prefeito, chefe do Executivo e responsável pela administração do território, execução das políticas públicas e aplicação das leis locais; uma câmara municipal formada por 9 vereadores que detém o poder Legislativo, responsáveis por elaborar leis locais, pela fiscalização do Executivo, aprovação do orçamento e controle das contas públicas; e um grupo de secretários municipais, que administram órgãos auxiliares (como Educação, Saúde, Transporte, Assistência social, etc.) (Mariano Sobrinho, 1996). Rietveld e Silva (1996) destacam que, desde a década de 1930, há em Camaláu grandes e intensas disputas políticas de famílias que anseiam obter o controle desses setores e que esses embates têm perdurado por gerações e se estendem até os dias de hoje.

## **2.2 Desenho da Pesquisa: procedimentos metodológicos.**

Este trabalho é resultado de um Estudo de Caso, iniciado em 2022, que buscou reconstituir as trajetórias individuais de lideranças políticas de Camaláu-PB e como esses sujeitos estruturam o quadro de agentes da política municipal. Para Goldenberg (2004) esse tipo de imersão se torna interessante para o pesquisador porque considera a totalidade da unidade social investigada. Esse método permite uma análise aprofundada do fenômeno real dentro do terreno dos próprios sujeitos, para compreendê-los a partir das suas próprias narrativas. Estudos dessa natureza normalmente são utilizados para compreender detalhes, causas e consequências em contextos sociais e políticos.

A escolha por estudar as trajetórias de agentes políticos de Camaláu, em uma perspectiva comportamentalista do sujeito, surge da necessidade de compreender como às práticas dessas lideranças estruturam a cultura política local (Carreirão, 2000). Embora a política nacional e

regional receba maior atenção nos meios midiáticos, é no âmbito municipal que essas ações impactam diretamente na organização da vida social e econômica do eleitorado. Investigar os discursos e as práticas desses agentes possibilita uma compreensão mais aprofundada sobre o funcionamento do poder político local (Pessoa Júnior, 2022).

Peres (2008) argumenta que a perspectiva comportamentalista só veio a surgir como um movimento acadêmico de rejeição ao antigo Institucionalismo<sup>6</sup> entre as décadas de 1940 e 1960. Em que a área da Ciência Política passa a absorver maiores influências da corrente teórica do Behaviorismo, que propõe estudar os comportamentos dos sujeitos a partir de observações empíricas. Nesse sentido, os cientistas políticos passaram a adotar em seus estudos, métodos de observação e análise que também tinham como foco as ações individuais dos atores envolvidos nos processos eleitorais. Assim, o comportamento individual tanto do político, quanto dos eleitores também passou a ser objeto em explicações sobre o funcionamento das diversas estruturas políticas.

Para fundamentar teoricamente e analisar as discussões sobre a configuração política de Camalaú, foi realizada uma vasta revisão da literatura da Ciência Política e da Sociologia Política na plataforma do Google Acadêmico, com enfoque em termos como: Poder Tradicional; Dominação Carismática; Lideranças Políticas; Elites; Famílias Políticas; Oligarquias Locais; Comportamento Político; Formas de Dominação; Clientelismo; e Assistencialismo. Segundo Goldenberg (2004) essas revisões podem auxiliar o pesquisador na fundamentação de uma descrição densa a respeito dos fenômenos políticos, analisando e comparando-os com outros contextos já estudados, permitindo uma reflexão aprofundada da dinâmica das alianças e dos conflitos que perpassam o jogo do poder local.

A construção dos quadros históricos sobre as carreiras políticas das famílias e das lideranças locais de Camalaú-PB se tornou possível graças a uma intensa pesquisa documental no Banco de Dados da plataforma online oficial do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (2024). O TRE-PB oferece um amplo acervo de informações sobre eleições, registros de candidaturas, coligações partidárias e resultados eleitorais de todos os municípios do estado da Paraíba. A utilização do site como ferramenta de pesquisa permitiu acesso direto a informações oficiais e detalhadas dos processos eleitorais históricos para Executivo e Legislativo de Camalaú desde a emancipação política do município em 1962. A análise desses dados também

---

<sup>6</sup> Segundo Hall e Taylor (2003) o Institucionalismo Histórico atribui importância às instituições políticas oficiais enquanto responsáveis pela organização da vida em sociedade e criticam os estruturalistas que consideram as características sociais, psicológicas ou culturais dos indivíduos como parâmetros responsáveis pelo funcionamento das estruturas políticas. Segundo essa perspectiva teórica, são as instituições que moldavam os comportamentos dos sujeitos políticos, desde líderes do Executivo, legisladores e até mesmo os eleitores.

contribuiu para fomentar o debate sobre as disputas eleitorais de Camalaú, principalmente sobre as constantes movimentações das alianças partidárias. Além disso, também ajudará a acompanhar a trajetória política das famílias Chaves e Mariano, que são constantemente descritos como figuras de grande influência dentro da cidade.

Os livros de Mariano Sobrinho (1996) e Rietveld e Silva (1996) também foram essenciais para contar essa história das elites do município até a década de 1990. Nessas obras há recortes temporais em que o TRE-PB não registrou as candidaturas, principalmente nos que corresponde ao período da ditadura militar. Além disso, esses mesmos livros também fornecem dados sobre a origem e fundação de Camalaú, desde as suas características sociais, políticas e culturais, até o desenho da genealogia das principais famílias a povoarem esse território. Essa genealogia familiar, presente na obra de Mariano Sobrinho (1996), possibilitou análises sobre as trajetórias políticas das grandes oligarquias locais e do seu peso na manutenção e configuração do poder dentro da máquina pública. Considero que esse livro contém informações úteis que viabilizaram a construção deste panorama histórico, no entanto, deixo aqui a ressalva de que o autor também é um dos personagens deste jogo pelo poder em Camalaú, então, ele possui um ponto de vista tendencioso sobre a conjuntura política.

Outra fonte de pesquisa complementar, mas essencial para análise dessa conjuntura política foram os relatos orais e escritos deixados por eleitores nas redes sociais, como *Instagram* e *WhatsApp*. Adotei esse tipo de método para observar a vida cotidiana dos políticos e a dinâmica da sua relação com os eleitores a partir das manifestações dos mesmos nas redes sociais, principalmente nos períodos das eleições estaduais de 2022 e municipais de 2024.

Mills (2009) fala que no trabalho do cientista social não há métodos definitivos ou ideias, mas caminhos possíveis para chegar a um fim. Esse seu texto, ele descreve o trabalho do sociólogo fazendo analogias a um tipo de artesanato intelectual, um diário que está carregado de anotações e reflexões do pesquisador sobre fenômenos sociais que se apresentam nas pequenas manifestações da vida cotidiana nos diferentes contextos e espaços. Para o autor, o principal método do cientista social é a observação, pois é nas manifestações orais ou escritas que ocorrem nos recortes das interações entre os sujeitos que acontece às micro representações do todo social.

Para organizar os dados e as anotações coletadas a partir do monitoramento das redes sociais dos principais agentes políticos de Camalaú, foi criado um sistema de fichamento

temático em documentos *Word*<sup>7</sup>. Os dados foram coletados através de capturas de tela e organizados em formato fichamento. Neles contém as postagens dos agentes políticos, os comentários e interações entre eleitores, a data do ocorrido e o tom do discurso adotado pelos envolvidos. Essa observação contínua, registrada de forma sistemática, contribuiu para captar as movimentações políticas do município que não aparecem nos documentos formais.

Partindo desse mesmo princípio, Becker (2009) fala da importância das representações da realidade social presentes nas redes digitais, visto que elas podem dar clareza sobre como as pessoas se posicionam politicamente, as causas que defendem e até mesmo as suas tendências ideológicas. Para o autor, essas histórias orais ou escritas que os sujeitos contam uns para os outros em meio às interações nesses espaços possibilitam descrições parciais de contextos organizacionais mais amplos. Por exemplo, como funciona a dinâmica política do município de Camalaú, como os agentes políticos se organizam em grupos e como os eleitores percebem essas movimentações. Becker (2009) acredita que é possível fazer representações parciais dos fenômenos sociais, com descrições sobre como as pessoas se comportam e o que falam, a partir deste tipo de coleta de dados, sem necessariamente ter o contato face a face com o objeto estudado.

No entanto, para fazer considerações a respeito da conjuntura política e fundamentar minhas análises sobre as reconfigurações dos grupos políticos do município de Camalaú a partir de 2016, realizei 15 entrevistas semiestruturadas com abordagem qualitativa com apoiadores dos três núcleos de poder do território – Môco, Chaves e Mariano<sup>8</sup>. Tais entrevistas ocorreram entre abril e maio de 2023 através da plataforma do *WhatsApp*<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que os dados coletados por meio das redes sociais não serão divulgados publicamente, tampouco reproduzidos de forma direta no trabalho. Eles serviram exclusivamente como fonte de consulta e análise para o pesquisador, respeitando a privacidade dos indivíduos envolvidos.

<sup>8</sup> Minha amostra consiste em 15 entrevistados, 12 mulheres e 3 homens – com faixas etárias variando entre 24 a 47 anos. Durante a realização das entrevistas em 2023, 07 deles declararam apoio ao grupo de Sandro Môco, 05 aos Chaves e 04 aos Mariano. A seleção dos interlocutores ocorreu no formato bola de neve, ou seja, os entrevistados indicavam uma lista de nomes e dentre eles era selecionado apenas um para realização do processo de coleta de dados. Esse modelo me pareceu ideal, pois evita que o pesquisador seja direcionado a um círculo muito restrito de pessoas que ele já conhece e que poderia corromper a entrevista.

<sup>9</sup> Durante a realização da pesquisa, quando tentei o contato inicial com os interlocutores, me deparei com uma resistência significativa por parte dos entrevistados em participar por meio de abordagens presenciais. Essa resistência pode ser atribuída a fatores relacionados aos conflitos internos e externos que marcam a política eleitoral de Camalaú, seja entre as lideranças e até mesmo entre o próprio eleitorado. Esse receio de exposição também foi acompanhado pelo desconforto em tratar de determinados temas mais sensíveis, apesar de garantir o sigilo de privacidade. Como alternativa, ofereci a opção deles responderem por meio do *WhatsApp* e muitos demonstraram maior receptividade e concordância. Considero que o uso do aplicativo permitiu aos participantes manter certo grau de anonimato e controle sobre o tempo e local de resposta, criando um ambiente que eles consideram mais seguro e confortável. As entrevistas se procederam como uma conversa em formato escrito e oral (áudio), com trocas de mensagens de texto em tempo real. Durante a entrevista, mandei as perguntas uma a uma,

A decisão de realizar entrevistas com o eleitorado de Camalaú fundamenta-se na importância de captar as vozes subjetivas e as experiências de sujeitos que estão inseridos dentro da conjuntura política e social do município (Goldenberg, 2004). Nesse trabalho foi essencial compreender como os eleitores enxergam a liderança de Sandro Môco e a forma como eles o comparam com os outros líderes dos grupos Chaves e Mariano. As narrativas apresentadas ajudaram: a caracterizar a figura de Sandro enquanto liderança carismática; identificar os padrões de comportamento eleitoral; as impressões sobre as disputas pelo poder; e as reações sobre os rompimentos e as reconfigurações das alianças políticas dos grupos a partir de 2016.

Meu intuito inicial era captar as percepções dos eleitores a respeito da figura de Sandro Môco diante da sua gestão administrativa entre 2016-2020 e entender os efeitos de sua ascensão para a estrutura tradicional vigente. Porém, durante a realização das primeiras entrevistas, constatei a necessidade de ampliar alguns questionamentos para captar a percepções dos interlocutores a respeito das outras figuras de liderança tradicionais do município e sobre a maneira como foram conduzidas a formação e o rompimento das alianças entre os grupos – Môco/Chaves, Mariano/Môco, Chaves/Mariano. Isso ocorreu porque os interlocutores apontavam em seus relatos muitas outras questões relacionadas aos conflitos políticos entre os três grupos, as tramas de interesses por trás das alianças formadas, sua percepção sobre a conjuntura política atual do município e como esses fatores orientavam a escolha do seu voto.

Segundo Goldenberg (2004) entrevistas semiestruturadas de abordagem qualitativa auxiliam aos pesquisadores a montar descrições densas sobre os fenômenos sociais. Considerando que seu enfoque reside nas significações atribuídas pelos interlocutores sobre as motivações, percepções e sentimentos que influenciam a construção da aliança entre liderança e eleitorado. Além disso, essa pesquisa também é de natureza explicativa, pois consiste em identificar causas e efeitos de fenômenos sociais e políticos (Severino, 2013). Tenho a pretensão de explicar os “por que” e “como” ocorrem as mudanças nas configurações políticas de Camalaú durante o período de 2016 a 2024.

Além da conversa com os 15 eleitores, no dia 22 de abril de 2023, também tive a oportunidade de realizar uma entrevista com o próprio Sandro. Nessa entrevista, busquei explorar: sua trajetória e origem familiar; as motivações para entrar na política; sua inserção na

---

permitindo aos entrevistados(as) tempo para que os mesmos(as) refletissem sobre a questão e elaborasse sua resposta com calma e clareza. A dinâmica foi interativa e foram preservados todos os princípios éticos de consentimento, respeito e confidencialidade. Todas as conversas registradas foram transcritas e salvas em documentos *Word*, garantindo a fidelidade das informações e permitindo a consulta posterior para exclusiva análise do pesquisador, quando ou se necessário.

política a partir das alianças; as causas do rompimento com esses grupos; a motivação para criar seu grupo independente e os conflitos existentes na conjuntura política do município.

Neste trabalho, com exceção do Sandro Môco, todos os outros 15 interlocutores serão caracterizados com pseudônimos, como uma forma de preservar a identidade dos colaboradores – conforme as resoluções nº 446/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que estabelecem diretrizes éticas de anonimato para pesquisas que envolvem seres humanos no Brasil. A lista de nomes fictícios<sup>10</sup> é inspirada em personagens do universo ficcional de “As Crônicas de Gelo e Fogo”, série de livros criadas pelo autor George R. R. Martin. Pra quem não conhece, as obras de Martin possui uma narrativa medieval fictícia, onde sujeitos de Grandes Casas (as famílias) disputam pelo poder e controle do trono de ferro (símbolo de máximo poder do enredo do universo ficcional). Nesse texto, os nomes dos personagens representaram os sujeitos da pesquisa e o grupo de político que eles apoiam. Por exemplo, os personagens da casa Lannister representarão o entrevistados apoiadores do grupo dos Chaves, os da casa Stark o grupo dos Mariano e os da casa Targaryen representará os apoiadores dos Môco.

A análise das entrevistas consiste em uma leitura exploratória, onde se é dada a devida atenção aos padrões, repetições e contrastes presentes nas narrativas apresentadas pelos entrevistados. Para Barbetta (2002) a análise exploratória busca captar na essência dessas falas as significações sobre a dinâmica social. Um método que considero ser extremamente importante para pensar a conjuntura política do município de Camalaú. No entanto, Becker (2009) fala que em análises dessa natureza, os sociólogos devem lidar com essas vozes com cautela, pois elas são produtos sociais que estão em constante mudança. Sendo assim, os significados atribuídos pelos interlocutores são dinâmicos e variam conforme o ponto de vista que se observa o que não permite fazer generalizações do todo. Mas sim, recortes narrativos que mudam conforme a posição social de quem está falando, sobre o que está falando e para quem se está falando.

---

<sup>10</sup> O quadro com o “Perfil dos Entrevistados – 2023” relacionado aos seus respectivos pseudônimos encontram-se nos “Apêndices - C” desse trabalho.

### **3 DOMINAÇÃO TRADICIONAL EM CAMALAUÁ: SURGIMENTO DAS ELITES LOCAIS**

Segundo Monteiro (2016) a instituição família é formadora de um padrão de dominação tradicional, em que os recursos sociais e econômicos dos membros funcionam como estruturas de poder que formam as classes políticas dominantes. Em seus estudos, Monteiro argumenta que a participação das oligarquias paraibanas em cargos públicos em posições de liderança é algo característico da própria cultura política brasileira regional e nacional. Então, nessa seção busco evidenciar como se estruturou o quadro de políticos de Camalaú e como esses sujeitos se organizam numa configuração de dominação tradicional que influencia na dinâmica sociopolítica e econômica do município. Para construção desse mapeamento histórico uso as obras de Mariano Sobrinho (1996), Rietveld e Silva (1996) e consulto o banco de dados do TRE-PB (2024).

Além disso, também busco situar o leitor sobre qual é o lugar ocupado pelas famílias de Camalaú na configuração política do município. Informações sobre quem e como, quais posições políticas ocupam nos cargos públicos e como se estabeleceram e reproduzem no poder são dados que serão destrinchados a partir deste momento e serão cruciais para compreensão sociológica e política da configuração histórica de dominação política da cidade.

No início da seção busco apresentar um panorama histórico da origem e fundação da cidade de Camalaú e das primeiras famílias que povoaram essa região. Logo em seguida, trago as trajetórias das famílias políticas que estiveram à frente do comando do Executivo e os seus jogos de alianças com a assembleia legislativa, desde a sua emancipação em 1962 até o ano de 2012. Por fim, descrevo como a família Chaves se apresenta nessa estrutura enquanto uma elite oligárquica local, com traços característicos de um tipo de dominação tradicional.

Por outro lado, também apresento como a família Mariano se insere nesse cenário político e como se constitui enquanto um grupo de oposição tradicional ativo dentro do município, a partir da década de 1980, onde presenciávamos no país um movimento de redemocratização político-partidária pós-ditadura militar instaurada em 1964. Nesta seção, utilizo principalmente dos escritos de Monteiro (2016), Weber (1999), Ferreira (2001) e Carreirão (2000), por exemplo, para fundamentar as análises sobre como sujeitos políticos oriundos de berço de classes privilegiadas e herdeiros de capital político-familiar, se reproduzem e se perpetuam no poder em configurações políticas tradicionais e como influenciam na dinâmica política interna dos pequenos municípios.

### 3.1 Origem e fundação de Camalaú.

Mariano Sobrinho (1996) e Rietveld e Silva (1996) apontam que as primeiras famílias que se tem registro a povoarem essa região, hoje conhecida por Camalaú<sup>11</sup>, foram os Cardoso-Oliveira-Alexandre-Ferreira de Brito, que vindos por um lado do agreste de Pernambuco e por outro da região de Boqueirão-PB, se estabeleceram nas fazendas “Boa Vista” e “Fazenda Camalaú”, por volta de 1895. Assim, concluiu-se que são essas famílias as mais antigas e, portanto, as fundadoras de Camalaú, por desempenharem um papel significativo durante seu o desenvolvimento inicial.

O registro da fundação do povoado de Camalaú data do dia 21 de junho de 1895, quando senhor Domingos Ferreira de Brito e sua esposa Rosa Maria da Conceição fizeram uma doação de terras para construção da capela de São José, considerada um patrimônio histórico do município. Essa doação só foi possível por intermédio de uma solicitação de José Cardoso da Silva e sua família, grandes devotos da religião católica, por essa razão, seu “Zé Cardoso” (como era popularmente conhecido) é considerado o “pai” fundador de Camalaú, assim como a família Ferreira Brito (Mariano Sobrinho, 1996; Rietveld e Silva, 1996).

Segundo dados do IBGE (2024), até 1872 a área que corresponde a Camalaú pertencia ao município de São João do Cariri, assim como outras cidades do Cariri Ocidental Paraibano, até que passou a integrar o município de Monteiro enquanto distrito, assim estabelecendo uma forte relação com aquele território. Seu desmembramento oficial, e, por conseguinte, sua independência, só veio a ocorrer depois de sancionada à lei estadual de nº 2.617, em 12 de dezembro de 1961 e finalmente sua emancipação em 19 de março de 1962. Nesta mesma ocasião, foi nomeado como o primeiro prefeito da história da cidade o Sr. Sebastião César Júnior, que exerceu seu cargo administrativo do município por 8 meses (Mariano Sobrinho, 1996).

Os Oliveira-Cardoso-Alexandre-Ferreira de Brito são tidos como os principais fundadores do município por desempenharem um papel de maior destaque na concessão de terras em que hoje se localiza a cidade. No entanto, Mariano Sobrinho (1996) também aponta que há outros grupos familiares que também estiveram presentes durante todo esse processo e

---

<sup>11</sup> Segundo Mariano Sobrinho (1996) o nome Camalaú (de CAM/B/ARA/Ú = RIO DO CAMARÁ) seria de herança indígena, dado a um líder de um grupo que habitava essa região que antes era conhecida por Cariris Velhos.

foram igualmente importantes durante a fundação do município, o qual gostaria de destacar as famílias Chaves<sup>12</sup> e Mariano que vão ser figuras relevantes neste trabalho.

### **3.2 Trajetórias Políticas das Famílias Tradicionais de Camalaú.**

A história das famílias políticas de Camalaú começa na década de 60, após sua emancipação política e teve como seu primeiro prefeito o Sr. Sebastião César Júnior, que governou o município por 8 meses com o auxílio de Paulo Feitosa Bezerra enquanto secretário e Josefa Jerônimo Chaves, a tesoureira das finanças desta gestão (Mariano Sobrinho, 1996)<sup>13</sup>.

A seguir apresentarei as trajetórias das famílias políticas tradicionais do município de Camalaú. No texto, busco traçar um panorama dos registros das candidaturas ao cargo de prefeito e vice-prefeito de Camalaú, Paraíba. Neste apanhado histórico há os nomes de homens e mulheres que lançaram candidaturas durante esses 63 anos história, desde sua emancipação política. Nele também há dados sobre os partidos que cada figura era filiada, pois considero que esse dado demonstra quais alianças eram formadas durante as campanhas entre aqueles do Executivo e Legislativo. Também aponto os números de votos e as porcentagens das votações alcançadas por cada candidato (quando há registro), o que evidencia sua popularidade diante do eleitorado; e por fim, aponto o resultado final das disputas entre os sujeitos (aqui representando suas famílias) eleitos e não eleitos nos intensos embates políticos históricos da cidade.

---

<sup>12</sup> A família a Chaves é historicamente descritiva como uma das mais antigas da região do Cariri, no “livro de batismo de São João do Cariri fala que no dia 30.08.1775 foi batizado o Francisco (Branco), ele sendo neto de Francisco Dias Chaves de Chaves (Portugal), na capela do Congo” (Rietveld e Silva, 1996, p. 69). Esse dado é reforçado por Mariano Sobrinho (1996, p.344) que descreve que “a família Chaves é de origem Portuguesa. No século XVIII, já vamos encontrá-la em diversos lugares da Paraíba e de Pernambuco”. Os primeiros integrantes deste grupo familiar que se tem registro a habitar a região que corresponde ao que hoje são áreas de Camalaú, foi à família de dona Josefa Ferreira Chaves e seus filhos.

<sup>13</sup> De acordo com os relatos históricos de Mariano Sobrinho (1996) essas lideranças teriam sido escolhidas por intermédio de indicações vindas de representantes do partido político ARENA da Paraíba, o único partido com influência no Brasil durante o período da ditadura militar na década de 60. Conforme pontua Monteiro (2016) os agentes políticos que formavam a ARENA da Paraíba eram herdeiros de grandes famílias influentes em todo território do Estado, e, portanto influenciavam na formação dos grupos partidários que ficavam a frente dos municípios.

### 3.2.1 Período ditatorial: o domínio dos Chaves (1962 – 1982).

O período ditatorial traz consigo uma série de mudanças e reformulações para o sistema político brasileiro e a principal delas foi à instalação do sistema bipartidário<sup>14</sup> que vigorou no país até 1984 (Viscarra e Ferreira, 2021). De acordo Sobreira (2021) a ditadura militar brasileira<sup>15</sup> em 1964 trouxe consigo um movimento político autoritário que extinguiu todo o antigo sistema pluripartidário adotado no Brasil em 1946. Desta forma, a autora aponta que “em outubro de 1965, foi decretado o Ato Institucional nº 2 (AI – 2), que extinguiu os partidos políticos existentes” (p.43). Com o fim do pluripartidarismo as antigas elites políticas conservadoras, os militares e as grandes oligarquias tradicionais do país se juntaram com membros do Congresso Nacional que compactuavam com o novo regime militar e formaram a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Em regimes autoritários, os partidos não possuem funções diferentes do que nas democracias, no entanto, eles não permitem que as eleições sejam livres e favorecem o partido dominante.

A ARENA foi um partido criado oficialmente no ano de 1966, logo após a institucionalização do sistema bipartidário no Brasil. Sua principal função era apoiar o regime autoritário, então, sua base ideológica defendia os princípios autoritários dos militares, os valores elitistas das antigas oligarquias nacionais e os ideais conservadores da Direita. Do outro lado, nesse mesmo período, surgia o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), um partido que fez oposição à ditadura (Sobreira, 2021; Viscarra e Peres, 2021). De acordo com Lameira e Peres (2015) o MDB adotou uma política plural, ou seja, reuniu as antigas filiações dos partidos de centro-esquerda e fez frente ao regime militar como oposição nas eleições governamentais nos Estados em que eram permitidos os pleitos eleitorais. Nas palavras dos autores, “o MDB cumpriu um importante papel institucional de representação do sentimento oposicionista da sociedade brasileira” (p.11).

Conforme destaca Monteiro (2016) e Sobreira (2021), na Paraíba a ARENA reuniu uma série de agentes políticos herdeiros das famílias políticas tradicionais, vindos do berço das classes privilegiadas economicamente (detentores de latifúndios e pequenas indústrias) e ideologicamente (sujeitos com formação superior e letramento) e que possuíam forte

---

<sup>14</sup> Diferente do pluripartidarismo, o bipartidarismo surgiu no Brasil apenas em 1965, após o golpe militar extinguir a maioria dos partidos políticos (Sobreira, 2021; Lameira e Peres, 2015).

<sup>15</sup> O regime militar-autoritário durou 21 anos (1964-1985) e interferiu consideravelmente no sistema político brasileiro. Segundo Kinzo (2004) ele não aboliu totalmente a democracia, nem os partidos e nem as eleições, no entanto, instituiu consideráveis reformulações que restringia a participação política, principalmente das classes populares e dos movimentos sociais.

representação simbólica e material dentro do campo do político do Estado. Normalmente, essas lideranças filiadas a ARENA se concentravam na capital do estado e em grandes cidades, como por exemplo, Campina Grande. Sobreira (2021) destaca que a ditadura militar interferiu na formação dos quadros partidários dos municípios da Paraíba na década de 60, visto que, os governantes eram indicados direta ou indiretamente por lideranças que representavam a ditadura e o partido em nível nacional. Desta forma, constata-se que a ARENA<sup>16</sup> desempenhou um papel fundamental na formação das classes políticas em nível local na época. Além disso, a autora confirma que o MDB paraibano teve dificuldades para estruturar-se como partido nos municípios interioranos o que fortaleceu ainda mais o poder de influência das lideranças partidárias da ARENA.

A construção da história da política eleitoral de Camalaú começa na década de 1960, em um período marcado por grandes tensões na política nacional em decorrência da ditadura. A nível local, a ARENA era o partido que estava a frente do município e era composto por candidatos que tinham ligações com elites familiares tradicionais do território, por exemplo, os Chaves. Essas lideranças eram escolhidas também com base nos vínculos que possuíam com figuras partidárias da ARENA ao nível estadual, esses que por sua vez eram porta vozes das lideranças militares nacionais (Sobreira, 2021).

O legado político eleitoral da família Chaves também começa a se desenrolar na década de 1960, após a emancipação de Camalaú, quando os primeiros agentes desse grupo começaram a ocupar cargos públicos. Assim como em postos de liderança em processos decisórios dentro da estrutura social e política do município, como por exemplo, na ocupação de cargos em cartórios municipais, no departamento de polícia, nas secretarias da prefeitura, etc. (Mariano Sobrinho, 1996). Monteiro (2016) discorre em seu trabalho que elites políticas locais, ou seja, as classes dominantes são formadas a partir das redes de relações que elas estabelecem com a estrutura sociopolítica do local, ao passo que eles ocupam espaços estratégicos de comando dentro da estrutura que organiza a vida social do território.

Em 1962, Mariano Sobrinho (1996) aponta que os primeiros nomes a frente da política do município de Camalaú eram sujeitos das famílias Chaves, Bezerra e Lucas, fortes aliados se

---

<sup>16</sup> Conforme destaca Sobreira em sua tese de doutorado (2021, p.62) “a ARENA servia à ditadura militar como instituição que lhe conferia uma suposta legitimidade democrática, foram comuns, ao longo de toda a sua existência, visitas dos presidentes militares e dos representantes partidários nacionais ao Estado {Paraíba}. Nessas ocasiões, eram repassadas orientações e normas de conduta para os membros da ARENA local, bem como se escuta desses seus problemas e anseios políticos, geralmente disputas por controle partidário e por posições nas chapas nos pleitos disputados”.

revezaram no poder do Executivo por um período de 20 anos (1962-1982), conforme pode ser observado no quadro abaixo:

**Quadro 1 - Primeira parte do histórico dos candidatos ao cargo de prefeito de Camalaú-PB.**

<b>HISTÓRICO DOS CANDIDATOS AO CARGO DE PREFEITO DE CAMALAÚ, PARAÍBA.</b>					
<b>ANO</b>	<b>CANDIDATO</b>	<b>PARTIDOS</b>	<b>VOTAÇÃO</b>	<b>VÁLIDOS</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
<b>De 19/03/1962 a 14/11/1962</b>	<b>Prefeito:</b> Sebastião César Júnior.	Sem registro.	Ele foi nomeado como prefeito e ficou no cargo por 8 meses.		Prefeito nomeado.
<b>De 1962 a 1966</b>	<b>Prefeito:</b> Reginaldo de Oliveira <b>Chaves.</b> <b>Vice-prefeito:</b> Antônio Silveira Lucas.	PSD	Não obteve os registros numéricos.	Chapa única.	Eleitos.
<b>De 1966</b>	<b>Prefeito:</b> Pedro Feitosa Bezerra.	Sem registro.	Dadas às circunstâncias do Golpe Militar de 1964, foi nomeado como governo interventor.		Governo interventor nomeado pelo Presidente da República Marechal Castelo Branco.
<b>De 1966/1967 a 1969</b>	<b>Prefeito:</b> Antônio Silveira Lucas. <b>Vice-prefeito:</b> João Galdino <b>Chaves.</b>	ARENA	786	Chapa única.	Eleitos.
<b>De 1969/1970 a 1972</b>	<b>Prefeito:</b> Pedro Feitosa Bezerra. <b>Vice-prefeito:</b> Elizeu Firmino de Melo.	ARENA	749	Chapa única.	Eleitos.
<b>De 1972/1973 a 1975</b>	<b>Prefeito:</b> José Gomes <b>Chaves</b> (Avô do Aristeu Chaves). <b>Vice-prefeito:</b> Cláudio Roberto <b>Chaves</b> Ventura.	ARENA	802	Chapa única.	Eleitos.
<b>De 1976 a 1982</b>	<b>Prefeito:</b> José <b>Chaves</b> Firmo. <b>Vice-prefeito:</b> Reginaldo Oliveira <b>Chaves.</b>	ARENA	1.159	Chapa única.	Eleitos. (Seu governo durou 6 anos).

**Fontes:** Elaboração própria do autor do trabalho com base nos dados do TRE (2024) e Mariano Sobrinho (1996).

No cenário político que corresponde ao período de 1962 até 1982, temos no município de Camalaú um revezamento de poder entre três famílias aliadas (Chaves, Bezerra e Lucas), pertencentes a um mesmo partido. Em 1962 temos Reginaldo Chaves como primeiro prefeito eleito do município em uma disputa de chapa única. Após 4 anos Pedro Bezerra é nomeado enquanto governo interventor por um curto período pelo presidente da república Marechal Castelo Branco, em virtude do regime militar. Em 1967, Antônio Lucas assume o cargo de prefeito tendo um Chaves como seu visse e nos anos que se sucederam até 1982, essas famílias se mantiveram enquanto aliadas no partido político da ARENA liderado pela família Chaves e que tinha grande influência no recrutamento e na formação dos quadros políticos da Paraíba (Mariano Sobrinho, 1996; Monteiro, 2016; Sobreira, 2021; TRE, 2024).

Em 1972 em um novo pleito eleitoral de chapa única são eleitos como prefeito o Sr. José Gomes Chaves (ex-vereador)<sup>17</sup>, ao lado de Cláudio Roberto Chaves Ventura (seu vice) e eles assumem a gestão administrativa do município de 1973 a 1975. O Sr. José Chaves era tio de Reginaldo Chaves (primeiro prefeito eleito do município), foi vereador na cidade na gestão anterior, foi eleito prefeito e veio a ser o avô de Aristeu Chaves, que hoje é uma das maiores figuras políticas atuais do município de Camalaú. Sua família é considerada uma das (ou se não a maior) maiores oligarquias deste território do Cariri paraibano (Mariano Sobrinho, 1996).

Nas eleições de 1975, foram eleitos o Sr. José Chaves Firmo (prefeito) e Reginaldo de Oliveira Chaves (vice) que retornou ao poder. Seu governo se iniciou em 1976 e se perpetuou até 1982 e por 6 anos Camalaú experimentou um forte crescimento urbano, visto que foram realizadas várias construções, como, por exemplo, a sede da prefeitura, da maternidade municipal, um clube de futebol e etc., como destaca Mariano Sobrinho (1996).

Os primeiros 20 anos da história política de Camalaú são marcados pela consolidação do poder de três famílias aliadas que se revezavam no poder do Executivo da cidade. Com destaque para família Chaves que encabeçavam o partido da ARENA no município e eram os principais responsáveis pelas alianças políticas com a câmara legislativa (Mariano Sobrinho, 1996). Além disso, é válido destacar que na conjuntura política nacional, em virtude do regime militar instaurado em 1964 o sistema pluripartidário foi dissolvido, fazendo com que não

---

<sup>17</sup> O quadro com os registros dos nomes dos candidatos eleitos para o legislativo no período que corresponde de 1962 até 2024 (63 anos) encontra-se no apêndice – D do trabalho para que aqueles leitores que tiverem curiosidade de aprofundar a discussão possam acessar as esses dados históricos essenciais para uma compreensão ampla da dinâmica política das alianças históricas entre Executivo e legislativo do município de Camalaú-PB.

houvesse disputas partidárias em pleitos eleitorais dos pequenos municípios, contribuindo ainda mais para consolidação do poder social, cultural, político e econômico das oligarquias locais (Monteiro, 2016; Sobreira, 2021).

### 3.2.2 Período democrático: surgimento e ascensão dos Mariano (1982 a 2012).

Desde a sua implementação, o sistema bipartidário desempenhou a função de enfraquecer as lideranças e a representação dos partidos políticos de oposição à ditadura militar (Viscarra e Ferreira, 2021). Cabe destacar que durante período autoritário que corresponde às décadas de 1960, 1970 e início de 1980, os governantes acabavam sendo escolhidos de forma direta ou indiretamente por lideranças da ARENA nos estados brasileiros, e, portanto, esses sujeitos eram os principais responsáveis por legitimar valores ideológicos do conservadorismo da elite política militar nacional da época. Mas, isso não quer dizer que todas as lideranças escolhidas e filiadas a ARENA eram a “favor da ditadura”, no entanto, ela interferiu de forma significativa na formação dos grupos políticos dos estados e municípios brasileiros, e, principalmente na forma como era conduzida a vida política e as alianças partidárias desses agentes dentro dos municípios até 1979 (Sobreira, 2021; Viscarra e Ferreira, 2021).

Kinzo (2004) destaca que o regime autoritário-militar não aboliu as eleições, porém, foi responsável por restringir as participações políticas das massas. Desta forma, é importante considerar o que Mainwaring e Torcal (2005) dizem sobre a existência da diversidade de partidos, pois eles são responsáveis por criar raízes fortes que mantêm o funcionamento equilibrado nos sistemas eleitorais, cumprindo assim sua finalidade primordial de representação de todas as classes sociais. Porém, se esse vínculo é quebrado ou mesmo enfraquecido, como por exemplo, no período ditatorial, cria-se um cenário de desigualdade e desequilíbrio representacional dentro do próprio campo político, favorecendo assim os interesses de uma pequena minoria.

Graças aos movimentos sociais e a pressão exercida pelo partido do MDB, o modelo bipartidário foi extinto definitivamente em 1982. Lameira e Peres (2015) destacam que após a reforma partidária em 1979 o MDB foi transformado em PMDB<sup>18</sup> – Partido do Movimento

---

<sup>18</sup> O PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro é resultado da transformação do antigo MDB. Assim como seu antecessor, ele foi responsável por fazer dura oposição ao regime autoritário e surgiu em um contexto de retorno do pluripartidarismo no Brasil. Ele era composto por classes de agentes que lutavam em prol da redemocratização do país e tornou-se popularmente conhecido por partido das massas e ganhou destaque nacional por criar meios para o processo de formação para a nova democracia (Lameira e Peres, 2015). Cabe destacar que no ano de 2017, o PMDB voltou a ser chamado de MDB.

Democrático Brasileiro, sendo o principal defensor do retorno da democracia no país na década de 1980. Além disso, os primeiros anos da década de 80 marcam o movimento de retorno da redemocratização no Brasil, após a insatisfação popular e a reintrodução do multipartidarismo ganharam força e deu expressivas vitórias a base ideológica centro-esquerda entre 1982 e 1986. Nesse contexto, a política nacional entrou em um processo de adaptabilidade aos novos contextos democráticos favorecendo a entrada de novos e o retorno de antigos agentes das camadas menores na política nacional e local (Carreirão, 2000).

Conforme destaca Mainwaring e Torcal (2005) o que garante a estabilidade do sistema político brasileiro é a competição pluripartidária, onde os eleitores podem direcionar suas escolhas com base nas suas preferências ideológicas partidárias ou no personalismo (características individuais) dos candidatos, sem levar em consideração as ideologias adotadas por seus partidos. Os autores descrevem que “um sistema partidário institucionalizado é aquele em que os atores desenvolvem expectativas e comportamentos baseados na premissa de que os contornos e regras fundamentais da competição e do comportamento partidário prevalecerão” (Mainwaring e Torcal, 2005, p.6). Desta forma, para que a democracia brasileira seja respeitada é necessária uma competição livre e justa entre os diversos partidos, onde os eleitores possam escolhê-los com base em princípios ideológicos próprios.

Existem vários tipos de Democracia<sup>19</sup> e por ser um conceito complexo, possui amplas correntes de interpretações<sup>20</sup>. Em virtude das suas variadas formas de manifestação, alguns elementos dela podem variar de autor para autor conforme o contexto em que ela é analisada (Miguel, 2005). Neste trabalho, utilizo como base de interpretação a definição feita por Norberto Bobbio (2000) que define democracia, a partir do seu caráter liberal e universalizante,

---

<sup>19</sup> O conceito de Democracia como forma de governo é antigo, por exemplo, na Grécia, era interpretada como o “Governo de muitos” ou “Governo do povo”, inspirando um ideal de “igualdade” que se estende até a sociedade moderna (Bobbio, 2000).

<sup>20</sup> De acordo com Miguel (2005) existem alguns autores da ciência política que abordam o tema da democracia segundo variadas correntes de interpretação. Por exemplo, Macpherson discute a ideia de democracia liberal onde os sujeitos são livres para participarem da competição eleitoral e também defende a ideia de democracia participativo-representativa em que os espaços públicos devam ser utilizados para participação popular, enquanto os agentes políticos devem ser tratados como representantes desses interesses; enquanto que Bentham e James Mill defendem um tipo de democracia protetora capaz de proteger o direito do voto dos cidadãos e servir de garantia contra governos tiranos; na corrente da democracia desenvolvimentista, John Stuart Mills pensa em um tipo de governo capaz de promover a imersão dos cidadãos na esfera pública e nos processos decisórios; já Schumpeter pensa a democracia enquanto meio capaz de manter o equilíbrio da competição eleitoral; a democracia deliberativa de Habermas é caracterizada pela promoção do debate público, que ele julga necessário para o bom funcionamento da sociedade democrática moderna, desta forma, as decisões políticas deveriam ser tomadas após uma ampla discussão entre as classes em busca do bem comum, dando uma ênfase ao princípio da igualdade; Jon Elster já pensa esse conceito a partir da teoria da escolha racional onde os cidadãos escolheram dentre as “ofertas” que lhes são apresentadas, o melhor representante que atenda aos interesses pessoais e aos da coletividade; dentre outras correntes.

como “uma das várias formas de governo, em particular aquelas em que o poder não está nas mãos de um só ou de poucos, mas de todos, ou melhor, da maior parte” (p. 7). O modelo de democracia que opera nos Estados modernos, segundo Bobbio, está pautado na perspectiva representativa, ou seja, “aquela forma de governo em que o povo não toma ele mesmo as decisões que lhe dizem respeito, mas elege seus próprios representantes, que devem por ele decidir” (p.33-34).

Dahl (2001) defende a ampla participação dos cidadãos nas decisões políticas, especialmente através do sufrágio universal. Desta forma, é possível atribuir ao voto dos cidadãos o poder de decisões, mesmo que indiretamente, pois eles são “livres” para escolher aqueles que os representarão, que defenderão os seus direitos sociais e políticos e atenderão a suas demandas dentro do aparelho do Estado (O’Donnell, 1999; Miguel, 2005).

Dahl (2001) e Przeworski *et. al.* (2003) destacam que uma sociedade que se diz democrática precisa se pautar em alguns princípios, como por exemplo, o de igualdade, liberdade e livre competição. No viés igualitário, pressupõe-se que todos os cidadãos são iguais perante a lei e, portanto, devem dispor dos mesmos direitos civis, sociais e políticos assim como descrito na Constituição Federal de 1988; a ideia de liberdade diz respeito à participação direta ou indireta dos cidadãos em processos decisórios, considerando que direitos políticos não se restringem apenas ao ato de votar, mas também na participação ativa e vigilante dos indivíduos dentro da gestão administrativa dos seus representantes; a vertente da livre competição defende que todos os cidadãos dispõem dos mesmos direitos de votar e ser votado em uma competição eleitoral justa, pluripartidária (em termos de representação), paritária (o voto de todos possui o mesmo peso, independente de gênero, classe ou raça) e que respeite as regras institucionais do jogo democrático (Sufrágio universal) (O’Donnell, 1999).

O’Donnell (1999) e Przeworski *et. al.* (2003) enfatizam que a cultura democrática é, portanto, necessária para promover a estabilidade no sistema democrático eleitoral, mas, eles também deixam claro que, para que isso ocorra, os cidadãos precisam adotar uma postura crítica compartilhada sobre as atitudes dos governantes, ou seja, uma espécie de consenso sobre quais são seus direitos e deveres enquanto cidadãos e quais são os deveres dos políticos enquanto representantes da vontade do povo (em sua maioria).

Mas, é válido destacar que apesar da teoria democrática em sua essência ser descrita como “governo do povo”, na realidade são presenciadas decisões políticas sendo tomadas por uma pequena minoria das elites econômica e política, onde os interesses privados são envolvidos dentro da administração pública. Miguel (2005, p.12) confirma esse argumento ao descrever que “as desigualdades materiais e simbólicas transbordam para a arena política,

contribuindo para impedir que determinados grupos tenham acesso pleno a ela ou nela sejam capazes de promover eficazmente seus interesses”.

O movimento de redemocratização construído pelo PMDB na década de 1980 ancora-se na defesa de um tipo de democracia que amplia a participação e a representação das classes. Nesse movimento, também houve uma descentralização do poder das elites políticas e econômicas locais em muitos estados e municípios aliados a ARENA, abrindo assim espaço para introdução de novos sujeitos neste campo político eleitoral (Miguel, 2005; Nicolau, 2012). Desta forma, uma Constituição Federal de 1988 que também é criada neste contexto, tem como intuito de garantir a unidade e a igualdade política de direito dos cidadãos brasileiros cujas origens, crenças e valores são tão diversos em um país com essa vasta dimensão territorial (Kinzo, 2004).

Para Mariano Sobrinho (1996) e Rietveld e Silva (1996), a década de 1980 também foi um marco de mudança na história política da cidade de Camalaú, visto que pela primeira vez em sua história é criado um grupo de oposição para disputar pelo cargo de prefeito. Neste cenário, temos a criação do grupo do PMDB<sup>21</sup> no município de Camalaú, sendo encabeçado pela figura do Sr. Antônio Mariano<sup>22</sup> Sobrinho que, até então, nunca havia disputado uma vaga nas cadeiras do Legislativo ou Executivo. Observem atentamente o quadro logo a baixo:

---

<sup>21</sup> Monteiro (2016) afirma que a construção PMDB na década de 1980, enquanto herdeiro do antigo MDB simbolizou a abertura para a democracia nacional, representou a liberdade de votar e ser votado, assegurou e permitiu maior representação política por meio do partido nas eleições locais e serviu como gatilho inicial para o processo de construção da constituição de 1988. Famílias políticas como os Cunha Lima em Campina Grande, os Lucena em Bananeiras e Maranhão em Araruna eram as principais frentes deste partido na Paraíba.

<sup>22</sup> Antônio Mariano Sobrinho, nascido em 25 de agosto de 1949, é um advogado, professor, escritor e político de Camalaú, formado em Bacharel em Direito e licenciado em Ciências Sociais, com pós-graduado em História. Ele é descendente de uma das primeiras famílias históricas a povoarem o território hoje conhecido como Camalaú. Por um longo período de sua vida foi professor no município o que resultou em uma atuação ativa nas causas sociais e educacionais, visto que foi responsável por mobilizar a construção das primeiras escolas da cidade. Na década de 1980 decidiu formar um grupo de oposição política a elite política dirigente da época o que resultou em embates marcantes nos palanques eleitorais de Camalaú (Mariano Sobrinho, 1996).

**Quadro 2** - Segunda parte do histórico dos candidatos ao cargo de prefeito de Camalaú-PB.

ANO	CANDIDATO	PARTIDOS	VOTAÇÃO	VÁLIDOS	SITUAÇÃO
De 1982/1983 a 1988	<b>Prefeito:</b> Cláudio Roberto <b>Chaves</b> Ventura. <b>Vice-prefeito:</b> Elizeu Firmino de Melo.	PDS	1.340	58,98%	Eleitos. (Seu governo durou 6 anos).
	<b>Prefeito:</b> Antônio <b>Mariano</b> Sobrinho. <b>Vice-prefeito:</b> José <b>Mariano</b> Filho (irmão do candidato a prefeito).	PMDB	932	41,02%	Não eleitos.
De 1988/1989 a 1992	<b>Prefeito:</b> José <b>Chaves</b> Firmo (Veio a falecer em 25 de Março de 1989). <b>Vice-prefeito:</b> Ivo Neco da Silva (Assumiu como prefeito após o falecimento do aliado).	PL	Não obteve acesso ao registro número.		Eleitos.
	<b>Prefeito:</b> Antônio <b>Mariano</b> Sobrinho. <b>Vice-prefeito:</b> José Januário da Silva.	PMDB	Não obteve acesso ao registro numérico.		Não eleitos.
De 1992/1993 a 1996	<b>Prefeito:</b> Claudio Roberto <b>Chaves</b> Ventura. <b>Vice-prefeito:</b> José Aristóteles Sousa.	PFL	1.811	53,42%	Eleitos.
	<b>Prefeito:</b> Antônio <b>Mariano</b> Sobrinho. <b>Vice-prefeito:</b> José Sales da Silva.	PMDB	1.579	46,58%	Não eleitos.
1996	<b>Prefeito:</b> Antônio <b>Mariano</b> Sobrinho (Atual Patriarca da família). <b>Vice-prefeita:</b> Audenice <b>Chaves</b> Sousa.	PMDB	1.874	51,1%	Eleitos
	<b>Prefeito:</b> Aristeu <b>Chaves</b> Sousa. <b>Vice-prefeito:</b> Ivo Neco da Silva.	PRP	1.793	48,9%	Não eleitos

2000	<b>Prefeito:</b> Aristeu Chaves Sousa. <b>Vice-prefeito:</b> Antônio Carlos Chaves Ventura	PRP / PPS / PPB	1.787	58,48%	Eleitos
	<b>Prefeito:</b> Antônio Mariano Sobrinho. <b>Vice-prefeita:</b> Audenice Chaves Sousa.	PSDB / PFL / PDT / PMDB	1.269	41,52%	Não eleitos
2004	<b>Prefeito:</b> Aristeu Chaves Sousa. <b>Vice-prefeito:</b> Jacinto Bezerra da Silva.	PTB / PMDB / PRP / PL / PFL	1.925	54,35%	Eleitos
	<b>Prefeito:</b> Antônio Mariano Sobrinho. <b>Vice-prefeito:</b> Marcelino Leite da Silva.	PT / PSDB / PPS	1.602	45,23%	Não eleitos
	<b>Prefeito:</b> José Aguiar de Couto Sousa. <b>Vice-prefeito:</b> Mauri Paulo Alves Barbosa.	PP / PDT	15	0,42 %	Não eleitos
2008	<b>Prefeito:</b> Aristeu Chaves Sousa. <b>Vice-prefeito:</b> Jacinto Bezerra da Silva.	PTB / PRP / PSDB / PR / DEM	2.825	76,27%	Eleitos
	<b>Prefeito:</b> Maricelio Januário da Silva. <b>Vice-prefeito:</b> Joao de Deus Farias.	PP / PT / PSB / PV / PMDB	879	23,73%	Não eleitos
2012	<b>Prefeito:</b> Jacinto Bezerra da Silva. <b>(Representando os Chaves que já havia completado seus 12 anos de mandato e não podia se reeleger).</b> <b>Vice-prefeito:</b> Alecsandro Bezerra dos Santos <b>(Sandro Môco)</b>	PSD / DEM / PSB / PRP / PR	2.995	Chapa única.	Eleitos

**Fontes:** Elaboração própria do autor do trabalho com base nos dados do TRE (2024) e Mariano Sobrinho (1996).

Mariano Sobrinho (1996) argumenta que seu intuito na eleição de 1982 era fazer frente às grandes famílias políticas tradicionais do município, lideradas pelos Chaves e seus aliados, os Bezerra e os Lucas, como mencionado anteriormente. Apesar de não obter êxito nesse pleito, podemos perceber uma nova histórica política sendo contada em Camalaú, pois temos a criação de um novo grupo para fazer oposição no município após 20 anos sendo comandada apenas por um círculo de aliados de três famílias.

Antônio Mariano Sobrinho nasceu em 1949, natural da cidade de Congo-PB. Ele é um professor, advogado e ativista social muito renomado no município de Camalaú. Com Quitéria Pereira Mariano, ele teve seus três filhos: Ubirajara Antônio Pereira Mariano (Bira Mariano), Iara Quitéria Pereira Mariano e Jussara Maria Pereira Mariano. Ele é bacharel em Direito, licenciado em Ciências Sociais e com pós-graduação em História. Descendente de uma das famílias rurais fundadoras de Camalaú que colonizaram esta região, também era um grande detentor de terra na zona urbana do município<sup>23</sup> e agente comunitário (Mariano Sobrinho, 1996).

Entre os primeiros “projetos comunitários” realizados pelo professor Antônio Mariano Sobrinho com a comunidade de Camalaú, a partir do início da década de 70, destacaram-se: Fundação da Escola da Comunidade (e CEAGRO), distribuição de filtros (450) em Camalaú, São João do Tigre e Monteiro (com a participação da professora Geni) e distribuição de material para sanitários (150 casas), perfuração de poços “amazonas” (98) e tubulares, roça comunitária (com irrigação), restauração de dezenas de pequenas e médias barragens, construção de duas quadras esportivas, construção do centro comunitário de Pindurão e Camalaú, criação de duas creches (em Pindurão e Camalaú), realização de grandes festas e eventos culturais (em Camalaú, Sumé e Monteiro), doação de centenas de terrenos para a construção de casas residenciais, manutenção de 1º grau e 2º grau (Curso Técnico em Agropecuária) durante vinte anos, etc. (Mariano Sobrinho, 1996, p.60-61).

A maior parte de suas ações comunitárias era voltada para a ação social, cultura, educação e a política. Além disso, também foi responsável por criar os símbolos da bandeira do município, seu brasão e o hino de Camalaú (Mariano Sobrinho, 1996; Rietveld e Silva, 1996).

---

<sup>23</sup> Durante meu contato inicial com os moradores de Camalaú eles me relataram que a família Mariano eram grandes possuidores de terra dentro da zona urbana do município e também foram grandes responsáveis por doações para construção de prédios públicos. Esse dado é confirmado por Mariano Sobrinho (1996) que relata que sua família foi uma das grandes responsáveis por doar terras e ajudar na construção de escolas para a cidade de Camalaú e alguns espaços públicos, como quadras e praças.

**Figura 3 - Bandeira e Brasão do município de Camalaú.**



Fonte: Mariano Sobrinho (1996).

Em minhas entrevistas, ouvi de Sansa Stark e Arya Stark (Entrevistadas em abril de 2023) o quanto as pessoas respeitavam a história dos feitos políticos e sociais do Sr. Antônio Mariano no município. Hoje ele é o atual patriarca da família dos Mariano e é pai de atual prefeito Bira Mariano (Eleito nas eleições municipais de 2024). Ele é aquele a quem as pessoas prestam bastante respeito, quando é proferido o seu nome, mesmo por aqueles que fazem parte de grupos de oposição. Ele é o pioneiro do grande legado político do grupo tradicional de oposição de Camalaú encabeçado pela família dos Mariano, e é através dele que os demais familiares chegaram aos cargos do Legislativo.

Pela primeira vez na história, em 1982, a cidade de Camalaú partia para uma disputa eleitoral com a presença duas chapas opositoras: A primeira encabeçada pelo grupo de situação dos Chaves, na pessoa do Sr. Cláudio Roberto Chaves Ventura (candidato a prefeito) e Elizeu Firmino de Melo (o vice). Vale destacar que ambos já possuíam histórico na gestão política e administrativa de Camalaú, pois Cláudio Chaves já tinha sido vice-prefeito na gestão do prefeito José Chaves em 1973; e Elizeu Firmo já havia sido vice-prefeito na de Pedro Bezerra em 1970. Deste modo, ambos já possuíam fortes alianças políticas na cidade, principalmente em seus próprios núcleos familiares. Enquanto que, do outro lado, a chapa da oposição era a família Mariano, liderada por Antônio Mariano Sobrinho (candidato a prefeito) e José Mariano Filho (candidato a vice) seu irmão. Aqui percebemos dois novos personagens entrando na disputa pelo controle político administrativo do município de Camalaú. No entanto, eles não obtiveram êxito e perderam a campanha. Assim, novamente os Chaves permaneceram no poder por mais

14 anos consecutivos, pois, em 1988 e 1992 os cenários se repetem e o grupo dos Mariano perdem para o dos Chaves (TRE, 2024).

Mesmo com as três derrotas consecutivas, Mariano Sobrinho (1996) conclui que seu grupo oposicionista nas eleições de 1982, 1988 e 1992 apesar de não obter êxito no Executivo, conseguiu uma boa representatividade na assembleia legislativa, fato que simbolizava um avanço na gestão administrativa do município. Ele assume o discurso de que, por mais que buscasse trazer “propostas inovadoras” para melhorar a qualidade de vida do cidadão camalauense na época, a resposta que lhes foi dada é que a força e influência da elite oligárquica dos Chaves era muito superior naquele território. Segundo Monteiro (2016), essas elites políticas oligárquicas se perpetuam no poder porque desenvolvem um patrimônio simbólico de capital político-familiar que é transmitido para seus herdeiros de maneira legítima. Esse recurso social está diretamente ligado às relações de parentesco que detém tanto capital social, econômico e político.

Mariano Sobrinho, no entanto, acredita que o desfecho dessas três eleições não é de todo perdido, pois seu grupo ainda conseguiu eleger alguns nomes para a câmara legislativa do município nos pleitos: José Almeida, Jacinto Bezerra e José Oliveira (Em 1982); e Audenice Chaves, José Mariano Filho e José Bezerra (Em 1988); José Mariano Filho, José Alves Bezerra, Audenice Chaves Sousa e Antônio Avelino Bezerra Maroca (Em 1992). Apesar de tudo, eles ainda construíram uma boa oposição na câmara nos três cenários eleitorais do Legislativo (TRE, 2024)<sup>24</sup>.

Segundo dados do TRE (2024), nos cenários de 1988 e 1992 nos deparamos com uma situação no mínimo curiosa na assembleia legislativa. Por dois mandatos, temos presentes na câmara vereadores duas candidatas da família Chaves de lados políticos partidários opostos, e ainda mais sendo uma mãe (Antonieta Chaves) e a outra filha (Audenice Chaves). Sr. Antônio Mariano (1996) descreve Audenice em seu livro como uma grande aliada das causas que ele defendia e muitas das suas ações comunitárias com a comunidade de Camaláu só se tornaram possível graças à parceria e ao esforço de ambos. Em seu livro há uma passagem em que ele descreve que a primeira repetidora de televisão instalada em Camaláu só foi possível graças ao apoio e colaboração de Audenice Chaves.

---

<sup>24</sup> CABE DESTACAR DESDE A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE CAMALÁU EM 1962 ATÉ OS PLEITOS ATÉ 1988, A CÂMARA LEGISLATIVA DO MUNICÍPIO ERA COMPOSTA APENAS POR 7 ASSENTOS PARA O CARGO DE VEREADOR. ESSE NÚMERO DE VAGAS SÓ VEIO SER AMPLIADO PARA 9 A PARTIR DAS ELEIÇÕES DE 1992 (TRE, 2024). ESSE DADO PODERÁ SER VISUALIZADO NO “APÊNDICES D – REGISTRO DAS CANDIDATURAS DO LEGISLATIVO DE CAMALÁU-PB”, DESTE TRABALHO.

Em 1996, o grupo dos Mariano obtém a vitória nas eleições municipais de Camalaú com uma pequena diferença de apenas 81 votos válidos (TRE, 2024). Neste contexto eleitoral, de um lado se tinha o grupo do partido PRP (Partido Republicano Progressista) dos Chaves, liderado por Aristeu Chaves Sousa e Ivo Neco da Silva (candidato a vice). Aqui temos um novo integrante da família Chaves entrando na arena de disputa, o Aristeu, e como seu aliado tem um veterano da política de Camalaú, que já havia sido vereador, vice-prefeito e prefeito interino, alguém que historicamente sempre foi aliado do grupo político da família Chaves. No lado dos candidatos da oposição se tinha o partido do PMDB, novamente encabeçado por Antônio Mariano visando o cargo de prefeito e Audenice Chaves (a grande novidade, visto que ela era primeira candidata mulher vice-prefeita eleita da história de Camalaú) que já tinha um histórico de duas vitórias como vereadora aliada dos Mariano (TRE, 2024).

Um fato curioso a ser destacado nessa disputa é que Aristeu Chaves e Audenice Chaves são irmãos e se encontram em lados opostos da disputa. Este dado evidencia que, apesar dos laços familiares serem importantes em pleitos eleitorais dos pequenos municípios, os jogos de interesse (ou conflitos) pessoais ainda são determinantes na formação dos quadros de alianças (Monteiro, 2016). Enquanto isso, a mãe deles, Antonieta Chaves, pleiteia uma vaga na câmara legislativa, aliada ao partido do seu filho. Apesar da derrota de Aristeu nessa eleição, temos uma presença considerável dos Chaves na câmara, pois além de Antonieta, também foram eleitos Antônio Carlos Chaves Ventura e Josefa Jerônimo Chaves, ambos aliados do PRP, partido da família (TRE, 2024).

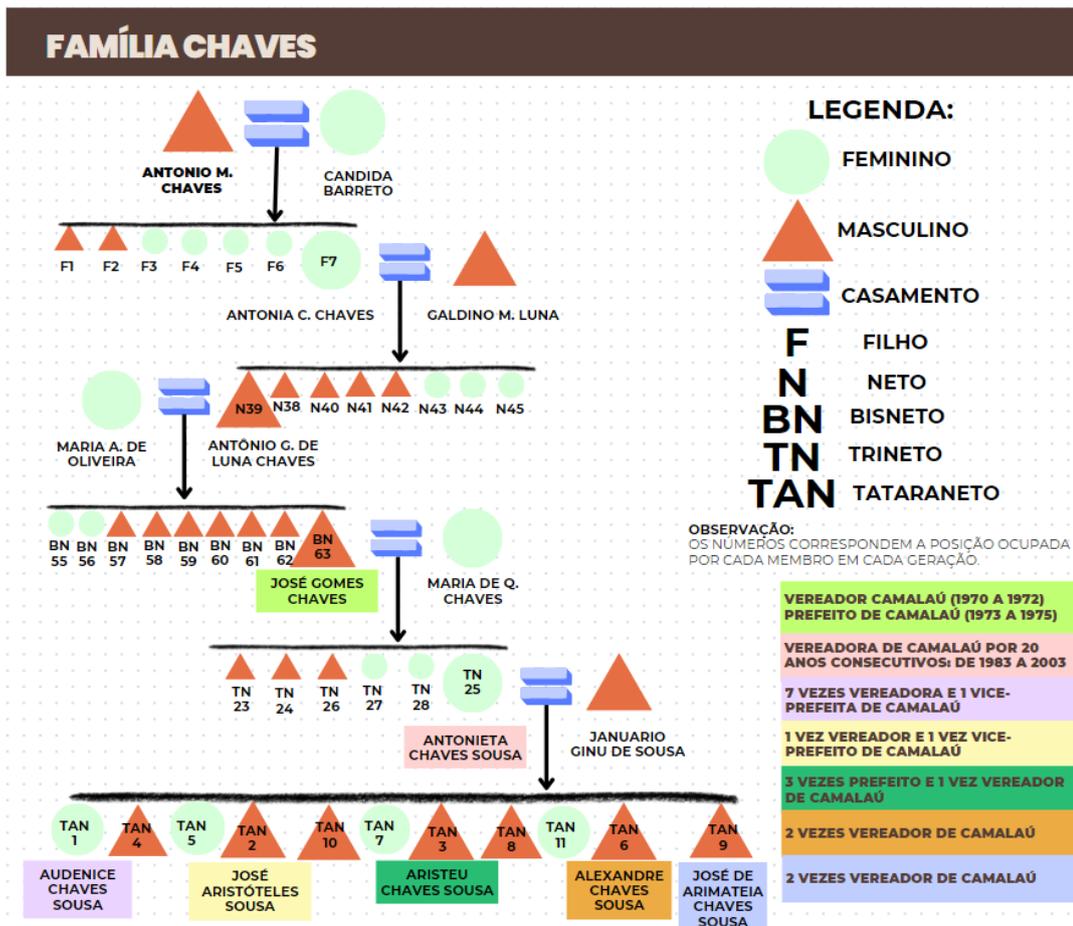
Com esse dado é possível constatar que a família Chaves, em seu conjunto, não apenas se mantém no poder, como também reforça sua presença no cenário político local. A pluralidade de candidaturas familiares, ainda que em lados opostos na eleição, revela uma estratégia típica dos grupos políticos tradicionais: a fragmentação eleitoral que não compromete a unidade do poder familiar (Monteiro, 2016). Isso se torna evidente se observarmos que, mesmo com a derrota de Aristeu, outros membros da família lograram êxito na eleição para Executivo e legislativo, garantindo a continuidade da influência familiar no espaço político local. Assim, a “rivalidade” intrafamiliar não fragiliza o poder da família, pelo contrário, reafirma a força da elite familiar e evidencia a capacidade adaptativa das oligarquias nas disputas pelo poder nos pequenos municípios (Viscarra e Ferreira, 2021).

Antônio Mariano (1996) reconhece o poder, o papel e a força da oligarquia política da família tradicional dos Chaves em Camalaú, e da sua base de aliados (Bezerra e Lucas) que tinham estado em posse do poder Executivo de Camalaú desde sua emancipação em 1962 até 1996.

Na história política de Camalaú, o núcleo familiar que obteve a maior parcela do poder foi o de Antonieta Chaves Sousa, especialmente a partir das eleições de 1988: Antonieta Chaves Sousa (mãe) – vereadora; José Aristóteles Sousa (filho) – vereador e vice-prefeito; Audenice Chaves de Sousa (filha) – vereadora; Aristeu Chaves Sousa (filho) – superintendente da polícia; Antônio Carlos Chaves Ventura (primo) – vereador; Cláudio Roberto Chaves Ventura (primo) – prefeito. Sem contar muitas outras pessoas da família que ocupam cargos públicos (Mariano Sobrinho, 1996, p. 60).

A seguir apresento-lhes um diagrama de parentesco da família Chaves, onde busco evidenciar a origem de uma das linhagens que possui alguns dos principais membros políticos dessa oligarquia do município e que tem destaque até os dias de hoje tanto no cenário do Executivo, quanto do Legislativo:

**Figura 4 - Diagrama de parentesco de uma das linhagens da família Chaves.**



Fonte: Elaboração própria do autor, inspirado na produção de Monteiro (2016), consultando os dados do TRE (2024) e Mariano Sobrinho (1996).

É inegável a força política da família Chaves em Camalaú. Porém, dentre os personagens destacados acima, temos Audenice Chaves como aliada de um grupo que faz oposição a sua família. Lendo Carreirão (2000), constato que, na política, há comportamentos eleitorais que são condicionados a partir das emoções. Ou seja, mesmo o voto ou as alianças que são formadas entre os grupos, estão carregados de relações não duráveis de lealdade. Isso quer dizer que, na corrida eleitoral, os sujeitos estão em constantes mudanças em suas alianças em virtude de elementos como: trocas clientelistas, critérios morais relativos à conduta dos atores, bases ideológicas e conflitos de interesses entre os sujeitos. Esses elementos não só são característicos no processo de escolha do voto por parte dos eleitores, mas também na formação das alianças que constituirão um quadro político que disputará um pleito. Então, destaco que apesar da instituição família ser importante nesses cenários, não é a única determinante para que ocorra êxito no quadro eleitoral geral, seja na captação de votos ou na formação das próprias alianças.

A gestão política/administrativa de Antônio Mariano e Audenice Chaves foi de 1996 até os anos 2000, quando houve uma nova campanha eleitoral, com um cenário bem semelhante ao que havia ocorrido em 1996. No entanto, diferente do anterior, Aristeu Chaves obtém êxito e passa a ser o novo prefeito de Camalaú, fazendo com que o poder do Executivo retorne para as mãos da elite oligárquica do grupo Chaves, permanecendo até o ano de 2012, pois Aristeu conseguiu se reeleger por mais duas vezes consecutivas, uma no pleito de 2004 e outra em 2008 (TRE, 2024). Se considerarmos que nos 4 anos que antecederam essa eleição dos anos 2000, quando Audenice estava a frente da gestão administrativa da cidade enquanto vice-prefeita, então, pode-se dizer que o poder nunca saiu da mão de um Chaves, só mudou o agente político. Muda-se o nome, mas não o sobrenome (Monteiro, 2016).

No cenário da assembleia legislativa, nos pleitos dos anos 2000, 2004 e 2008 o grupo dos Chaves também levou a melhor com seus aliados, pois fez a maioria da câmara nas três eleições, enquanto que o grupo dos Mariano fez a minoria. Um destaque relevante para o pleito de 2004 é o rompimento da aliança entre Audenice Chaves e o grupo dos Mariano e o seu “retorno” para o partido da sua família, liderado por seu irmão Aristeu, onde a mesma foi reeleita como vereadora (TRE, 2024). O poder do capital político familiar exerce forte influência nos cenários políticos regionais, assim como argumenta Monteiro (2016). A nível local em Camalaú observa-se que a instituição familiar também exerce forte influência sobre as construções desses quadros políticos e as configurações desses jogos pelo poder. Além disso, é possível notar como as alianças são fluidas e vão mudando de acordo com a corrente e os conflitos de interesse interno de cada agente político dentro dos grupos.

Viscarra e Ferreira (2021) também discorrem sobre como as elites locais conservam sua posição política dentro da administração pública através de das redes de parentesco e apadrinhamento. Porém, também destacam que a política nas cidades pequenas é marcada por práticas clientelistas, ditas troca de favores, seja entre o candidato e o eleitor, seja entre os próprios candidatos durante a formação das alianças (Carvalho, 1997). Então, noto que para além dos laços de sangue, também é necessário observar como as alianças são fluidas e como as mesmas vão mudando de acordo jogos de interesse internos que vão se desenrolando durante as eleições.

Em 2012 após completar 8 anos de mandato, Aristeu Chaves não podia mais tentar se reeleger, então ele escolheu como representante seu antigo vice Jacinto Bezerra e Sandro Môco, que saíram vitoriosos em uma campanha de chapa única. No Legislativo obteve-se um resultado interessante, porém esperado, o partido dos Chaves elegeu 7 de seus candidatos aliados, dentre eles temos os irmãos: Aristeu Chaves (que decidiu ser vereador, mantendo-se ativo no quadro político do município) e Audenice Chaves sua aliada. Demonstrando seu poder e sua grande influência dentro do município, Aristeu foi o vereador mais bem votado desta campanha, obtendo um total de 395 votos válidos. Pelo grupo político da família dos Mariano, foram 2 candidatos: Bira Mariano e Antônio Bezerra da Silva (TRE, 2024). Esse dado demonstra que nesse período os Chaves estavam no auge do seu poder de influência e mando dentro da cidade de Camalaú pois conseguiram eleger um representante sem muito esforço, praticamente nas eleições de 2012 não existia mais grupo de oposição em Camalaú.

### 3.2.3 Dominação Tradicional: Força da oligarquia Chaves.

Bourdieu (2011) destaca que o campo político eleitoral tem se mostrado enquanto um espaço de concentração de poder nas mãos de um pequeno grupo na sociedade moderna. Essas oligarquias, por sua vez, são detentoras de capital político, econômico, social e cultural responsável por legitimar e reproduzir um tipo de poder tradicional dentro de determinadas estruturas (Monteiro, 2016).

Na configuração política de Camalaú, a família Chaves, possui todas as características presentes no tipo de dominação tradicional, que é exercida e reproduzida através das estruturas de parentesco (Monteiro, 2016). De acordo com Weber (1999) esse tipo de dominação é exercido a partir do elo tradicional que a figura de liderança possui com o meio em que está inserido e esse hábito se dá a partir da instituição família. Rietveld e Silva (1996) reafirmam

esse fato destacando que todas essas figuras políticas de Camalaú são descendentes das grandes e antigas casas que fundaram o município.

Para Weber (1991) a relação entre dominadores e dominados em sua forma mais pura depende de alguns fatores, como: Relações de interesse, dependência, mero costume, por afeição ou por bases burocráticas. A dominação é um tipo especial de poder de mando que possibilita impor ao comportamento do outro a própria vontade, moldando suas atitudes, crenças, ações e em alguns casos até mesmo valores. Na perspectiva do costume em sua forma pura, opera-se a dominação tradicional (ou patriarcal) em que a obediência se dá em virtude do vínculo de fidelidade ao senhor (líder) a partir da tradição e do hábito (Weber, 1999).

Desde 1962 até 2016 a família Chaves e dos seus aliados tem estado no controle do poder administrativo do Executivo e do Legislativo, salvo o período de 1996 até os 2000, onde o outro grupo dos Mariano havia ganhando as eleições (TRE, 2024). Neste sentido, o grupo político tradicional familiar dos Chaves demonstra grande poder simbólico sobre os seus eleitores, em comparação ao seus adversários, visto que, na maior partes dos anos, desde a emancipação do município de Camalaú, eles estiveram a frente do órgão do Executivo, mesmo que não tivessem diretamente sentados na cadeira de prefeito. Sua influência diante da formação dos quadros políticos históricos do município até 2012 é inquestionável.

Todos aqueles que já foram ou são prefeitos representam uma figura de autoridade política e administrativa dentro dos municípios. Toda dominação manifesta-se a partir da influência do dominador (prefeito) sobre as ações sociais dos dominados (funcionários e eleitores), e na sociedade democrática moderna esse tipo de dominação opera dentro da própria administração pública. Nessa concepção weberiana, o tipo de dominação que mais deveria se aproximar desse tipo de relação seria a burocrática, que se organiza a partir de regras, leis e regulamentos administrativos capazes de promover a separação entre a vida pública e privada da liderança (Weber, 1999). No entanto, o que se presencia em determinados contextos como o de Camalaú é que esse tipo de dominação acaba tendo um caráter secundário dentro das relações tradicionais que estruturam a sociedade política.

Monteiro (2016) pontua que um candidato ou grupo político precisa ter “capital politico-familiar”, para poder obter êxito em disputas eleitorais, legitimar e reproduzir seu poder tradicional diante do eleitorado por muitos anos. Para o autor, esse tipo de capital é alicerçado uma herança familiar e é resultado de processos históricos de dominação, concedendo ao agente facilidade de acesso aos cargos públicos e na inserção de quadros políticos. Ele define esse

conceito como a associação entre os capitais<sup>25</sup> econômico, social e cultural, presentes na teoria de Bourdieu, além de um domínio sobre heranças materiais e simbólicas de um determinado grupo. Nesse sentido, esse tipo de capital político-familiar se constitui como uma “força tradicional” dos grupos políticos brasileiros que compõem os espaços do Executivo e Legislativo dos municípios.

Monteiro (2016) constrói esse conceito de “capital político familiar”, transmitido pela família e pelo seu patrimônio material e simbólico, a partir do estudo sobre as antigas oligarquias políticas da Paraíba: Os Cunha Lima e Vital-Rêgo de Campina Grande, os Maranhão de Araruna, os Lucena de Bananeiras, etc.; o autor descreve que o poder oligárquico dessas famílias faz parte de uma configuração de dominação tradicional que opera nos municípios controlando a sua dinâmica política e a sua estrutura social. Essas famílias não ocupam apenas cargos do Executivo e Legislativo, mas também cargos estratégicos que são responsáveis por conduzir e organizar a vida nesses municípios.

Em Camalaú, esse cenário de dominação oligárquica tradicional se estende desde sua emancipação em 1962 até o ano de 2016. Ao cruzar os registros históricos das lideranças políticas do Executivo e Legislativo com o discurso dos entrevistados, constato que a família Chaves, além de ocupar uma posição de comando, também se inseria dentro da administração pública, por meio da ocupação de cargos nas secretárias municipais.

O conceito de capital político-familiar proposto por Monteiro (2016) introduz a ideia de que as redes de parentesco também podem se converter em um recurso social importante para a constituição de grupos políticos regionais. Para ele, o poder de um líder político ou de um grupo também se desenvolve a partir das conexões que ele forma com a sociedade a sua volta. Essas relações, por sua vez, são determinantes nos resultados eleitorais.

Monteiro (2016) e Ferreira (2001) também pontuam em seus trabalhos a importância da formação de laços com a comunidade, pois essas relações com o eleitorado nutrem a legitimidade do seu poder. Pensando no contexto atual de Camalaú, a dominação tradicional está diretamente ligada às estruturas de parentesco e suas relações de patronagem e clientelismo, enquanto práticas comuns de regimes políticos tradicionais das cidades pequenas do interior,

---

<sup>25</sup> Com base na sua leitura de Bourdieu, Monteiro (2016; 2018) classifica os capitais em três categorias. O primeiro é o “Capital Econômico” expresso no acúmulo de recursos econômicos, ou seja, renda, propriedade privada, terras, etc. bem materiais que podem ser convertidos em poder político. O segundo é o “Social” que estrutura-se nas redes de alianças formadas pelos agentes políticos que podem ser convertidas em recursos que facilitam a introdução e reprodução dos mesmos dentro do campo político. Por fim, o “Capital Cultural” é adquirido por meio do processo de escolarização, no entanto, esses saberes também são potencializados no âmbito da própria família, quando os privilégios de classe facilitam o acesso desses agentes a instituições que os nutre com competências e habilidades fundamentais para assumirem a direção de cargos públicos.

cruciais para determinar o grau das alianças que são formadas entre políticos e seus eleitores (Ferreira, 2001; Monteiro, 2016; Carvalho, 1997; Leal, 2012).

No cariri paraibano a família Chaves é um exemplo claro de como esses grupos políticos familiares reproduzem seu poder a partir dos seus herdeiros que, nascendo em berços “privilegiados”, possuem fácil acesso ao campo político. Esses grupos herdam não apenas o sobrenome e o capital político-familiar, mas, sobretudo, o prestígio e legitimidade social adquirido historicamente pela família. Nesse sentido, Monteiro (2016) corrobora para a compreensão que esses herdeiros são socializados no âmbito das famílias políticas, para aprender o sentido do jogo político, as estratégias de atuação dentro desse campo e a forma sobre como lidar com os apoiadores.

Para além das redes de parentesco, autores como: Monteiro (2016), Carvalho (1997), Leal (2012), Sabourin (2020) e Carreirão (2000), afirmam que práticas clientelistas e de patronagem eleitoral também possuem sua influência dentro do jogo eleitoral. Estas práticas são expressas nos dias atuais a partir de ações políticas de assistencialismo movidas por interesses pessoais do líder, que privilegia determinado indivíduo, em troca do seu voto, fidelidade e apoio material, que dá vantagens ao grupo político no campo de concorrência eleitoral. É, portanto, uma aliança de benefício mútuo. Conforme destacam os autores, essa é uma característica comum dos quadros políticos da Paraíba, fazendo com que essas famílias monopolizem o poder e reproduzam suas formas de dominação política por gerações, instituindo-se como uma força política tradicional do município.

Baseado em Monteiro (2016), constato que a oligarquia Chaves praticou até 2016 o que ele denomina de “parentismo político” que é a inserção de parentes em cargos públicos. Isso possibilitou para eles o acúmulo de capitais e patrimônio, tornando-os sujeitos de grande prestígio dentro e fora de Camalaú. Um tipo de dominação que controla a estrutura social do território e legitima os candidatos das novas gerações, pois muda-se o nome e permanece o sobrenome, assim como descreve Monteiro ao estudar as grandes elites oligárquicas da Paraíba.

No período em que fiz o trabalho de campo, a figura de Aristeu Chaves representava o legado político de sua família. Entrevistados como Tommen, Cersei e Myrcella, seus apoiadores, o retratam como uma figura política íntegra, moral e ficha limpa, vinda de uma família honesta que por muito tempo contribuiu para o desenvolvimento político, econômico e social da cidade (Entrevistados em abril e maio de 2023).

Em entrevista realizada em abril de 2023, Tommen, ao comparar a gestão entre os Chaves e os Mariano, afirmou que Aristeu Chaves *“é íntegro e um ótimo gestor, pegou Camalaú em um momento defasado com meses de salários atrasados [deixados pela gestão*

*dos Mariano], com precatórias atrasadas e conseguiu reestruturar Camalaú, [...] venho de uma linhagem de família que sempre apoiou Aristeu Chaves”*. Tanto Carreirão (2000), quanto Monteiro (2016) concordam que estabelecer uma relação de confiança e confiabilidade com seu eleitorado também é fundamental para manutenção do poder da liderança política. Aqui a herança política também age como um dispositivo de privilégios que permite acesso a cargos públicos e facilita a ascensão política exitosa dos agentes. Myrcella vê em Aristeu uma liderança tradicional vantajosa para Camalaú, pois ele também consegue *“exerce uma função de ‘ponte’ entre o governo do Estado e a gestão municipal”* (Entrevistada em 02 de maio de 2023).

Considerando as alegações de Monteiro (2016), observo que esses núcleos políticos familiares tradicionais e os vínculos que eles também fazem com outros sujeitos fora da sua linhagem possibilitam maiores chances para exercer cargos de comando dentro das repartições públicas. No entanto, lendo Carreirão (2000), também noto que é preciso pensar a política a partir de critérios morais relativos à conduta dos atores políticos, pois, para além do sangue, o candidato também necessita construir uma imagem confiável, íntegra e moral diante de seus eleitores. Em seu texto, o autor discorre sobre como os cidadãos usam o voto como método de avaliar e atribuir confiança a um sujeito político, então, suas atitudes em cenas do cotidiano (principalmente em municípios pequenos) também são mensuradas na métrica da legitimidade.

#### **4 LIDERANÇA CARISMÁTICA: A ASCENSÃO DE SANDRO MÔCO EM CAMALAUÍ**

A corrente teórica da dominação carismática está presente na sociologia política clássica de Max Weber (1999) em seu livro *Economia e Sociedade*. No plano subjetivo, o carisma está classificado como um tipo ideal de dominação, normalmente associado a figuras políticas (ou religiosas) que dispõem de qualidades pessoais de liderança extracotidianas. Tais qualidades são avaliadas (reconhecidas) subjetivamente pelos dominados, que atribuem legitimidade ou não a essa forma de dominação.

Nesta seção, a teoria weberiana sobre a dominação carismática será essencial para pensar e refletir sobre o papel desempenhado pela figura de Sandro Môco dentro do contexto político de Camalaú, especificamente no período correspondente aos anos de 2016-2024. Considero que Sandro configura-se como uma liderança carismática, por possuir características que estão inscritas nesse tipo ideal de dominação. Além disso, também penso em seu caráter revolucionário, capaz de romper com um tipo de configuração de dominação tradicional histórica do município e preparar o terreno para instaurar uma nova ordem no imaginário das pessoas a partir de 2016. Desta forma, busco demonstrar como essa nova ordem estrutural pode transformar as atitudes e as convicções do eleitorado durante um processo eleitoral democrático que foi responsável por legitimar a vontade dos “dominados” (eleitores).

É possível pensar a teoria de dominação carismática de Weber a partir de três perspectivas: em sua dimensão micro, que a usa para analisar as relações sociais estabelecidas entre os líderes políticos carismáticos com os eleitores (dominados) no plano psicossocial; na dimensão meso, que reflete sobre a influência deste tipo de dominação no plano organizacional da vida social; e na dimensão macro que investiga e analisa como esse tipo de dominação transforma (ou não) as estruturas sociais nos contextos específicos em que se apresentam (Sell, 2018; Weber, 1999). Utilizo dessas três dimensões para analisar nesta seção a ascensão e consolidação de Sandro Môco e seu grupo na configuração social e política de Camalaú.

Além das discussões teóricas, essa seção também começará a introduzir mais a fundo as narrativas apresentadas pelos entrevistados sobre a conjuntura política de Camalaú no ano de 2023. Ele está dividido em 4 seções: a primeira diz respeito a discussão sobre o conflito entre a tradição dos Chaves e renovação política proposta por Sandro em 2016. Na segunda seção, são aprofundadas as discussões sobre o declínio da oligarquia dos Chaves após as eleições de 2016. Na seguinte, começo a caracterizar teoricamente o conceito de liderança carismática, como ele se relaciona com a figura de Sandro e as percepções dos entrevistados a respeito dele

e de sua gestão administrativa. Por fim, apresento as novas reconfigurações políticas do município tomando como base o rompimento e a formação das alianças entre os grupos.

#### **4.1 Uma nova história política para Camalaú: o embate entre a tradição e a renovação em 2016.**

Como vimos na seção anterior, o município de Camalaú tem estado sob o governo da elite familiar dos Chaves há muitos anos. Em contrapartida, eles têm disputado com outra grande família política tradicional desde a década de 80, os Mariano, que têm se mostrado como uma oposição persistente, vigilante e ativa dentro da cidade.

A autoridade de Sandro Môco pode ser considerada como nova dentro dessa configuração política geral, pois ele se insere na vida pública do município apenas em 2008, sendo oriundo de uma família de agricultores da zona rural. Sandro trabalhou no campo durante toda sua juventude e, em sua fase adulta, como pequeno criador de caprinos, ovinos e bovinos. Diferente das duas principais lideranças à frente das eleições no município em 2016 (Aristeu Chaves e Antônio Mariano), ele não possui formação no Ensino Superior. Tendo só o ensino médio completo, e filho de uma família rural, que não possuía histórico de participação nos quadros políticos do município (Sandro Môco, entrevistado em abril de 2023).

A história política de Sandro Môco começa a ser escrita no município de Camalaú em 2008, quando ele se elege pela primeira vez como vereador por intermédio de uma aliança com o partido dos Chaves, resultado de um apadrinhamento de Ronaldo Chaves (Sandro Môco entrevistado em abril de 2023). Em suas falas, ele deixa evidente que esse desejo de entrar na vida pública surgir da vontade pessoal de ajudar os mais carentes de município. Nessa campanha ele obteve êxito e foi o vereador mais bem votado do pleito (475 votos válidos). No mesmo ano, também foi escolhido para ser o presidente da câmara, demonstrando assim o reconhecimento da sua força de liderança perante o quadro político geral (TRE, 2024). Logo em seguida, segundo o próprio Sandro, ele foi convidado pelo grupo político dos Chaves para ser candidato a vice-prefeito em 2012.

Weber (1991) descreve que no plano administrativo uma liderança adepta ao carisma não é escolhida devido a sua qualificação profissional, mas por conta das suas vocações pessoais. Um político carismático é por excelência um demagogo, capaz de ganhar popularidade em uma democracia estabelecendo relações emocionais com seu povo. Refletindo sobre os aspectos que tornaram possível a ascensão de Sandro em 2008 e 2012, constato que ele era escolhido para ocupar esses cargos não por conta da sua qualificação profissional

(formação), mas pelas alianças que ele formava com o seu grupo político na época, os Chaves e os seus eleitores.

Sandro em sua entrevista assume o discurso de que ele surge como liderança política no município como uma “*opção*” que não pertence a nenhuma família política tradicional, referindo-se aos Chaves e Mariano. No entanto, constato nos seus próprios relatos que sua chegada ao Legislativo em 2008 e, posteriormente, como vice-prefeito em 2012, se deu através de um apadrinhamento feito pela família dos Chaves. De certa forma, isso influenciou no resultado final da campanha, considerando que, naquela época, eles detinham um prestígio inquestionável. As alianças políticas são muito importantes em pleitos eleitorais, pois amplia a rede de apoio de eleitores para os candidatos. Além disso, apadrinhamentos também se constituem como um elemento importante na incorporação do capital político-familiar tradicional das oligarquias (Monteiro, 2016).

Sansa, uma das minhas entrevistadas, comentou que, apesar dele não possuir nenhum vínculo sanguíneo direto com as famílias políticas tradicionais da cidade, ele já foi casado com uma Chaves (prima de Aristeu) durante o período em que os teve como aliados (Sansa entrevistada em abril de 2023). Então, constato que pelo menos inicialmente, essa família foi necessária para que o mesmo se inserisse nos partidos políticos do município em 2008 e 2012. Monteiro (2016) trabalha essas relações a partir do conceito de parentela, em que os indivíduos que não pertencem às linhagens das famílias tradicionais, se inserem no campo político por meio do estabelecimento de alianças com elas.

Não há como definir se o resultado eleitoral desses pleitos teriam sido o mesmo se a candidatura fosse independente, porém, também é inegável a força política de Sandro Môco no município, principalmente com as classes populares. Isso é expresso nas altas porcentagens de votos obtidas em cada um dos seus pleitos de 2008 e 2012 (TRE, 2024). Arede (2013) argumenta que o poder de um político em determinados casos também pode estar desvinculado do seu grupo de aliados (mas, não está completamente). Por exemplo, a autora descreve que mesmo que uma liderança carismática possua alianças com grupos tradicionais, seu poder de influencia pode não ser medido por esse vínculo, então, não se configura como um critério determinante para a escolha primária do eleitorado.

O ano de 2016 é marcado por fortes tensões políticas entre o Môco e os Chaves, conflitos esses que resultaram no rompimento da aliança entre eles. Para Sandro Môco, o que o levou a romper sua aliança com os Chaves foi a divergência de opinião a respeito da condução das ações administrativas do município para com o povo do município enquanto vice-prefeito na gestão de Jacinto Bezerra. Em suas palavras:

*“O afastamento do Sandro Môco com o grupo do ex-prefeito Aristeu é justamente por Sandro Môco ser do POVO. Sandro Môco entrou na política justamente com o único objetivo de servir, então nesse grupo político, eu não tive o menor apoio para servir. Quando eu fui o vereador mais votado, de certa forma esse grupo de oligarquia já me viram com maus olhos, já me viram como uma pessoa que no futuro poderia ser uma grande liderança. Eu acredito que eles me avaliaram dessa maneira, então não me deram espaço para eu fazer aquilo que eu tanto sonhei desenvolver um bom trabalho para o nosso município e para o nosso povo [...]”* (Entrevistado em Abril de 2023).

Para ele, a divergência de opiniões com os Chaves desencadeou novos cenários eleitorais nas disputas subseqüentes de Camalaú e possibilitou a formação do seu próprio grupo. Sandro Môco assume o discurso de que conseguiu êxito em sua trajetória política fugindo do modelo tradicional conhecido no município, apesar de chegar aos cargos públicos por vias estratégicas de alianças ou apadrinhamento de outras figuras tradicionais. Ele se retrata enquanto sujeito humilde, simples, amigo, companheiro, aquele que olha pelos pobres, que ajuda nas necessidades e que trata todos com igualdade, “*ser do povo*” e que como político busca “*servir ao povo*” (Sandro Môco entrevistado em Abril de 2023).

Além disso, o trecho assim também evidencia uma orientação doutrinária subjacente ao rompimento político entre Sandro Môco e o grupo tradicional dos Chaves, na medida em que a divergência não se limita apenas a questões administrativas, mas se fundamenta em concepções distintas sobre a prática política. Sandro Môco constrói sua identidade política a partir de valores vinculados ao ideal de assistencialismo, destacando sua motivação de “*servir ao povo*” e se contrapondo ao modelo tradicional.

Para Weber “o senhor carismático tem de se fazer acreditar como senhor ‘pela graça de Deus’, por meio de milagres, êxitos e prosperidade do séquito e dos súditos” (1991, p. 137). Pensando a realidade política, podemos atribuir que um líder carismático precisa assumir o discurso de que sua missão para com o povo é maior que seus interesses pessoais, pois conforme destaca Weber em *Economia e Sociedade* (1999, p. 325), o carisma em sua forma pura “rejeita como indigna a obtenção racional e planejada de dinheiro, bem como toda atividade econômica racional”. Assim, o poder de mando do líder carismático (teoricamente) jamais deve ser para obtenção de ganhos privados, mas sim, para o bem do povo. Nesse caso, um líder adepto ao carisma, como Sandro, precisa tomar para si um discurso que exalta das suas qualidades subjetivas, que o situa enquanto um igual, capaz de “*servir ao povo*”, para obtenção do reconhecimento de sua missão.

Pode-se dizer que o ano de 2016 é marcado pela cisão entre o Môco e a família Chaves, fato que desencadeou uma série de mudanças nos quadros políticos da cidade. Logo após o

rompimento, Sandro formou seu grupo político independente e lançou sua candidatura pleiteando a liderança do cargo de prefeito do município de Camalaú. Na entrevista (Abril de 2023) ele comentou que tendo Aristeu Chaves como um adversário em comum, a família Mariano buscou estabelecer uma aliança com ele para que juntos os dois grupos pudessem somar forças na campanha eleitoral de 2016. O estabelecimento de alianças entre grupos políticos distintos em pleitos eleitorais tem sido uma prática estratégica muito importante para ampliação de capital político e captação de votos nas cidades pequenas, considerando que na maioria dos casos, há apenas duas chapas disputando as eleições (Viscarra e Ferreira, 2021; Monteiro, 2016).

Nesse pleito em específico, temos Sandro Môco enquanto candidato a prefeito e Ezequiel Sóstenes (Sobrinho do Sr. Antônio Mariano) como vice-prefeito; e na outra extremidade temos Aristeu Chaves enquanto candidato a prefeito e Wilson Rogério vice. O grupo formado por Sandro e os Mariano venceu a campanha eleitoral, com 52,06% dos votos, uma diferença de 185 votos em relação ao grupo Chaves (TRE, 2024). Essa aliança política exitosa entre o Môco e os Mariano perdurou até o pleito de 2020, como se pode observar no quadro a baixo:

**Quadro 3** - Terceira parte do histórico dos candidatos ao cargo de prefeito de Camalaú-PB.

ANO	CANDIDATO	PARTIDOS	VOTAÇÃO	VÁLIDOS	SITUAÇÃO
2016	<b>Prefeito:</b> Alecsandro Bezerra dos Santos <b>(Sandro Môco).</b> <b>Vice-prefeito:</b> Ezequiel Sóstenes Bezerra de Farias <b>(Sobrinho de Antônio Mariano).</b>	PV / PSDB	2.335	52,06%	Eleitos
	<b>Prefeito:</b> Aristeu Chaves Sousa. <b>Vice-prefeito:</b> Wilson Rogério do Nascimento Nunes.	DEM / PDT / PSB / PRP / PR	2.150	47,94%	Não eleitos
2020	<b>Prefeito:</b> Alecsandro Bezerra dos Santos <b>(Sandro Môco).</b> <b>Vice-prefeito:</b> Ubirajara Antônio Pereira <b>Mariano.</b>	PV / PSDB / PROS	2.790	55,34%	Eleitos
	<b>Prefeito:</b> Aristeu Chaves Sousa. <b>Vice-prefeito:</b> Marcelino Leita da Silva.	PL / CIDADANIA	2.252	44,66%	Não eleitos

**Fontes:** Elaboração própria do autor do trabalho com base nos dados do TRE (2024) e Mariano Sobrinho (1996).

No pleito eleitoral de 2016, apesar do grupo dos Chaves ter perdido, a diferença na porcentagem dos votos foi mínima, como pode-se observar acima. Além disso, no quadro de eleitos da câmara legislativa, eles conseguiram eleger 5 dos seus candidatos a vereadores, enquanto que o grupo Môco+Mariano elegeram apenas 4 (TRE, 2024)<sup>26</sup>. Dentre os eleitos, destaco o nome de Ubirajara Antônio Pereira Mariano, popularmente conhecido como Bira Mariano e filho de Antônio Mariano que na eleição subsequente virá a ocupar o cargo de vice-prefeito ao lado de Sandro.

A configuração político-eleitoral apresentada no pleito de 2016 implica que a gestão de Sandro Môco se desenvolveu em um cenário de intensa fragmentação e equilíbrio de forças. Embora tenha conquistado a vitória, a diferença mínima de votos, aliada ao fato de o grupo dos Chaves ter eleito cinco vereadores contra quatro do grupo Môco+Mariano, sugere uma administração marcada pela necessidade constante de articulação e negociação política.

Do resultado desse pleito conclui-se que, mesmo após perder o “controle” do cargo de prefeito, os Chaves ainda possuem uma boa representatividade no Legislativo. Mas, Sandro Môco (entrevistado em abril de 2023) afirma ter conseguido realizar uma boa gestão no período 2016-2020, mesmo com a minoria da câmara, pois conseguiu estabelecer acordos com eles no período.

De acordo com Lopez (2004), a gestão do Executivo precisa do apoio do Legislativo para garantir a boa governabilidade de sua gestão. No entanto, vereadores precisam do apoio da prefeitura para atender as demandas do seu próprio eleitorado. Um Legislativo atuando de maneira individualizada não é capaz de atender ao trabalho social que lhe é cobrado após as eleições por seus apoiadores. O autor faz essas afirmações com base em um estudo de caso na câmara legislativa no município de Araruama-RJ, onde ele descreve (a partir dos relatos de alguns vereadores) que, sem o apoio do Executivo, um parlamentar não consegue empreender ações exitosas para sua comunidade.

Na eleição municipal seguinte de 2020, Sandro Môco consegue ser reeleito para o cargo de prefeito e, dessa vez, mantendo sua aliança com os Mariano. Ele e Bira Mariano foram eleitos com 55,34% dos votos válidos, enquanto que seus opositores, Aristeu (candidato a prefeito) e Marcelino Silva (candidato a vice) obtiveram 44,66%, uma diferença considerável se comparar com o resultado anterior. Nessa campanha, além da derrota para prefeito, o partido dos Chaves também perdeu sua vantagem na câmara, pois, pela primeira vez na história política da cidade

---

<sup>26</sup> Esse dado pode ser observado no quadro 6 “Histórico das candidaturas do legislativo de Camalaú, Paraíba”, que se encontra no apêndice D deste trabalho.

de Camalaú, seu grupo não fez a maioria da ocupação das cadeiras do Legislativo. Dentre as nove vagas, eles conseguiram eleger apenas 4 nomes, enquanto que o partido de seus adversários obtiveram a vantagem (TRE, 2024).

Um dado importante a ser considerado desse pleito de 2020 é que Sandro Môco concorreu à reeleição contra seu adversário mesmo estando afastado das funções administrativas do Executivo município desde o mês de agosto deste mesmo ano, em decorrência da investigação de um processo sobre ele com acusações sobre ações fiscais irregulares encontradas na sua gestão (G1 PB, 2020). A investigação é conhecida como “Operação Rent Car”, que apura a ocorrência de crimes de falsidade documental, fraude a licitação e desvio de recursos públicos (TJPB, 2022). Desta forma, após a vitória quem assume a frente da gestão administrativa de Camalaú, enquanto prefeito interino é Bira Mariano (TRE, 2024).

Mesmo com o processo correndo na justiça Sandro Môco teve sua candidatura homologada pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (2024) e foi eleito de maneira legítima nas urnas ao obter a maioria dos votos. Porém, já corriam no município os rumores de que o mesmo não poderia assumir o cargo, em virtude desse processo que ainda estava em tramitação<sup>27</sup>. Mesmo afastado das funções administrativas, ele continuou sendo o prefeito diante dos órgãos eleitorais do município e recebendo seu salário enquanto tal normalmente (TRE, 2024; IBGE, 2024).

Após Bira assumir o cargo de prefeito interino no início da gestão em 2020, houve uma ruptura entre a aliança da família Mariano com o Sandro. Alguns dos entrevistados apoiadores do grupo (Môco+Mariano) interpretam esse fato como “*fraqueza*”, “*traição*”, “*golpe*”, “*oportunismo*” por parte da família dos Mariano. Visenya (Entrevistada em abril de 2023) destaca que “[...] *particularmente por mim já era esperado. Bira só mostrou de fato o caráter dele. Traindo um povo que confiou nele, por causa de Sandro [...]*”. Porém, há aqueles apoiadores que aguardaram o julgamento da justiça para tirar suas conclusões, pois reconhecem que as acusações e as provas são verídicas e, portanto, cabe apenas à justiça julgar se ele é o culpado por tais crimes ou não.

---

<sup>27</sup> Durante a entrevista em abril de 2023, Sandro relata que continuava fazendo sua defesa na justiça e contestando essa decisão do afastamento da administração. Mas, mesmo agora em 12 de abril 2025, esse processo ainda continua tramitação na justiça sem uma sentença definitiva segundo relato oral de Sansa, uma das minhas entrevistadas.

## 4.2 Declínio do poder da oligarquia tradicional dos Chaves.

De acordo com Weber (1999) figuras adeptas do carisma tendem a surgir em contextos onde a estrutura tradicional encontra-se instável e o seu caráter revolucionário tende a provocar mudanças na ordem vigente e na racionalidade dos sujeitos, pois altera concepções e valores dos envolvidos no processo de dominação, de dentro para fora da estrutura política.

Fazendo um paralelo com a realidade vivenciada pelos eleitores de Camalaú em 2016, constato que o declínio do poder tradicional dos Chaves não começou do acaso, foi um processo que ganhou maiores proporções quando o eleitorado passou a problematizar a forma como era conduzida a administração do município sob a sua supervisão. O Sandro surge nesse cenário como uma alternativa capaz de romper com essa configuração tradicional e com uma proposta de governo diferente da historicamente conhecida.

Vejamos a seguir as percepções de alguns dos entrevistados a respeito desse processo de ruptura entre o modelo histórico de dominação adotado pelos Chaves e o novo modelo de gestão apresentado por Sandro que obteve grande aceitação do público e o levou a ascender ao cargo de prefeito.

As narrativas apresentadas pelos entrevistados apontam que a vitória de Sandro em 2016 para o cargo de prefeito se deu por conta da insatisfação popular contra o modelo de gestão política adotado pela família dos Chaves e do seu grupo de aliados. Quando questionada, Baela, que já apoiou ambos os lados, relatou o seguinte:

*“Satisfeita eu estava sim porque eu votava em Aristeu para colocar ele lá onde ele estava, eu era uma das eleitoras que votava nele e para votar em Sandro Môco foi no intuito de trazer mudança para a cidade. Mudança nos cargos, eu sei que você sabe que em cidade pequena é muita questão de arrumadinho. Concurso público tem perdido, porque eu acho que é uma questão injusta porque nas cidades pequenas ou é o eleitor babão e outras coisas”* (Baela apoiadora dos Môco, entrevistada em abril de 2023).

Essa fala aponta para uma realidade presenciada ainda em muitos municípios de pequeno porte que é a escassez de concurso público, o que resulta em um modelo de gestão estruturado em práticas clientelistas. Para Sabourin (2020) a tradição clientelista no Brasil se apresenta na contemporaneidade principalmente na troca de apoio entre atores políticos e seus eleitores, a partir da concessão de empregos dentro da prefeitura, resultado em uma espécie de dívida que é paga com o voto (seu e de sua família).

Além das motivações internas, imparciais e pessoais na escolha dos funcionários do município por parte da gestão administrativa anterior a 2016, outro aspecto que despertou em

uma parte dos entrevistados a busca por mudança na gestão da cidade naquele contexto foi algumas ações e atitudes realizadas por funcionários no atendimento público com os munícipes. Vejamos os relatos a seguir:

*“Contra ele [Aristeu Chaves] não tenho nada e sim aos funcionários que ele tinha que humilhava as pessoas carentes. Isso que me fez não votar nele e outra ele não vivia aqui os outros quem comandava”* (Rahena, entrevista realizada em abril de 2023).

*“Esses “maus tratos” com os munícipes fez com que as pessoas questionassem a postura de liderança do grupo frente do município, atribuindo-lhe alguns adjetivos negativos como “arrogante”, “inacessível”, “elitista”, “oportunista” e “perseguidor”. Além do mais, também constato que outra queixa é a falta de acessibilidade para dialogar com o prefeito e a burocracia para ter acesso a bens e serviços públicos. Pelo o que eu ouvi a prefeitura não era muito acessível à população. O prefeito não estava lá na prefeitura, para falar com ele era muita burocracia, tinha que passar por três/quatro pessoas, [...] o povo não tinha liberdade pra ir na prefeitura para reivindicar alguma coisa ou falar alguma coisa”* (Sansa apoiadora dos Mariano, entrevistada em abril de 2023).

Essa fala ilustra alguns aspectos encontrados nas entrevistas a respeito da burocracia para solicitar algo na prefeitura e como as pessoas não tinham liberdade para ir lá à hora que quisessem, considerando que antes tinha que passar por várias pessoas para poder chegar a falar com o prefeito. Observo que nas falas acima as queixas estão relacionadas a favoritismo, perseguição e inacessibilidade para falar com o prefeito e seus funcionários.

Em seu estudo em Araruama-RJ, Lopez (2004) fala da importância do atendimento dos eleitores durante o dia-a-dia na vida política cotidiana. A interação face-a-face entre o líder e os seus apoiadores é crucial e a falta dela resulta em problemas no momento da “avaliação” (Eleição) que os eleitores fazem sobre a gestão. Nas palavras do autor “o sucesso e o reconhecimento político é dado pela expressão do seu trabalho social” (p. 166). Entende-se aqui como trabalho social o atendimento às demandas sociais do público, configurando-se como mecanismo necessário para manutenção, controle e captação de votos.

Almeida e Lopez (2012, p.12) entendem que a política local, principalmente em municípios com menor número de habitantes e com grande parcela da população em condição de pobreza é marcada por práticas clientelistas, visto que “as necessidade decorrentes da pobreza são mais urgentes e, assim, fazem com que o indivíduo pobre demande com maior intensidade benefícios que são materiais, diretos e imediatos”. O assistencialismo faz parte da cultura política clientelista nesses contextos e a falta desses atendimentos “particulares” gera nesse eleitorado uma avaliação negativa para gestão administrativa de determinada liderança.

A baixa de representatividade da amostra<sup>28</sup> não permite generalizar os achados da pesquisa, mas, pensando a realidade eleitoral vivenciada em Camalaú em 2016, a partir dos relatos deixados nas entrevistas, constato que os eleitores dos pequenos municípios apoiam ou legitimam a dominação de determinada liderança a partir da avaliação da sua capacidade de prover bens e serviços públicos em uma perspectiva assistencialista. A falta de resposta às demandas materiais dos eleitores e a ausência de relação interpessoal direta com eles determina como eles atribuem ou não legitimidade a liderança (Lopez, 2004; Almeida e Lopez, 2012).

### **4.3 Sandro Môco: uma liderança carismática.**

Para os eleitores entrevistados, o Sandro Môco surge em 2016 com uma proposta de liderança política que fugia ao padrão político historicamente conhecido no município. Ao questionar os entrevistados sobre as motivações que levaram eles a votar em Sandro pela primeira vez, eles afirmaram categoricamente que foi não só por uma ânsia por mudança imediata, mas também pelo fato dele ser humilde para se conectar e estar junto às pessoas como um amigo e não só como gestor. Arya (Entrevistada em abril de 2023) descreve que na campanha de 2016 o Môco junto do seu aliado Ezequiel chegavam à casa do eleitorado, sentavam e faziam uma refeição junto a eles na mesa, encontrava na rua e batia uma proza e eram acessíveis quando procurados. É notório nos relatos que eles concederam ao povo de Camalaú um tipo de atenção que eles não estavam acostumados ou que não era comum nas gestões anteriores, principalmente com as classes mais populares do município.

*“Na primeira candidatura dele. O espírito de mudança. Eu acredito que isso foi o que fez muita gente votar nele por que assim aqui em Camalaú como você já sabe vinha com aquele estilo de política familiar, aí o pessoal e a população de maneira geral tinha suas insatisfações e como existia nesse ano um novo candidato aí o pessoal buscou nele a mudança e dar um basta naquilo”* (Catelyn ex-apoiadora dos Môco, entrevistada em abril de 2023).

Esse discurso exemplifica como foi a recepção do povo sobre a ideia de ter um novo grupo político a frente do município a partir de 2016 e ainda reforça o que Monteiro (2016) e

---

<sup>28</sup> A generalização depende diretamente do tamanho e da representatividade da amostra: quanto maior e mais representativa for a amostra em relação à população, maior será a confiança de que os resultados reflitam as características gerais do universo estudado. De modo oposto, Goldenberg (2004) argumenta que na abordagem qualitativa o objetivo não é a generalização estatística, mas a compreensão aprofundada dos fenômenos estudados. Deste modo, a autora descreve que nesse método o critério mais importante não é o tamanho da amostra, mas a relevância dos sujeitos escolhidos para o estudo e as informações por eles fornecidas.

Ferreira (2001) pontuam sobre a importância da formação de laços com a comunidade, independe de ser pela tradição ou não, no trato com as pessoas.

Segundo Neto (2020, p.217) “faz parte do processo democrático o debate, o contato com os eleitores, a conversa mais próxima, as caminhadas e carreatas, mesmo em tempos de internet. As eleições municipais têm uma dinâmica política e social muito peculiares e importantes para o curso da democracia”. Desta forma, também é importante destacar que as relações sociais entre as pessoas de pequenos municípios são mais intensas, porque lá todos se conhecem, e, portanto, as relações são formadas a partir do contato mais próximo entre os sujeitos (Prado, 1995). Neste sentido, pensando a realidade local a partir dos relatos, pode-se dizer que fatores emocionais e laços amizade se sobressaíram sobre a percepção racional do eleitorado no momento de escolha dos líderes de Camalaú em 2016.

Já para Nascimento (2011), em alguns casos os poderes dos líderes personalistas se sobressaíram sobre o dos partidos em termos de influência, pois, as eleições do Executivo em cidades pequenas são definidas em grande parte dos casos por “votos por identidade”, ou seja, grande parte do eleitorado não orienta sua escolha racional por conta dos vínculos dos candidatos com os partidos, mas pela relação de identificação formada entre eles. Essa relação geralmente é formada a partir do poder de convencimento do político sobre a viabilidade e confiabilidade da sua missão e na capacidade das pessoas de o reconhecerem e formarem um elo identitário aquela liderança.

Esses discursos reforçam a ideia de que a ascensão de Sandro Môco no cargo de liderança do Executivo em 2016 também se deu por suas características pessoais de caráter revolucionário da dominação carismática. Sell (2018) e Arede (2013) argumentam que a revolução carismática é um fenômeno extraordinário e, portanto, faz oposição a qualquer ordem política estabelecida. Essa revolução começa no interior dos indivíduos transformando suas convicções e levando-os a ter novas atitudes diante de um determinado contexto ou situação.

Conforme destaca Laureano (2020, p. 182) “pelo seu caráter subversivo, as crises sociais são as condições ideais para a conformação de uma liderança dessa natureza. É a situação em que o carisma alcança de maneira mais eficiente sua força transformadora”. Desta forma, um líder político carismático começa esse movimento de mudança na ordem social a partir do estabelecimento de uma relação pessoal com os seus “dominados”, ao apresentar soluções ou “salvação” para um problema vigente (Sell, 2018; Weber, 1999).

Na teoria weberiana clássica, o líder carismático é caracterizado como aquele que detém a posse do carisma, ou seja, possui um dom inato para liderar, pois se revela como uma personalidade extraordinária. Os seguidores reconhecem e legitimam sua dominação, não por

aspectos ligados à tradição, ou por questões racionais e burocráticas (leis instituídas), mas por identificação dos eleitores com seu líder (Weber, 1999; Weber, 1991). Para Weber, a autoridade carismática não se pauta em regras, mas no poder de convencimento que o líder possui ao expor sua proposta de missão, o reconhecimento da sua dominação pelos sujeitos vem “de dentro para fora” e não por fatores externos.

Sell (2018) pontua que na teoria weberiana existem dois tipos de carisma: o puro e o institucional. Em seu aspecto puro, a dominação carismática é extracotidiana, ela se baseia em relações afetivas e se apresenta enquanto fenômeno psicossocial onde as qualidades pessoais ou a “missão” do líder precisam ser reconhecidas subjetivamente dentro da relação estabelecida com seus subordinados (Weber, 1991). Os autores destacam que esse tipo de poder em sua forma pura requer legitimação e o reconhecimento de sua missão por parte dos dominados. Este tipo de dominação não possui poder ilimitado, não é eterno e pode acabar a qualquer momento, ela depende exclusivamente de como os dominados reconhecem a características pessoais exclusivas da liderança.

Para Laureano (2020) o poder carismático tende a se institucionalizar com o tempo, mas para isso acontecer o carisma precisa primeiro transformar a ordem social e política vigente, enquanto força destruidora de tradições. Para institucionalizar-se, esse tipo de dominação precisa rotinizar a obediência dos dominados a partir do reconhecimento da autoridade do líder, tornando o extracotidiano em cotidiano. “Em weber, a rotinização ocorre do ponto de vista histórico a partir do momento em que o poder subversivo do líder se consolida como poder instituído e o carisma puro se rotiniza tradicional ou racionalmente” (Laureano, 2020, p.185). Essa questão do carisma institucional configura-se como um poderoso mecanismo de legitimação para a reprodução (sucessão) de novas configurações de poder.

A reeleição de Sandro Môco para o cargo de prefeito municipal em 2020 não demonstra apenas a continuidade de um projeto administrativo, mas, sobretudo a consolidação da sua liderança carismática no tecido político de Camalaú. Segundo Sell (2018) essa institucionalização do carisma ocorre quando as qualidades pessoais do líder – como sua capacidade de comunicação, humildade, empatia com as causas populares – são incorporadas às estruturas formais de poder, ganhando assim, uma legitimidade duradoura.

No caso de Sandro, seu carisma político inicialmente percebido como elemento distintivo do padrão de dominação conhecido pelos eleitores na campanha de 2016, foi paulatinamente transformado em uma forma de governança. Essa incorporação se expressa na forma como ele articula sua imagem à gestão pública, criando uma identificação direta entre sua figura e os resultados administrativos, bem como na maneira como ele configura suas

próprias alianças políticas (Sell, 2022). Mais do que um líder popular, ele se torna um símbolo de estabilidade e eficiência para a população de Camalaú. Essa percepção se reflete nas urnas em 2020, mas também no modo como ele influencia a cultura política local – moldando o discurso dos seus eleitores, na forma como são conduzidas as ações das secretárias administrativas e em relação às expectativas criadas pelos munícipes em relação à governança do poder Executivo.

Assim, constato que a reeleição de Sandro Môco em 2020, mesmo com todas as questões judiciais envolvidas nos bastidores, não deve ser vista apenas como um evento eleitoral, mas como um processo em que uma autoridade carismática se fixa dentro das instituições formais e informais da política local (Sell, 2018; Weber, 1999).

Em uma perspectiva do sistema eleitoral democrático, a autoridade carismática é reconhecida no próprio ato do voto. Tomando como base a teoria carismática, Lareano (2020) denomina essa ação como a graça concedida ao líder pelos dominados. Para atribuir se há ou não a manifestação do tipo de dominação carismática em um determinado contexto é necessário detectar se as relações entre os sujeitos (líderes e dominados) são marcadas primariamente por ações de troca afetivas (Sell, 2018; Arede, 2013; Weber, 1999).

Por exemplo, de acordo com Sell (2022, p.2) “na arena eleitoral, o lulismo representa uma forma de liderança carismática de massas baseada na idealização de uma personagem de extrato popular que simboliza a possibilidade de superação de carências materiais”. Nessa perspectiva o autor destaca que as características pessoais do Lula, presidente do Brasil, o situam como liderança carismática, visto que primeiro em seu discurso ele assume que prioriza as questões sociais, em detrimento de outras, ligando-se ao emocional do dominados. Ao analisar o seu discurso, Sell destaca que ele propõe romper com a ordem tradicional vigente, defendendo que sua missão pessoal (extraordinária) é acabar com a fome e pobreza do país, colocando-a acima de qualquer outro segmento político-social. Lula projeta e amplia o alcance do seu poder e influencia carismática apelando para um discurso que o aproxima dos desejos e das necessidades da população.

Sell (2022) conclui sua reflexão expondo que o processo de identificação carismática do lulismo possui uma dimensão “simbólico-afetiva”, ou seja, as pessoas se identificam porque a missão do líder se aproxima dos seus anseios emergentes e imediatos. O autor descreve que Lula assume em seus palanques eleitorais um discurso que o caracteriza como de origem humilde, de família simples da zona rural, conhecedor da pobreza, e, portanto, capaz de compreender quais são as necessidades das classes populares. “O que fundamenta esta

identificação é o fato de que somente alguém oriundo do mesmo universo das camadas populares poderia ser aquele capaz de modificar suas condições de vida” (p. 08).

Sandro Môco assume esse mesmo discurso em sua entrevista:

*“Já que vinha de uma família onde já havia uma tradição de servir com o pouco que tinha, então eu vi na política, uma maneira de poder de ampliar mais essa maneira de ajudar o próximo e foi isso que eu fiz, não só durante a vida pública, mas antes a vida de um ser. Eu me preocupo com as pessoas. Quando a gente ajuda, pode ter certeza que vem algo em troca seja como um agradecimento, ou com um abraço, em fim, quando há reconhecimento. Eu sinto que quando a gente faz algo de bom, faz o bem, Deus retribui em dobro, então é isso. Eu sinto isso, eu sinto esse afeto, eu sinto esse carinho e essa gratidão das pessoas, por isso é que eu continuo sempre lutando por dias melhores para o nosso povo e para o nosso município” (Entrevistado em abril de 2023).*

Sandro Môco constrói sua liderança em Camalaú a partir de estabelecimento de uma conexão direta com seu grupo de apoiadores, baseada no contato constante, no diálogo próximo e em uma gestão percebida como sensível às necessidades cotidianas das camadas populares do município. É possível fazer uma analogia interessante da trajetória política de Sandro Môco em Camalaú e o caso do presidente Lula, pois ambos se destacam como líderes carismáticos, cuja autoridade extrapola as dimensões institucionais do cargo que ocupam, tornando-se referências afetivas e simbólicas em seus territórios (Weber, 1999).

Arede (2013) em seu texto também argumenta que o personalismo<sup>29</sup> da liderança carismática é responsável por provocar o reconhecimento e a identificação com os sujeitos, fazendo com que as pessoas tenham “fé” e “devoção” sobre sua missão, seu caráter e suas atitudes. Ela descreve que as pessoas o seguem porque têm esperança de que suas ações são corretas e será em prol do bem estar dos seus seguidores.

Outro conceito importante que está diretamente ligado a essa ideia de liderança carismática é o de “populismo”. De acordo com Ferreira (2001), a autoridade cria uma espécie de elo de fidelidade com os sujeitos (dominados) fazendo com que ele se mobilize e aja em prol de um interesse em comum, visando o bem estar da população. São destes movimentos de identificação ideológica que se desenvolvem os movimentos populistas, onde há uma homogeneização de massas, sob a liderança de uma figura carismática.

O populismo surge em resposta a problemas de uma sociedade que sofre com constantes instabilidades, a insatisfação popular cria um movimento de luta pelo bem-estar social do povo. Sell (2013) classifica o populismo como um subtipo de dominação carismática, usando como

---

<sup>29</sup> Conceituo personalismo nesse trabalho como toda a subjetividade de um sujeito manifestada em suas ações dentro do ambiente que ele está inserido (Ferreira, 2001; Monteiro, 2016; Nascimento, 2011).

exemplo o caso do governo de Lula de 2002, que foi uma manifestação concreta do alinhamento eleitoral dos anseios das classes populares com a política de administrativa adotada pelo governo no Brasil naquela época. O autor destaca em seu texto que um líder populista, adepto do carismático apela para as necessidades do povo como um recurso estratégico contra seus concorrentes na concorrência eleitoral.

Analisando a realidade descrita pelos entrevistados sobre o contexto eleitoral de Camalaú em 2016, concordo com Arede (2013) quando ela fala que o poder dos políticos muitas vezes está associado ao personalismo (traços da sua personalidade individual) do líder, enquanto figura carismática e não necessariamente ao grupo de aliados políticos que detém a força tradicional. Tomando a teoria weberiana da dominação carismática como base de análise (Weber, 1999), em um cenário como este de Camalaú, o poder de Sandro está representado no tipo de vínculo formado entre ele e o povo, e não nas alianças formadas com as famílias tradicionais do município. No entanto, é válido pontuar que neste contexto as alianças também foram importantes, porém, não se mostraram como uma força determinante no resultado final das disputas políticas de 2016, se tomar como base as narrativas apresentadas pelo eleitorado entrevistado nesta pesquisa.

#### 4.3.1 Sandro Môco: “*gente como a gente*”.

Para Lopez (2004) a interação cotidiana entre o líder e o eleitor é uma das principais características da política local, pois o grau (intensidade) dessas relações é um fator determinante no sucesso eleitoral de um líder. As eleições nas pequenas cidades não são marcadas por batalhas ideológicas entre os partidos (na maioria dos casos), mas sim sobre a forma como os candidatos são avaliados a partir do seu trabalho social (assistencialista) desempenhado no município.

Os eleitores entrevistados que são apoiadores de Sandro Môco argumentam que o escolheram para o cargo de prefeito em 2016 e posteriormente em 2020 na reeleição, porque suas propostas e seu governo eram marcados por humildade e igualdade no trato com as pessoas, simplicidade no atendimento e acessibilidade para o diálogo. A relação de proximidade cotidiana e atendimento direto as demandas dos eleitores são fatores importantes para condução da política local e são essas características que estão presentes na fala a seguir que descreve as motivações para apoiar a figura de Sandro Môco:

*“A primeira vez que eu votei em Sandro foi em 2016 e o que me levou a apoiá-lo novamente [em 2020] foi à humildade dele, a forma dele como político, a forma dele tratar as pessoas com igualdade, sem diferenciá-las, tanto fazia ser rico ou ser pobre. Ele sempre tratava as pessoas por igual, então essa forma dele de tratar as pessoas e de administrar também sempre pedindo a opinião da população, os munícipes, das pessoas da zona rural. Isso faz com que a gente goste né da política dessa pessoa. Assim ele não faz política sozinho, ele faz a política contando com os eleitores, não só contando com o voto, mas também da opinião deles e isso é muito bom para um político porque ele pedindo a opinião ele sabe a necessidade de cada parte do município através da opinião das pessoas principalmente quando se tem uma liderança na zona rural”* (Rhaenyra apoiadora dos Môco, entrevistada em abril de 2023).

A acessibilidade e o assistencialismo aos mais carentes são principais marcas da gestão administrativa de Sandro durante o período de 2016-2020, conforme destaca Rhaenyra. Outras ações que foram bem elogiadas foram os projetos sociais que, segundo Sansa foram mais humanizados e inclusivos, visando ajudar os mais carentes do município. Lopez (2004) argumenta que esse tipo de avaliação impregnada nos discursos dos sujeitos evidencia como o eleitorado atribui reconhecimento, legitimação e confiança as práticas do seu líder.

*“Na primeira campanha, eu apoiiei ele por conta da forma como ele se direcionava ao público de forma geral, eu acho que ele é um prefeito, um candidato que visa muito o bem estar da sociedade em si, principalmente os mais carentes. Eu via muitas ações dele com o pessoal mais carente da cidade, então eu votei nele justamente por isso porque ele, ao contrário do outro candidato, como uma pessoa que seria melhor para o bem comum da sociedade, principalmente para os menos favorecidos”* (Sansa ex-apoiadora dos Môco, entrevistada em abril de 2023).

Municípios onde o poder econômico é fraco e a maior parcela da população encontra-se nas margens da sociedade, a incidência de práticas clientelistas é mais comum e a tendência de ascensão de políticos com o perfil assistencialista também (Monteiro, 2013). A população passa a naturalizar essas práticas e a usá-las como parâmetro de avaliação das gestões administrativas, então aqueles gestores que fogem desse perfil são considerados ruins (Almeida e Lopez, 2012). Esse tipo de cultura política molda as percepções do cidadão em relação a como se fazer política, tornando os eleitores dependentes das concessões materiais de bens e serviços feitas pelos políticos (Freitas, 2013).

Sandro assume esse mesmo discurso dos entrevistados como legítimo em suas falas e isso se refletiu no tipo de gestão que ele desempenhou durante os 4 anos (2016-2020). Assim como as entrevistas acima, outros tipos de apoiadores oriundos de classes mais vulneráveis também o veem da mesma maneira. Por exemplo, Rhaenyra (Agricultora de 47 anos, com ensino fundamental incompleto, residente da zona rural e tendo como renda fixa apenas a bolsa família) o descreve como aquele do coração enorme e humilde:

*“Eu conheci Sandro Môco quando eu estudava no estadual, ele um jovem, vinha do sítio para estudar na cidade de Camalaú, então eu o conheci lá e desde então, eu nunca pensei que ele fosse entrar na política. [...] Como político ele é uma pessoa do bem, uma pessoa que trabalha pelos humildes mesmo. Mesmo afastado [se referindo ao processo na justiça] ele ainda ajuda muita gente, porque Sandro tem um coração enorme e humilde. Pode dizer que ali, ele é um prefeito dos pobres, Sandro Môco, a humildade dele conquistou muita gente e deixou seu legado apesar de está afastado. Um legado que ninguém esquece dos feitos”* (Entrevistada em abril de 2024).

Segundo Ricci (2004) “a aparência de líder carismático é de alguém igual a todos, mas que carrega um dever social” (p.181). Constatado que na perspectiva de alguns entrevistados, Sandro carrega consigo uma missão, tal como uma liderança carismática. Missão essa capaz de atrair e seduzir os mais vulneráveis, fazendo com que o vejam como um salvador, uma espécie de herói popular que veio proporcionar o bem-estar dos seus dominados. Para Sell (2022) o atendimento das necessidades materiais das classes populares é condição fundamental para comprovação do carisma e o discurso narrativo que o situa enquanto igual por ter vivenciado as mesmas experiências em sua origem, gera identificação e reconhecimento, tal como ocorreu com o lulismo. Por exemplo, na fala acima a entrevistada se refere a Sandro como o “*Prefeito dos Pobres*”, enquanto que no imaginário popular o Lula é visto como o “Pai dos Pobres”, um paralelo que considero interessante fazer porque ambas as figuras são adeptas do tipo de dominação carismática.

A narrativa apresentada acima também evidencia uma dinâmica típica do populismo, na qual a figura do líder carismático se constrói como representante direto das classes populares (Sell, 2013). A imagem de Sandro como “*Prefeito dos pobres*” revela não apenas uma estratégia política de aproximação simbólica das camadas populares, mas também uma forma de dominação baseada na personalização do poder e na construção afetiva do vínculo entre o líder e o povo. Tal relação reforça o discurso de igualdade e pertencimento do populismo, ao mesmo tempo em que confere ao líder um status diferenciado em relação aos seus adversários (Ferreira, 2001).

Até por não apoiadores o Sandro Môco é percebido enquanto esse cara mais simples e de origem humilde, sempre visto como igual perante o povo, “*gente como a gente*”. De acordo com Arya, apoiadora do grupo dos Mariano, isso fez com que ele tivesse um forte apoio popular em sua primeira candidatura ao cargo de prefeito em 2016:

*“E quando foi a eleição deles [Campanha de Sandro e Ezequiel em 2016] foi uma coisa muito massa porque ele geravam conexão com a população. Para você ter ideia vou te falar de um caso isolado. Eles andavam nos sítios na casa do pessoal [...] ai eles chegaram lá na casa da minha avó e conversaram um pouquinho, ai minha mãe*

*ofereceu almoço pra eles, ai Sandro foi e sentou na mesa para almoçar, ai era arroz, feijão, farinha e ovo. Ai ele comeu com café, então a minha mãe achou isso uma atitude de muita humildade, ai depois ele deitou numa caminha lá que tinha pra descansar 10 minutos. [...] Ai o pessoal lá da casa da minha avó começou a apoiar eles depois desse dia. Então esse negócio de ser humilde, de gerar conexão com as pessoas, deles com os eleitores, deles diziam “a gente, é gente como vocês”, “gente como a gente”, “somos pessoas humildes”. É tanto que Aristeu era visto como o Doutor e Sandro era o Matuto. Isso gerou muita conexão com o povo” (Arya, entrevistada em abril de 2023).*

É possível observar que mesmo aqueles que não apoiam mais o Môco, destacam em suas falas que esse vínculo emocional de identificação e amizade criado entre eles e o eleitorado fez com que ele tivesse grande apoio popular dos camalauenses na campanha de 2016, principalmente entre as camadas populares e os jovens.

Para Almeida (2020) este tipo de contato direto entre candidato e eleitorado pode se configurar como a melhor e mais importante das estratégias contra os adversários em uma competição eleitoral porque, ao conquistar a simpatia do eleitorado, se estabelece uma relação lealdade que pode ser crucial e decisiva no resultado final das eleições. O autor ainda argumenta que, embora a internet hoje seja o meio mais fácil e rápido de propagar o marketing político, ainda existem muitos candidatos que não abriram mão do contato direto com seus eleitores, principalmente nas campanhas das cidades pequenas. Sandro é esse tipo de candidato.

#### 4.3.2 Percepções da oposição: o outro lado da moeda.

A gestão de Sandro Môco entre 2017 e 2020 é marcada por ações de natureza assistencialista. Porém, há aqueles entrevistados que veem essas práticas de maneira negativa. Por exemplo, Tommen, apoiador do grupo de Aristeu Chaves, descreve em sua fala que não consegue enxergar nenhum ponto positivo na gestão de Sandro. Nas questões sociais as descreve como mecanismo de compra de votos. Segundo ele, o Sandro: *“comprava o povo com pequenas coisas, tipo pagando uma conta de água de luz um aluguel e sem contar o mais enfático o asfaltamento por coisas erradas”* (Entrevistado em de abril de 2023).

Freitas (2023) explica como essas questões de natureza assistencialista podem se tornar maléficas para o bom funcionamento da democracia. Para o autor, as práticas assistencialistas dos políticos suprem de maneira temporária as demandas individuais dos sujeitos, mas isso causa graves problemas no sistema democrático, considerando que o Estado não consegue atender a todas individualmente. O não cumprimento dessa agenda assistencialista cria no cidadão o sentimento de apatia política (Indiferença e desinteresse) e de descrença da eficiência

dos programas sociais públicos, mantendo o cidadão em uma relação constante de dependência, característica das formas de se fazer política local.

Além disso, outro setor que é avaliado por não apoiadores dos Môco, como pouco (ou nada) desenvolvido em relação às gestões anteriores é o de infraestrutura. Por exemplo, Myrcella destaca que: *“foram quase 4 anos sem nenhuma obra realizada no município. No último ano ele fez uma reforma na praça da rua principal, apenas”* (Apoiadora dos Chaves, entrevistada em maio de 2023).

Constato dois retratos da administração de Sandro em Camalaú apontados pelos entrevistados. O primeiro, por apoiadores e ex-apoiadores, que diz respeito a um tipo governo assistencialista, voltado a ajudar o povo de maneira mais efetiva e direta; e o outro, pela ótica dos não apoiadores, como um governo que não desenvolveu em nada o município em 4 anos, seja em termos de infraestrutura ou na prestação de serviços básicos para a população em geral. Segundo Almeida e Lopez (2012) e Potrich (2021) não é interessante para um político assistencialista acabar com o atendimento às necessidades individuais da população através de doações diretas porque o conformismo das classes populares na condição de dependência é crucial para manutenção do poder.

#### 4.3.3 O que faz do político um líder?

Após todas as considerações apresentadas pelos entrevistados a respeito do Sandro Môco e seus adversários políticos, Aristeu Chaves e Bira Mariano, filtrei nos argumentos algumas características que dizem respeito ao que eles consideram ser um bom líder ou o que torna um político bom. Para Sansa, Rhaena, Baela e Rhaenyra (entrevistadas em abril de 2023) um bom governante é aquele que conversa e lida com o povo com humildade e sensibilidade, que é aberto ao diálogo e atento às necessidades das pessoas, principalmente os mais carentes do município. Mainwaring e Torcal (2005) e Carreirão (2000) descrevem que eleitores tendem a se identificar com políticos que constroem para si uma imagem de defensores dos interesses do povo, e principalmente, as classes populares como pobres e trabalhadores. Essa é uma perspectiva que valoriza as qualidades subjetivas e individuais do sujeito, está presente no político com perfil carismático (Weber, 1999).

Já Jaime, Tommen, Bran e Arya (entrevistados em abril de 2023) valorizam um tipo de governante que governa para todos sem distinção, que cuida do dinheiro público e aplica de maneira correta os recursos nas mais diversas áreas, como saúde, educação, infraestrutura, ação social e geração de emprego e renda. Para Carreirão (2000) os sujeitos que valorizam as

capacidades administrativas, a honestidade e a credibilidade do agente no manejo da máquina pública tendem a apoiar um político com perfil burocrático, que possui competências técnicas e que fundamenta suas ações em uma perspectiva racional com base nas leis e em estatutos legais (Weber, 1991).

Enquanto que Cersei, Rhaenys, Catelyn, Alyssane e Visenya (entrevistadas em abril e maio de 2023) acreditam que um bom político deve ter conhecimento especializado sobre as demandas da cidade e trabalhar com honestidade, seriedade, integridade, ética e transparência. Em sua sociologia política Bourdieu (2011) discute o conceito de campo político enquanto espaço de atuação profissional, onde apenas lideranças dotadas com capital social, cultural e político seriam capazes de manter a ordem e garantir o bom funcionamento da estrutura. Nas palavras do autor “só os políticos podem falar de política” (p.107) ao mesmo tempo em que “somente os políticos podem fazer política” (p.108). O autor descreve que apenas sujeitos com acesso aos capitais supracitados são capazes de adentrar o campo político. Monteiro (2016) descreve em seu texto que o recrutamento dos políticos acontece nos berços das oligarquias tradicionais, detentoras de capital político-familiar.

Há duas entrevistadas que mencionam uma questão que gostaria de dar ênfase, visto que ambas abordam uma questão que acredito ser crucial na construção da identidade de um político. Elas destacam um aspecto ligado à própria personalidade individual sujeito, algo que é inato e não aprendido. Essa questão se torna relevante nesse trabalho porque na teoria weberiana o líder carismático é aquele agraciado com o dom de liderar as pessoas e os sujeitos o seguem porque reconhecem como legítimo esse dom (Weber, 1999). Para as duas entrevistadas, para que um sujeito se torne um político, ele precisa ser primeiro um líder:

*“Eu não sei se liderança se ensina ou é um aspecto da personalidade, mas entendo liderança como você ter autoridade, sem ser autoritarista, conquistando o respeito e a confiança das pessoas através da fala, tendo assim poder de convencimento. Além disso, conseguir ter o “time” para tomar decisões importantes”* (Myrcella entrevistada em maio de 2023).

*“[...] Ter Espírito de liderança, não de chefe, o que há uma grande diferença. [...] O líder é aquele que atua junto com toda equipe, que dar exemplo com seu próprio esforço, e incentiva fazendo sua parte, já o chefe fica lá só dando ordens para que os outros façam o que deveria ser feito por ele”* (Daenerys entrevistada em maio de 2023).

As duas falas acima ilustram um pouco dessa visão do que seria uma liderança carismática do tipo ideal e como ela deveria se portar nos dias de hoje. Ambas as indagações estimulam a reflexão sobre a diferença entre ter postura de liderança e ter postura de chefe, pois,

um político ideal é aquele que lidera a partir do diálogo contínuo com seu povo, que respeita a pluralidade de opiniões e que atua junto em meio a seus dominados. É aquela figura que estabelece uma relação de proximidade com seus subordinados e que se coloca enquanto igual em meio a eles. Os dominados por sua vez, o seguem porque reconhecem sua missão e autoridade enquanto legítima sem a necessidade da coerção das instâncias burocráticas (Weber, 1999; Arede, 2013).

Conforme destaca Carreirão (2000) “o eleitor pensa a política não a partir de critérios políticos, mas a partir de critérios morais relativos à conduta dos atores políticos, pouco importando seu programa, ideologia e interesses” (p.18). É possível atribuir essa reflexão do autor a realidade apresentada pelos entrevistados sobre Camalaú, pois suas narrativas indicam que política local de lá também é marcada por eleitores não racionais, que decidem seu voto com base na imagem criada e nas relações estabelecidas com os candidatos.

#### **4.4 Reconfigurações políticas: cisão e reagrupamento.**

Segundo Pessoa Júnior (2019) os processos políticos eleitorais dos pequenos municípios são marcados por disputas entre elites que centralizam o poder em pequenos grupos de sujeitos ou em núcleos familiares. As lideranças desses grupos normalmente são escolhidas em virtude da posição social ocupada dentro da configuração social, política e econômica no território. Desta forma, o processo de recrutamento de agentes e o estabelecimento de alianças entre eles são condições fundamentais para garantir a permanência dos grupos no poder (Pessoa Júnior, 2022).

Conforme destaca Pessoa Júnior (2022) as bases eleitorais dos pequenos municípios são formadas conforme o grau das relações de pessoalidade que os sujeitos políticos estabelecem entre si. É necessário ter isso em mente porque as alianças políticas são dinâmicas e mudam conforme os jogos de interesse em questão (Monteiro, 2016). Já os votos dos eleitores também flutuam de um grupo para outro em decorrência das mudanças de concepção das pessoas em relação aos sujeitos políticos, seja em termos da personalidade individual, por critérios clientelistas e assistencialistas, pela forma de condução da administração pública ou por vínculos com lideranças que se aliam a outros grupos (Pessoa Júnior, 2019).

Constato que o rompimento da aliança de Sandro Môco com os Chaves em 2016 desempenhou um papel importante nas novas (re)configurações políticas de Camalaú desde então. Na história política eleitoral do município até 2012 (salvo a eleição de 1996), os Chaves elegeram todos os seus aliados e sucessores, consagrando-os como uma das principais

lideranças do território. No entanto, o declínio desse poder começou a tomar proporções maiores quando o Sandro cria seu grupo político independente e passa a introduzir no imaginário político da cidade questionamentos sobre a condução da administração da cidade no trato com o público, algo que constato que veio a ser uma das principais fragilidades do governo Chaves. Naquele contexto, ele propôs aos eleitores um novo modelo de fazer política que teoricamente fugia desse padrão e isso tornou sua ascensão possível, enquanto nova liderança local (Sandro Môco entrevistado em abril de 2023).

O declínio da política tradicional dos Chaves e nova ordem política desencadeada pelo “*governo das mudanças*” encabeçado por Sandro fez surgir novas forças políticas no município e reacendeu a velha chama da oposição histórica do grupo dos Mariano. Após a oficialização do seu rompimento com os Chaves, Sandro passou a (re)organizar novos cenários de disputa eleitoral na cidade, tendo os Mariano como seus principais aliados. Essa coalização de forças se deu de forma concreta com a escolha dos seus vices, primeiro Ezequiel em 2016 (Sobrinho de Antônio Mariano) e Bira em 2020 (Filho de Antônio Mariano), que além de integrantes de um grupo de oposição tradicional, também eram figuras de prestígio social na cidade: Ezequiel popular entre os jovens por seu cargo de professor na educação básica e Bira enquanto vereador (entre 2012 a 2020).

Para Monteiro (2016) as alianças políticas são dinâmicas e extremamente importantes para condução da vida política dos municípios. Para obter êxito no jogo eleitoral, uma liderança precisa captar o máximo de votos possíveis e o recrutamento de atores sociais pertencentes a outros grupos políticos permite a ampliação desse quadro (Pessoa Júnior, 2022). No caso de Camalaú, a primeira aliança de Sandro com um Mariano permitiu que ele obtivesse os votos de uma oposição histórica do município — que ainda era ativa no Legislativo — e uma boa recepção do eleitorado jovem emergente, como podemos observar na fala a seguir:

*“Votei sim, quando ele se candidatou já fazia muitos anos que os Chaves estavam no poder, a família dos Chaves e ele até apoiava os Chaves e ele era do partido dos Chaves. Ai rompeu essa aliança e se juntou com o partido de Antônio Mariano. [...] Ai quando ele se juntou a oposição, ele se juntou com o Ezequiel que na época era professor do ensino médio e a gente era aluno do ensino médio, então muitos jovens apoiaram eles por conta do Ezequiel por conta que ele era um ótimo professor e muitos alunos gostavam dele e ai muitos jovens declaravam apoio a ele. É tanto que nesse primeiro mandato ficou conhecido como algo bem jovem, porque os jovens vestiam a camisa para apoiar eles dois. Ai foi uma movimentação muito grande do grupo de jovens, eles fizeram muitas reuniões com os jovens, sentaram com eles para conversar e entender o que eles queriam de melhorias e ai foi tido muita coisa, além proporcionar esse espaço de dar voz aos jovens, ai fez com que os jovens se empenhassem para ir para casa pra tentar convencer os pais e foi criando esse movimento novo”* (Arya ex-apoiadora dos Môco, entrevistada em abril de 2023).

A aliança com Ezequiel contribuiu significativamente para adesão da juventude na campanha eleitoral de Sandro, considerando que ele foi um dos responsáveis por conceder espaços livres para que os mesmos pudessem falar sobre seus anseios e demandas dentro da gestão pública municipal. Para Pessoa Júnior (2022) os recrutamentos de sujeitos com grande prestígio social em um território para incorporarem grupos políticos permite a ampliação do seu poder de influência em diferentes extratos da população. Por exemplo, Sandro por sua origem simples e seu legado assistencialista como vereador já possuía forte ligação com as camadas populares do município; mas, sua aliança com Ezequiel permitiu que ele se aproximasse dos jovens e o fez ganhar o apoio daqueles que historicamente já eram oposição aos Chaves.

A aliança entre os Môco e os Mariano durou os 4 anos da gestão e se estendeu apenas para o pleito de reeleição em 2020. Mas o processo judicial que o Sandro começou a enfrentar na justiça por atos de improbidade administrativa, decorrentes da captação indevida de recursos financeiros públicos durante a sua gestão 2016-2020 (TJPB, 2022) provocou a crise dessa coalização política.

A respeito do processo levantado contra Sandro pela Operação Rent a Car (TJPB, 2022), dentre os relatos apresentados pelos entrevistados, teve um me chamou mais atenção. Rhaenyra uma de suas apoiadoras, apesar de reconhecer a legitimidade as acusações, aponta que essa era uma prática “*comum*” dentro das gestões políticas anteriores do município, e nem por isso eles teriam sido acusados ou afastados do cargo na mesma proporção de Sandro. Para ela, a proporção tomada por esse caso em específico se deu pelo fato dele sofrer com perseguições da oposição política da cidade, por não aceitar sua popularidade diante eleitorado camalauense:

*“Eu achei de certa forma uma injustiça, muitas pessoas que acusaram tiraram proveito de outras coisas. Como aqui em Camalaú rola inveja e Sandro foi um prefeito que causou muita inveja na população por conta da aceitação dele, ai dizer assim que ele não errou eu estaria mentindo, ele errou sim, em umas coisas ele errou, mas também não foi pra tanto e esse modelo que ele aprendeu a errar já veio da outra política dos outros políticos, só que com os outros políticos ficava no anonimato porque era favorável ao governo deles e do governo do estado. [...] Geralmente como a oposição não gosta de Sandro, tem inveja de Sandro, por que isso é inveja da aceitação de Sandro, ai eles fazem de tudo para o Sandro não voltar, mas Sandro é um político forte, de cabeça erguida, é bem centrado, por que pelo o que ele passou, se fosse outra pessoa tinha se apavorado, mas ele não está sempre tranquilo e isso me faz gostar ainda mais dele. E nesse jogo de política quem é que nunca errou né?”* [...] (Rhaenyra entrevistada em abril de 2023).

Apesar de reconhecer que o processo é legítimo, a eleitora opta por ter uma postura compreensiva em relação ao caso, pois para ela, essa atitude isolada do Sandro não reflete no seu caráter moral e na forma como ele conduz sua missão, que seria cuidar do povo de Camalaú.

Para Ferejohn e Pasquino (2001) a reflexão racional de um sujeito baseia-se no cálculo que ele faz sobre os custos e benefícios decorrentes de uma tomada de decisão. As decisões, por sua vez, são tomadas como legítimas quando geram benefícios (não necessariamente para todos), então para compreender o comportamento ou posicionamento de um indivíduo sobre determinada situação, é necessário detectar as suas preferências subjetivas.

Para a entrevistada, essas atitudes ilícitas<sup>30</sup> da administração apresentadas no processo contra Sandro eram um reflexo do modelo de gestão tradicional adotado por lideranças anteriores, então para ela não seria atitude incomum ou específica do Sandro. Apesar de ela reconhecer que é “*errado*”, diz que isso não impacta na forma como ele cuidava dos seus eleitores. Peres (2008) descreve que é preciso ter a clareza de que toda reflexão sobre a ação (racional ou não) ou comportamento de um sujeito, precisa levar em consideração quais são os desejos, os sentimentos individuais e as virtudes morais por trás daqueles que percebem e avaliam a ação. Então, para a entrevistada esse processo não passava de uma perseguição por parte da oposição que teria tido atitudes semelhantes em contextos anteriores.

Em minha entrevista com o Sandro tive a oportunidade de entrarmos nesse assunto do processo judicial e ele declara o seguinte em sua fala:

*“Eu tenha a certeza e tenho a consciência que tudo que eu fiz no nosso município foi para servir ao nosso povo. [...] na reeleição com um problema judicial, onde eu não pude assumir, como até hoje ainda estou afastado do cargo. Começou-se a perseguição, aos maus tratos com pessoas que votaram e ajudaram ao nosso grupo político [fazendo referência ao grupo dos Mariano] e a partir daí eu seria muito covarde se eu ficasse apoiando uma pessoa [Bira] que foi eleita por tantos amigos, por tantos eleitores e de repente ficar contra essas pessoas. Então em hipótese alguma, eu apoiaria tamanha covardia, tamanha traição, como foi o que aconteceu aqui em nosso município”* (Sandro Môco entrevistado em de abril de 2023).

Aqui já me deparo com uma narrativa que antecipa as causas da separação entre o grupo dos Mariano e com o Sandro em 2021. O relato trazido por Sandro indica que seus antigos aliados teriam se aproveitado da situação do processo judicial para tomar para si o poder e o controle do município. Para Peres (2008) e Przeworski *et. al.* (2003) o jogos políticos são marcados por conflitos de interesse, então, a partir do momento que a aliança deixa de ser benéfica para um dos lados, a tendência é que ela se rompa.

Esse relato deixado pelo Sandro se assemelha com algumas falas apresentadas por entrevistadas que pontuam reflexões a respeito do rompimento dessa aliança. Dentre elas, há aquelas que descrevem a família Mariano enquanto traidora, pois supõe que eles já teriam

---

<sup>30</sup> Tomadas aqui como todo e qualquer comportamento administrativo da liderança que resulta em desvios de recursos públicos, para fins pessoais ou que beneficiam outros sujeitos ou grupos específicos.

anseios de conquistar o controle do poder do Executivo mesmo antes do processo judicial. No entanto, não possuíam força suficiente para exercer tais feitos sozinhos, então buscaram manter uma aliança de “*fachada*” com Sandro até o pleito de 2020 com o objetivo de chegar ao controle do poder.

*“[...] Segundo a desculpa esfarrapada de bira, não concordou com os atos de Sandro, que Sandro tá processado porque errou, mas na hora que Sandro perguntou quem queria ser o vice, já estava processado, e ele tinha consciência disso, mas aproveitou pra pegar carona e tomar o poder. Se fosse isso, ele podia ter ficado sozinho e trabalhando para o povo com honestidade, tinha a vitória garantida, mas preferiu trair nosso voto por pura ambição”* (Deanerys apoiadora de Sandro entrevistada em maio de 2023).

Essa percepção revela um elemento fundamental da política municipal de Camalaú: a ideia de aliança partidária enquanto mecanismo de lealdade entre os grupos políticos e os eleitores (Carreirão, 2000). Para a interlocutora acima, os Mariano, ao se afastarem de Sandro, tornam-se agentes de deslealdade, traindo não apenas o líder, mas o pacto informal que se formou entre eles e o próprio povo. Esse sentimento é expresso, quando o entrevistada assume o discurso de que o Sandro continua como alguém coerente com seus princípios e fiel ao povo que os apoiou e situa os Mariano enquanto traidores.

Em contextos onde o poder do líder carismático se sobrepõe às ideologias partidárias - como é o caso de Sandro - a fidelidade do eleitorado não se ancora na aliança dos partidos si, mas nos vínculos pessoais que eles fazem com os grupos políticos. Então, quando algum lado rompe a aliança, os eleitores passam a interpretar a ação como uma quebra de confiança com o voto deles também (Arede, 2013; Almeida, 2020; Carreirão, 2000).

Com o rompimento do grupão dos Môco com os Mariano, houve na cidade um novo movimento de (re)configurações da alianças políticas durante as eleições estaduais de 2022. Nesse pleito algo inédito ocorreu na história política de Camalaú: a formação de uma aliança formal entre o grupo dos Chaves e dos Mariano, nas pessoas de Aristeu e Bira em apoio a reeleição de João Azevedo para governador da Paraíba no quadriênio 2023-2026. Essa aliança foi inesperada para muitos dos eleitores entrevistados, gerou no município muitos murmúrios e especulações a respeito das motivações que levaram a tal ato.

Nessa pesquisa, registrei visões diversificadas a respeito da aliança política entre Chaves e Mariano. Dentre as opiniões apresentadas, destaco duas versões que estavam presentes na maioria dos discursos dos entrevistados: a primeira delas diz respeito às falas dos apoiadores dos Chaves, que veem essa junção como benéfica para a população. De acordo com Jaime, “*os dois estão juntos por um único objetivo, o bem para Camalaú e sua população, os dois casam*

*nos objetivos e tem visões iguais para nossa cidade, são do bem, são honestos e são limpos”* (Jaime entrevistado em abril de 2023). Para Ferejohn e Pasquino (2001) algumas pessoas tendem a legitimar as ações de agentes políticos que eles consideram agir em prol do bem comum, desde que essa ação esteja pautada em um discurso ético e moral. Por exemplo, o entrevistado legitima essa ação das duas lideranças por considerá-los *“honestos”* durante a condução das questões administrativas do município.

Na outra perspectiva, essa proximidade entre os dois grupos é percebida inicialmente com estranheza por parte dos entrevistados, considerando que Mariano e os Chaves eram vistos pelos munícipes como rivais históricos, então foi uma grande surpresa o estabelecimento dessa aliança. Por exemplo, há aqueles que perceberam essa relação enquanto uma estratégia *“oportunista”*, que possuía um único objeto: derrubar o candidato à sucessão de Sandro Môco nas eleições de 2024 (Rhaenyra entrevistada em abril de 2023). A fala a seguir contempla uma narrativa que estava presente maioria dos discursos apresentados por entrevistados que foram eleitores do grupão Mariano+Môco nas eleições de 2020:

*“[...] Eu vejo como uma tremenda hipocrisia essa aliança, não vou negar, você xingar que uma pessoa não presta, que ela é ruim a sua vida todinha e se unir para derrubar uma pessoa que já está derrubada. Querendo ou não, Sandro já está derrubado, pois ele está inelegível e como é que vai derrubar uma pessoa que já está no chão, não tem como. Eu vejo essa aliança como uma grande hipocrisia e prevejo uma grande ruptura futuramente porque eles vão se unir agora nessa campanha [referindo-se a o pleito de 2024] para derrubar o candidato que Sandro lançar, porque ele não vai se candidatar só que no ano seguinte eles já vão está separados de novo, acho que essa aliança não é duradoura”* (Sansa apoiadora de Bira, entrevistada em abril de 2023).

Essa fala descreve essa aliança apenas como uma estratégia política para somar os eleitores dos dois grupos tradicionais para derrubar o grupo de Sandro Môco nas eleições municipais de 2024. Uma estratégia que considero ter gerado resultados positivos, se considerarmos que nesse pleito o irmão de Sandro, Célio Môco<sup>31</sup>, seu candidato à sucessão não conseguiu vencer as disputas eleitorais, conforme pode ser visto no quadro a baixo:

---

<sup>31</sup> Auricélio Bezerra dos Santos é irmão de Sandro e compõe a lista de nomes dos agentes que fundaram o grupo político dos Môco. Ele é ex-vereador do município de Camalaú, eleito no pleito de 2016 com 382 votos e reeleito em 2020 com 624 (sendo o mais votado entre os eleitos da câmara) e também fez parte da gestão administrativa de Sandro no quadriênio 2016-2020 (TRE, 2024).

**Quadro 4** - Quarta parte do histórico dos candidatos ao cargo de prefeito de Camalaú-PB.

ANO	CANDIDATO	PARTIDOS	VOTAÇÃO	VÁLIDOS	SITUAÇÃO
2024	<b>Prefeito:</b> Ubirajara Antônio Pereira <b>Mariano.</b> <b>Vice-prefeito:</b> Egilberto Ferreira da Silva.	PSB/REPUBLICANOS	2.850	52,19%	Eleitos
	<b>Prefeito:</b> Auricelmo Bezerra dos Santos. <b>Vice-prefeito:</b> Joana Danielle Melo da Silveira.	PSDB	2.611	47,81%	Não Eleitos

**Fontes:** Elaboração própria do autor do trabalho com base nos dados do TRE (2024) e Mariano Sobrinho (1996).

As alianças entre adversários políticos que visam um objetivo comum têm sido uma estratégia exitosa no plano político eleitoral local (Pessoa Júnior, 2022; Monteiro, 2016). De acordo com Miguel (2003) um governante precisa maximizar a sua captação votos para alcançar e se manter no poder, então todas as suas ações, desde o registro de sua candidatura, serão orientadas para alcançar esse objetivo. Isso não significa que ele deixará de atender as demandas da população, porém as alianças que ele estabelece e a forma como as conduz, são fundamentadas em perspectiva racional que visa atingir esse interesse.

No caso de Camalaú, supõe-se que a aliança entre Chaves e Mariano era vantajosa para ambas às partes naquele contexto, porque a figura de Sandro Môco de forma independente já estava consolidada na configuração política do município por conta da sua influência carismática. Isso é comprovado no resultado das eleições municipais de 2024, em que foi preciso a junção de dois grupos políticos tradicionais da cidade, para vencer um pleito contra um nome de sucessão de um grupo já considerado “*derrotado*” em 2021, com uma diferença que considero mínima, visto que foram apenas de 239 votos (TRE, 2024). Além disso, essa foi uma eleição marcada por incertezas em relação à legitimidade da candidatura de Célio, por conta do seu nome também estar envolvido no processo judicial movido contra Sandro<sup>32</sup>.

Outra questão que também é importante considerar é a dificuldade enfrentada pelas lideranças carismáticas que objetivam nomear um sucessor após seu mandato, pois o recrutamento do novo líder precisa ser reconhecido e legitimado pelos dominado (Sell, 2018). Toda liderança carismática possui uma identidade subjetiva particular, então, teoricamente

<sup>32</sup> Essas discussões e esses assuntos estavam sendo postos em pauta em um grupo de *Whatsapp* intitulado “Política de Camalaú - POLÍTICA”, criado em 4 de janeiro de 2022, o qual me serviu como ferramenta informativa para ficar por dentro das movimentações políticas dos candidatos e das percepções dos eleitores durante as eleições municipais para prefeito de 2024. Essas impressões dos participantes do grupo estavam sendo registradas como observações no meu diário de campo.

torna-se mais difícil “transferir” essa missão para outra liderança, sendo necessário recorrer a discursos demagógicos como estratégia para convencer os dominados de que esse novo representante é “digno” de continuar seu legado (Weber, 1999; Sell, 2013).

Mas, considero que o Sandro Môco obteve êxito nesse processo de legitimação do nome do irmão enquanto seu sucessor, visto que a base eleitoral do seu grupo manteve-se quase intacta. Se compararmos o número de votos obtidos no pleito de 2020, seu grupo recebeu 2.790 votos para ser reeleito, enquanto ainda estava como aliado dos Mariano; já no pleito de 2024, seu irmão recebeu 2.611, registrando uma queda de apenas de 179 votos para os Môco enquanto grupo político independente (TRE, 2024). Observando os números percentuais de votos obtidos em cada um dos pleitos, constato que a influência exercida pela liderança carismática de Sandro diante do eleitorado de Camalaú ainda é considerável e importante nos resultados eleitorais, pois mesmo após a ruptura com os Mariano e com todas as questões judiciais influenciando o processo eleitoral sua base de apoio pouco foi modificada.

Arede (2013) também faz uma consideração a respeito do processo de sucessão da liderança carismática: “Para que um líder carismático, portanto, se mantenha no poder, o seu carisma deve servir apenas como ponto de partida para a sua legitimação; a partir de então a sua liderança deve adotar traços tradicionais racionais” (2013, p. 24). Ou seja, a autora fala da importância que o carisma possui para que um líder ascenda ao poder, porém, ela enfatiza que só a dominação carismática por si só não é o suficiente para que um líder se mantenha e se perpetue nele. É necessário que haja um processo de institucionalização do carisma, no sentido de se crie um ambiente de estabilidade para perpetuação do poder do líder e do seu próprio núcleo político.

O perfil carismático tem a capacidade de fidelizar o apoio das massas através do apelo emocional, mas a legitimidade do seu grupo político só ocorre enquanto os seus seguidores permitem sua autoridade, então se faz necessária uma nova configuração institucional para que se mantenha a estabilidade da nova ordem proposta. A liderança carismática não surge de um sistema tradicional, mas ela precisa ser parte dele para que possa se reproduzir e fazer uma boa governabilidade (Sell, 2018).

No caso de Camalaú, apesar do sucessor de Sandro não ter conseguido vencer as eleições de 2024, é inegável que hoje o grupo dos Môcos encontra-se consolidado enquanto terceiro grupo político tradicional no município. Seu núcleo de poder possui influência sobre o eleitorado e já consegue operar de maneira autônoma no município sem a necessidade de maiores alianças, mesmo considerando que elas são muito importantes nas eleições locais (Pessoa Júnior, 2022). Os dados eleitorais do TRE-PB (2024) evidencia que a base eleitoral de

apoio a Sandro em 2016, 2020 e agora 2024 manteve-se equilibrada, mesmo após a ruptura da aliança do seu grupo com os Mariano; além disso, seu partido ainda conseguiu eleger 4 nomes para a câmara legislativa. Sell (2018) discute em seu texto que a própria imagem da figura carismática é a força de seu partido.

De acordo com Sell (2018) o processo de institucionalização do carisma ocorre quando os sujeitos (eleitores) passam a rotinizar a dominação da liderança, tornando o que antes era considerado extracotidiano, em cotidiano, algo que é necessário para manter o funcionamento equilibrado da configuração política e a descentralização do poder. No caso de Camalaú, o Sandro deixa de ser uma figura revolucionária e passa a incorporar o quadro político tradicional do município, ao consolidar o seu grupo como uma das três frentes de representação política e social dos munícipes no território. O processo de institucionalização não elimina o fator carismático, visto que no plano social, ela estabelece uma nova ordem após romper com a configuração vigente e passa a (re)organizar novas maneiras de se fazer política.

Utilizando o Lulismo como exemplo, Sell (2022) fala que o presidente Lula foi a maior figura carismática da história política do Brasil, mas nem mesmo ele conseguiu instituir um regime carismático (considerado em sua forma pura como autoritário), foi necessário inserir-se no modelo de configuração tradicional para garantir sua governabilidade do tipo assistencialista. No caso de Sandro, ele usa dos artifícios da sua qualidade carismática para ascender ao poder, mas executa práticas clientelistas e assistencialistas (do tipo tradicional de dominação) para ampliar sua própria hegemonia dentro da configuração política.

Desde a emancipação política de Camalaú na década 60 até início de 80, a elite dos Chaves junto dos seus aliados comandavam a configuração política tradicional de Camalaú sem nenhuma concorrência ou interferência de outros partidos. Em 1982, os Mariano se inserem nesse cenário eleitoral e a partir de então passam a comandar a maior frente de oposição da história da cidade até 2016. Até então, apenas esses dois grupos tradicionais faziam parte dos enredos de disputas e conflitos sociais e políticos do território. Apesar de Sandro Môco se inserir na vida política em 2008, apenas em 2016 ele cria seu próprio grupo político e passa a ganhar a legitimidade enquanto liderança para o Executivo depois de propor ao povo um tipo de gestão fugiria do modelo tradicionalmente conhecido.

Fazendo uma reflexão sobre a configuração social de Camalaú em 2016, constato que o Sandro põe em crise o modelo de dominação tradicional a partir do momento em que faz as pessoas questionarem a legitimidade da hegemonia dos Chaves e ao apresenta-se enquanto solução para os problemas sociais e econômicos enfrentados pelas camadas populares (Sell, 2018).

Do rompimento entre o grupo dos Mariano e o ex-prefeito Sandro Môco em 2020 até à composição Chaves e Mariano em 2024, representou um verdadeiro divisor de águas na política de Camalaú. Essa movimentação representou mais do que uma simples ruptura de interesses no tabuleiro político do município. Desencadeou uma série de movimentações estratégicas que alteraram profundamente as bases eleitorais dos grupos e a própria geometria do poder. Mesmo na antropologia, o autor Evans-Pritchard (1978) já descreve que sistemas políticos são organizados a partir do equilíbrio de força entre grupos opostos, que em alguns momentos buscam formar alianças pragmáticas que movimentam a dinâmica do poder e a organização estrutural do território.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a compreender como a figura política de Sandro Môco rompeu com a estrutura do poder da oligarquia tradicional dos Chaves na cidade de Camalaú em 2016 e se consolidou enquanto líder político influente no município. Diante de tudo o que foi exposto ao longo deste estudo, é possível concluir que a ascensão política de Sandro Môco para o cargo de prefeito representou não apenas uma mudança nas configurações de poder do município e reconfigurações das alianças entre os partidos da cidade; mas também um movimento simbólico de contestação do eleitorado ao domínio tradicional histórico exercido pela família Chaves.

À luz das análises realizadas, entende-se que, ao longo destes 63 anos de história política de Camalaú, a família Chaves representou um modelo de dominação tradicional-familiar, consolidando-se como uma oligarquia no território. Verificou-se também que eles são responsáveis por fundar as primeiras bases eleitorais do município na década de 60, por organizar a cultura política local e por configurar a maioria dos quadros políticos subsequentes até 2016. É possível afirmar que, por quase 50 anos, eles centralizaram e monopolizaram o poder no território ao ocupar cargos de comando estratégicos na cidade (prefeito, vice, secretarias, câmara de vereadores, etc.). Dessa forma, entende-se que sua hegemonia se reproduziu graças ao seu grande capital econômico, social e político-familiar; suas alianças e relações de apadrinhamento; suas práticas de feitiço clientelistas; e por instrumentos simbólicos que legitimam seu sobrenome dentro de uma estrutura de tradição familiar.

Os Mariano personificam a outra grande família política tradicional do município. As informações sobre a conjuntura política mostram que eles surgem na esfera eleitoral na década de 80, em um contexto de fim da ditadura militar e início do processo de redemocratização no país. À medida que se analisa a política local, percebe-se que, enquanto partido independente, eles são o primeiro grupo a fazer oposição direta à elite dos Chaves, uma disputa que se estendeu por quase de 40 anos. Apesar de não conseguirem muitos êxitos nessas disputas para o Executivo, eles conseguiram formar uma boa representatividade partidária na câmara legislativa. Em linhas gerais, os interlocutores da pesquisa revelam que essa rivalidade entre esses dois grupos tradicionais estruturou na cultura política do município, uma polarização, que muitas vezes é marcada por intensos conflitos pessoais entre as lideranças e entre o próprio eleitorado.

Mediante ao que foi exposto, torna-se evidente que a presença da família na formação dos quadros políticos de Camalaú, sinaliza para uma cultura política em que os agentes políticos

usam do capital político familiar como mecanismo de legitimidade da sua dominação. Essa análise permite afirmar que a centralização do poder nas famílias de Camalaú por muito tempo dificultou o surgimento de novos sujeitos e partidos no território. Posto isso, é possível afirmar que o eleitorado e até os novos agentes políticos seguiram práticas clientelistas desses grupos e passaram a naturalizar as relações de apadrinhamento como um recurso para se alcançar uma vaga na configuração política geral.

Sob essa perspectiva, a chegada de Sandro Môco ao cargo de prefeito em 2016 foi marcada pelo conflito entre a tradição e a renovação. Conforme discutido ao longo do trabalho, a ascensão de Sandro ao poder se deu, em grande parte, graças a seu forte carisma pessoal e na sua capacidade de se conectar com as diversas camadas sociais do território. Ele assumiu um discurso populista, que mobilizou afetos, gerou identificação e inspirou a confiança dos seus apoiadores. Em um cenário em que a hegemonia dos Chaves encontrava-se instável, ele surge com uma proposta de governo que fazia oposição ao antigo projeto político adotado pelas gestões passadas.

As análises feitas ao longo do texto permitem afirmar que a ascensão de Sandro simboliza o questionamento de velhos paradigmas tradicionais. Seu êxito eleitoral em 2016 prepara o terreno para construção de novas bases políticas para o município, abre espaço para inserção de novos agentes na conjuntura e introduz no imaginário do eleitorado novas formas de se pensar a exploração da cultura política no território, em relação à condução da administração pública. Além das questões supracitadas, de acordo com os interlocutores, sua ascensão também representou uma abertura para práticas políticas menos centralizadas em grupos específicos e mais voltadas para o diálogo com diferentes camadas sociais, principalmente as mais carentes.

Tendo em vista os pontos discutidos até aqui, destaco que, embora o Sandro Môco tenha iniciado na configuração política do município, sendo apadrinhado pelos Chaves, provocou mudanças em seu estilo de dominação. Para os interlocutores da pesquisa, seu governo é marcado por práticas assistencialistas voltadas para os mais pobres. Além disso, eles também creem que foi justamente a falta dessa personalidade que fez com que a população se decepcionasse com a gestão administrativa dos Chaves.

Tendo em vista as narrativas apresentadas pelos interlocutores da pesquisa. Em linhas gerais, é possível dizer que aqueles que são apoiadores de Sandro tendem a valorizar e enaltecer as suas qualidades pessoais de liderança. Eles enxergam na figura de Sandro alguém capaz de representá-los, visto que ele conquista sua confiança através de relações pautadas na acessibilidade. Esses mesmos entrevistados deixam explícito que avaliam suas ações com base

nas relações interpessoais cotidianas que ele estabelece com eles. Levando em conta o que foi abordado, é possível dizer que o julgamento ético destes sujeitos passa a depender da imagem e do discurso assumido pela liderança e não por critérios legais ou análise racional.

A análise acima permite afirmar que esses sentimentos de identificação seguem a mesma lógica da gratidão do eleitorado, uma vez que a mesma é adquirida a partir de práticas assistencialistas. Constatamos o assistencialismo aqui como um elemento de controle de voto, pois em contextos onde a pobreza é uma realidade constante, sujeitos políticos que oferecem acesso a bens e serviços imediatos ganham involuntariamente a legitimidade necessária para fomentar suas bases eleitorais.

Conforme se analisa a temática geral do trabalho, compreende-se que depois de 2016, a configuração política de Camalaú experimentou novos arranjos partidários. Primeiro tem-se a aliança entre Môco e Mariano, que foi fundamental para alcançar o poder e garantir a reeleição do grupo em 2020. Logo após esse pleito, alguns conflitos desencadearam o rompimento deste grupo e Sandro passa a solidificar seu núcleo de poder independente a partir do seu carisma. Enquanto isso, os Chaves e Mariano, até então, considerados rivais históricos, de maneira estratégica estabelecem uma aliança para fazer frente ao Sandro e seu candidato a sucessor no pleito de 2024.

Diante de tudo o que foi exposto, percebe-se que desde a consolidação da liderança de Sandro Môco no território de Camalaú, a configuração sociopolítica da cidade e o próprio eleitorado tem experimentado duas experiências políticas que podem ser significativas em cenários futuros. A primeira delas diz respeito à liderança de Sandro, após o rompimento da sua aliança com os Mariano – em virtude dos elementos analisados, é possível dizer que o Sandro agora se encontra em uma nova fase da sua carreira política, pois uma vez que seu domínio carismático encontra-se consolidado na estrutura, ele pode operar de maneira autônoma nos pleitos eleitorais sem requisitar de maiores alianças que possam se sobrepor a sua liderança.

A segunda diz respeito à forma como são configuradas as alianças políticas locais. Por exemplo, a ruptura da polarização entre os grupos tradicionais dos Chaves e Mariano. Todo esse trabalho tem demonstrado que as alianças políticas constituem-se em um elemento estratégico importante que garante a inserção e reprodução dos sujeitos na configuração de poder. Esse tipo de reconfiguração evidencia a formulação de alianças em prol de um interesse comum. A união de forças entre Chaves e Mariano para enfrentar o candidato sucessor de Sandro nas eleições de 2024, demonstra que essa aproximação representa uma tentativa estratégica para os Chaves recuperar o seu protagonismo político frente ao eleitorado do

município e os Mariano como uma forma de garantir a sua sobrevivência política nos pleitos. Com tudo isso em mente, concludo que essa união, se bem coordenada, pode sinalizar para o retorno ao domínio político tradicional, porém, sob nova roupagem.

Este trabalho pode contribuir para futuras análises sobre carreiras políticas de candidatos do Cariri paraibano, considerando que existem poucas pesquisas sobre a temática na nossa região, sobretudo, estudos que deem ênfase a conjunturas políticas locais dos pequenos municípios. Esses tipos de discussões são importantes porque demonstram como as formas políticas de dominação são determinante para o funcionamento e organização da configuração social, política e econômica das cidades. Além disso, esse trabalho também pode contribuir no ambiente acadêmico para as análises dos perfis políticos dos candidatos e como esses estruturam suas carreiras de maneira estratégica nas campanhas eleitorais destes territórios.

Tenho a ambição de expandir esse tipo de análise para outras conjunturas políticas de municípios do Cariri Ocidental paraibano, os quais compartilham características sociopolíticas semelhantes às observadas Camalaú-PB, a fim de compreender padrões e dinâmicas regionais mais amplas.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio Henrique Hudson de. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. **Dados**, v. 31, n. 1, p. 5-33, 1988.
- ADENAUER, Cadernos XXI (2020), nº2. **Eleições Municipais e os desafios de 2020**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, junho 2020. isbn 978-65-990084-2-9.
- ALMEIDA, Acir; LOPEZ, Felix (2012): Legisladores, captadores e assistencialistas: A representação política no nível local. **Texto para Discussão, No. 1779**, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília: Rio de Janeiro, 2012.
- ALMEIDA, Alcir; As Eleições Municipais E A Pandemia De Covid-19: Alternativas De Ação E Possíveis Impactos. **Nota Técnica Ipea**. N. 36 (Abril de 2020). Disponível em:< [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9988/1/NT\\_36\\_Diest\\_As%20Eleicoes%20municipais.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9988/1/NT_36_Diest_As%20Eleicoes%20municipais.pdf)>.
- ALONSO, Angela. **Joaquim Nabuco: o crítico penitente (2009)**. *In: Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país* / André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz (organizadores). – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AREDE, Caroline Banzoli. Liderança carismática de Weber: um estudo de caso de FHC e Lula / Caroline Banzoli Arede. – São Paulo: **Insper**, 2013. 49 f.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 5. ed. Florianópolis : ed. Da UFSC, 2002. 340 p. : il. (Série Didática).
- BECKER, Howard Saul, 1928. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BELLO, André. Origem, Causas e Consequências da Polarização Política. **Universidade de Brasília, Instituto de Ciência Política, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política**. Brasília/DF, 2019.
- BOBBIO, Norberto (1909). **Liberalismo e democracia**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. – São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BOHN, Simone. Política Comparada: um mapeamento do debate entre propostas teóricas e metodológicas de pesquisas alternativas. **BIB - Revista Brasileira de Informações Bibliográficas**, n. 59, 1º semestre de 2005, p.61-80.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Político. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 5, p. 193-216, Brasília, jan. jun. 2011.
- CAMALAÚ-PB. **INFOSANBAS** - Informações contextualizadas sobre saneamento no Brasil. Disponível em: <https://infosanbas.org.br/municipio/camalau-pb/>. Acesso em 28 de março de 2024.

CAMURÇA, Zélia Sá Viana. **Carisma E Liderança No Contexto De Autoridade E Poder.** Educação em Debate, Fort. 6/7 (2/0: jul/dez. 1983 jan/jun 1984.

CARREIRÃO, Yan de Souza. **A decisão do voto nas eleições presidenciais no Brasil (1989 a 1998): a importância do voto por avaliação de desempenho.** Tese (doutorado) apresentada ao departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p. 255. Dez., 2000.

CARREIRÃO, Yan. O sistema partidário brasileiro: um debate com a literatura recente. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 14, p. 255-295, 2014.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 229–250, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>. Acesso em: 1 jun. 2025.

CERVI, Emerson Urizzi. Análise de elites em perspectiva relacional: a operacionalização da Análise de Redes Sociais (ARS) (p. 95-120). *In: Como estudar elites / Renato Perissinotto, Adriano Codato (orgs.). – Curitiba : Ed. UFPR, 2015. 319 p.: il. – (Pesquisa; n. 290).*

CHICARINO, Tathiana. Tancredo Neves: o desenrolar de uma liderança política. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.5, n.14, p.47-67, jun.-set. 2012.

CODATO, Adriano Nervo. Uma História Política da Transição Brasileira: da ditadura militar à democracia. **Revista de Sociologia e Política**. N: 25. p. 83-106, Curitiba, novembro de 2005.

CODATO, Adriano. Metodologias para a identificação de elites: três exemplos clássicos (p. 15-32). *In: Como estudar elites / Renato Perissinotto, Adriano Codato (orgs.). – Curitiba : Ed. UFPR, 2015. 319 p.: il. – (Pesquisa; n. 290).*

DAHL, Robert A. **Sobre a democracia.** Tradução de Beatriz Sidou. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

DINIZ, Simone. Interações entre os poderes Executivo e Legislativo no processo decisório: avaliando o sucesso e fracasso presidencial. **Dados**. RJ, 48 (2), p. 333-369, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade.** Tradução de Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind; apresentação e revisão técnica de Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELISBÃO, Edneide. **Mãos que tecem: uma etnografia da produção de renda renascença em uma comunidade quilombola no Cariri Paraibano.** / Edneide Elisbão. - 2023.

FAORO, Raymundo, 1925-2003. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro / Raymundo Faoro; prefácio Gabriel Cohn. - 5. ed. – São Paulo: Editora Globo, 2012.**

FARIAS, Francisco Pereira de. Clientelismo e Democracia Capitalista: Elementos Para Uma Abordagem Alternativa. **Revista de Sociologia e Política** N° 15: 49-65 Nov. 2000.

FEREJOHN, John; PASQUINO, Pasquale. A Teoria da Escolha Racional na Ciência Política: conceitos de racionalidade em teoria política. **RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 45, p. 5-24, 2001.

FERREIRA, Hamilton Almeida. **DOMINAÇÃO POLÍTICA: LIDERANÇA CARISMÁTICA E POPULISMO - Um Estudo sobre a Dominação e a Transição do Poder Político em Montes Claros na Década de 80**. Florianópolis (SC), 18 de abril de 2001 (Dissertação de mestrado).

FIGUEIREDO, Dalson; FERNANDES, Antônio; LUCAS, Borba; AGUIAR, Taís Helena. Metodologias de pesquisa em ciência política: uma breve introdução. **BIB - Revista Brasileira de Informações Bibliográficas**, São Paulo, n. 94, 2020 (publicada em agosto de 2020), pp. 1-34.

FLORIANO, Rodrigo César; BENJAMIN, Cássio Corrêa. **Legitimidade E Dominação Carismática Em Max Weber**. 74ª Reunião Anual da SBPC.

FREITAS, Felipe Corral De. Programa Fome Zero e o discurso do PFL: cultura política e assistencialismo. **Século XXI, Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n° 2, p. 81-101, jul./dez. 2023. DOI:<https://doi.org/10.5902/2236672586534>.

G1 PB. **Justiça mantém prefeito reeleito de Camalaú, PB, Sandro Môco, afastado do Cargo**. Disponível em: <https://www.google.com.br/amp/s/g1.globo.com/google/amp/pb/paraiba/noticia/2020/12/19/justica-mantemprefeito-reeleito-de-camalau-pb-sandro-moco-afastado-do-cargo.ghtml>. Acesso em 02 de Julho de 2022.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face** / Erving Goffman; tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. – (Coleção Sociologia).

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** / Mirian Goldenberg. – 8a ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Carisma e dominação carismática: perspectivas teórico-metodológicas do conceito weberiano de carisma e sua efetivação histórica nos estudos de religiões. **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia**. V. 5, N.1, Janeiro-Julho de 2014.

GONZÁLEZ, Rodrigo. O Método Comparativo e a Ciência Política. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2008.

GONZÁLEZ, Rodrigo; BAQUERO, Marcello. A Política Comparada na América Latina: dilemas e desafios no Brasil. **Revista Debates**, v. 7, n. 3, p. 111-126, 2013.

HALL, Peter, TAYLOR, Rosemary. As três versões do neo-institucionalismo. **Revista Lua Nova**, n.58, p.193-223, 2003.

HENNEMANN, Guilherme Assmann. **O carisma de Lula: uma análise weberiana**. Orientador, Carlos Eduardo Sell, 2019.

HOLANDA, Sergio Buarque de. 1902-1982. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2022**. Pesquisas de divisão por gênero do número de habitantes de Camalaú-PB. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/>. 2010. Acesso em: 28 de março de 2024.

IBGE. **Panorama: CAMALAÚ, PARAÍBA**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/camalau/panorama>. Acessado em: 28 de março de 2024.

KELLSTEDT, Paul M; WHITTEN, Guy D. O estudo científico da política (p.27-48). *In: Fundamentos da Pesquisa em Ciência Política*. Tradução de Lorena Barberia, Patrick Cunha Silva, Gilmar Masiero. -- São Paulo: Blucher, 2015.

KINZO, Maria D’Alva G. Partidos, Eleições e Democracia no Brasil pós-1985. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 19 N° 54**. Fevereiro, 2004.

LAMEIRA, Rafael Fantinel; PERES, Paulo. **O lugar do PMDB na política brasileira: o limite das tipologias partidárias**. I Seminário Internacional de Ciência Política Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Porto Alegre | Set. 2015.

LAUREANO, Roger. A dominação carismática em regimes democráticos. **Política & Sociedade** - Florianópolis - Vol. 19 - N° 45 - Mai./Ago. de 2020, p. 178 – 226. DOI: <https://doi.org/10.5007/175-7984.2020v19n45p178>.

LEAL, Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA, Júnia M. T. de.; RIBEIRO, Dalila; SIQUEIRA, Gleicilene; FERNANDO, Hérica; ALVES, Josiel; FARIAS, Vinícios. **Efeitos sociais do coronavírus em moradores de três municípios do Cariri Ocidental, Paraíba**. 2021.

LOPEZ, Felix G. A Política Cotidiana dos Vereadores e as Relações entre Executivo e Legislativo em Âmbito Municipal: O caso do município de Araruama. **Revista de Sociologia e Política** - n° 22: 153-177 JUN. 2004.

MAINWARING, Scott e TORCAL, Mariano. **Teoria e institucionalização dos sistemas partidários após a terceira onda de democratização**. Opinião Publica. 2005, vol.11, n.2, pp. 249-286.

MAINWARING, Scott. Políticos, partidos e sistemas eleitorais. O Brasil numa perspectiva comparada. **Novos Estudos**, n. 29, p. 34-58, 1991.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe** / tradução de Hingo Weber – 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – (Vozes de Bolso).

MARIANO SOBRINHO, Antônio. **Rio do Camará: A epopéia de (mais) um século.** Camalaú. Editora: Acadêmica de Cultura Princesa do Cariri. 1996.

MARIANO, Matheus Brandão Alvarenga. A Relação Entre Perfil De Liderança Política E Governabilidade: Um Estudo Do Caso Dos Ex-Presidentes Dos Governos Do PT. **Revista Cadernos Virtual**, Instituto Brasiliense de Direito Público, volume 2, n. 43, 2019, jan-fev-mar 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **10 lições sobre Goffman** . Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. (Coleção 10 Lições).

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre.** São Paulo: Contexto, 2020.

MARX, Karl. **O capital, Livro I.** Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MENDES, Pedro Emanuel. Marcelo Caetano e a sua circunstância rumo à liderança: poder simbólico, ambição e adaptação. **Revista Opinião Pública**, Campinas, vol. 27, n. 3, set.-dez., p.1024-1057, 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. Representação Política em 3-D: elementos para uma teoria ampliada da representação política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.18, nº 51, 2003. p. 123-140.

MIGUEL, Luis Felipe. Teoria Democrática Atual: esboço de mapeamento. BIB – **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica**, n.59, p. 5-42, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe; MARQUES, Danusa; MACHADO, Carlos. Capital Familiar e Carreira Política no Brasil: Gênero, Partido e Região nas Trajetórias para a Câmara dos Deputados. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 58, no 3, 2015, pp. 721 a 747. <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201557>.

MILLS, C. Wright (Charles Wright), 1916-1962. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios** / C. Wright Mills; seleção e introdução Celso Castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso Castro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.

MONTEIRO, José Marciano. **10 lições sobre Bourdieu.** Petrópolis, RJ : Vozes, 2018. – (Coleções 10 lições).

MONTEIRO, José Marciano. **A política como negócio de família: para uma sociologia política das elites e do poder político – familiar.** São Paulo: LiberArs, 2016.

MONTEIRO, Linderval Augusto. Para além do “voto de sangue”: escolhas populares e liderança política carismática na Baixada Fluminense. O caso Joca. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n.2, julho/ 2013.

NASCIMENTO, Janaína Xavier do. Comportamento eleitoral: racionalidade, identidade e personalismo no voto em lula da silva em salvador. **DOSSIÊ OPINIÃO PÚBLICA, ELEIÇÕES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NAS DEMOCRACIAS**

**CONTEMPORÂNEAS. REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 55-77, jul.-dez. 2011.

NICOLAU, Jairo. **Sistemas Eleitorais**. 6º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.  
O'DONNELL, Guillermo. Teoria democrática e política comparada. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 577–654, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/rvQLbNfP5vTkW6F4ymxJXhq/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

ORTUNES, Leandro Ortunes; MARINHO, Silvana; CHAIA, Vera. Lideranças políticas no Brasil: da Teologia da Libertação ao Neofundamentalismo. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 28. Brasília, janeiro - abril de 2019, pp 195-232. DOI: 10.1590/0103-335220192807.

PASQUARELLI, Bruno. Política Comparada: tradições, métodos e estudos de caso. **Revista Agenda Política**, v. 2, n.2, p. 10-38, 2014.

PEREIRA, Carlos; MUELLER, Bernardo. Comportamento estratégico em presidencialismo de coalizão: as relações entre Executivo e Legislativo na elaboração orçamentária brasileira. **Dados**. RJ, 45(2), p. 265-301, 2002.

PERES, Paulo Sérgio. Comportamento ou instituições? A evolução histórica do neoinstitucionalismo da ciência política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.23, n.68, p.53-71, 2008.

PESSOA JÚNIOR, José Raulino Chaves. **Como se conquista e mantém bases eleitorais? [livro eletrônico]: disputa e dominação política na região do Inhamuns, Ceará.** / José Raulino Chaves Pessoa Júnior. -- 1. ed. -- Fortaleza, CE : Edmeta : Editora da Universidade Estadual do Ceará - EdUECE, 2022.

PESSOA JÚNIOR, José Raulino Chaves. Oligarquias Rurais Do Sertão Nordeste: Estudo De Caso Em Um Município De Pequeno Porte Do Semiárido Cearense. **Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 5, n. 2, dez. 2019. **Dossiê Oligarquias do Nordeste no Brasil** ISSN: 2447-5548.

POTRICH, Maithê. Clientelismo e Assistencialismo: a tradição da assistência social no Brasil. **Revista Vernáculo** n. 48 – segundo semestre/2021 ISSN 2317-4021.

PRADO, Rosane Manhães. Cidade Pequena: paraíso e inferno da personalidade (p.31-54). **Cadernos de antropologia e imagem/universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e imagem** - N.1 – (1995)-Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1995.

PRZEWORSKI, Adan; CHEIBUB, José; LIMONGE, Fernando. Democracia e Cultura: uma visão não culturalista. **Revista Lua Nova**, n.58, p. 9-36, 2003.

REIS, Fábio Wanderley. Mercado e Utopia [online]. **Identidade, política e a teoria da escolha racional**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009 (p. 60-83).

RICCI, Rudá. **Lulismo: três discursos e um estilo**. Texto produzido para o debate com Frei Betto, “Movimentos Sociais e Governo Lula”, organizado pela Cáritas Nordeste II, realizado em Recife, em 04/11/2004.

RICUPERO, Bernardo. **Sete Lições sobre as interpretações do Brasil** / Bernardo Ricupero. – São Paulo: ALAMEDA Casa Editorial, 2008.

RIETVELD, Pe. João Jorge; SILVA, Mauricélio Januário da. **Centenário de Camalaú (1895-1995): Cem anos ao redor do seu padroeiro São José**. Gráfica e Editora Jaraguá Ltda. João Pessoa-PB. 1996.

ROSA, Renata de Melo. **Weber despedaçado: até quando dura a dominação carismática?: uma análise da política no Haiti**. Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 10, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 2012. doi: 10.5102/uri.v10i2. 2128.

SABOURIN, Eric. (2020). Clientelismo e participação nas políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 58(4), e217798. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.217798>.

SCHIMTZ, Aldo Antônio. Max Weber e a Corrente Neoweberiana na Sociologia das Profissões. **Em Tese**, v. 11, n. 1, jan/jun, Florianópolis, 2014.

SELL, Carlos Eduardo (2022). **O LULISMO COMO FORMA DE DOMINAÇÃO CARISMÁTICA: por um novo esquema interpretativo**. 46º Encontro Anual da ANPOCS. ST10: Comportamento político, opinião pública e cultura política. Disponível em: <https://www.encontro2022.anpocs.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhemFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6Ijg3MjLiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiYmY4NWVINmY1MjgwOTkxZDQwYjYzMTE2NGY4ODhlZjEiO30%3D>.

SELL, Carlos Eduardo. **A Liderança Carismática: sobre o caráter político do populismo**. Carlos Eduardo Sell, Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) (Editora Vozes, 2013).

SELL, Carlos Eduardo. Democracia com liderança: Max Weber e o conceito de democracia plebiscitária. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 139-166.

SELL, Carlos Eduardo. PODER INSTITUÍDO E POTÊNCIA SUBVERSIVA: Max Weber e a dupla face da dominação carismática. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS** - Vol. 33 nº 98 /2018: e339814. DOI: 10.1590/339814/2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SOBREIRA, Dmitri da Silva Bichara. **Poder local, partido político e ditadura militar [manuscrito] : a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) na Paraíba (1969-1979)** / Dmitri da Silva Bichara Sobreira. – 2021. Tese (dourado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

TAVARES, Francisco Mata Machado. Três Variantes do Personalismo na Política da América Hispânica: o Caudilhismo, o Bolivarianismo e o Populismo como Expressões de Afirmção Regional. Francisco Mata Machado Tavares — **Cadernos PROLAM/USP** (Ano 10 — Vol. 1 — 2011), p. 36-50.

TJPB – Tribunal de Justiça da Paraíba. **Operação Rent a Car: Mantida decisão que determinou afastamento do prefeito de Camalaú.** Disponível em: <https://www.tjpb.jus.br/tags/operacao-rent-a-car>. Acesso em 24 de agosto de 2022.

TRE – Tribunal Regional Eleitoral-PB. **Filiação Partidária.** Disponível em: <https://www.trepb.jus.br/partidos/filiacao-partidaria/filiacao-partidaria>. Acesso em novembro de 2024.

TSE – Tribunal Superior Eleitoral. **Apuração 1º turno – CAMALAÚ-PB.** Disponível em: <http://apuracao.terra.com.br/2008/1turno/pb/19798/index.shtml#maisvotados>. Acesso em 24 de julho de 2024.

VISCARRA, Simone P.; FERREIRA, Marília Gabriela da Silva. Eleições, partidos e ideologia política no interior do Brasil: o caso de Petrolina (PE). Agenda Política. **Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos.** Volume 9, Número 1, p. 226-252, janeiro-abril, 2021.

WEBER, Max, 1864-1920. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber;** tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. 586 p.

WEBER, Max. **Os três tipos puros de dominação legítima.** In: COHN, Gabriel (org). Max Weber: Sociologia. São Paulo, Ática, 1991 (pp.128-141).

## APÊNDICE

### APÊNDICES A - ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

#### OBJETIVOS DA PESQUISA:

- **Geral:** Compreender como a figura política de Sandro Môco rompeu com a estrutura do poder político-familiar tradicional da cidade de Camalaú-PB.
- **Específicos:**
  - A) Entender como funciona a dinâmica do jogo político eleitoral do Executivo do município;
  - B) Compreender qual o papel da estrutura de parentesco no cenário político;
  - C) Compreender quais são as motivações que levam as pessoas a legitimarem o poder e o seu nível de fidelização a dominação carismática de Sandro Môco;
  - D) Analisar quais os valores éticos e morais que os eleitores de Camalaú valorizam em um líder político.

BLOCO I: Motivações para o apoio a Sandro Môco.

BLOCO II: Atuação política do Sandro Môco dentro do município.

BLOCO III: Valores éticos do líder político.

#### PERGUNTAS SUGERIDAS PARA O ROTEIRO:

**PREÂMBULO:** Características gerais

- Nome, gênero, idade?
- Qual dentre os três candidatos (Sandro, Aristeu ou Bira) você apoia politicamente;
- Onde reside;
- Qual o tipo de trabalho que desempenha no município;
- A renda mensal da sua casa;
- Qual o nível de escolaridade.

## **ROTEIRO 1: PERGUNTAS PARA APOIADORES DO SANDRO MÔCO**

### **BLOCO I:** Motivações para o apoio a Sandro Môco;

1. Como você conheceu o Sandro Môco?
2. Como é a sua relação com o Sandro Môco?
3. Qual foi a primeira vez que você votou nele? E o que te fez apoiá-lo naquele momento?
4. Quem você apoiou nas últimas eleições de 2022?
5. Na sua opinião, o que levou à prisão de Sandro Môco em 2020?
6. Nas próximas eleições, caso o Sandro Môco não possa ser candidato. Você votaria em um candidato apoiado por ele? Por quê?

### **BLOCO II:** Atuação política do Sandro Môco dentro do município.

7. Você estava satisfeito com os governos anteriores ao de Sandro?
8. Qual a sua opinião sobre o governo de Sandro Môco entre os anos de 2016-2020? Que ações dele merecem destaque?
9. Em relação às promessas de campanha, quais você acha que foram cumpridas por Sandro Môco? Quais não foram cumpridas?

### **BLOCO III:** Valores éticos do líder político.

10. Como você enxerga as alianças que foram formadas pelo Sandro Môco com Pedro Cunha Lima durante as eleições para governador de 2022?
11. O que te faz apoiar o Sandro Môco hoje?
12. O que você considera que uma pessoa deve ter para ser um bom político?

**ROTEIRO 2: PERGUNTAS PARA OS NÃOS APOIADORES DO SANDRO MÔCO****BLOCO I:** Motivações para rejeitar o Sandro Môco;

1. Como você conheceu o Sandro Môco?
2. Você em algum momento já votou ou apoiou Sandro Môco? Se sim, por quê?
3. Por que você não apoia (mais) o Sandro Môco?
4. O que você acha das acusações levantadas contra o Sandro Môco em 2020?

**BLOCO II:** Atuação política do Sandro Môco dentro do município.

5. Você estava satisfeito com os governos anteriores antes de 2017? Por quê?
6. Você está satisfeito (a) com o governo do atual prefeito interino Bira Mariano? Por quê?
7. Quais ações você considera que um bom governante deve fazer dentro do município de Camalaú?
8. Nas próximas eleições quem você pretende apoiar politicamente e por quê?

**BLOCO III:** Valores éticos do líder político.

9. Como você enxerga as alianças que são formadas pelo (candidato que ele ou ela apoia) com X e Y?
10. O que te faz apoiar o (candidato que ele ou ela apoia)?
11. O que você considera que uma pessoa deve ter para ser um bom político?

### **ROTEIRO 3: ENTREVISTA COM O SANDRO MÔCO**

#### **BLOCO I:** Quem é Sandro Môco;

1. Você poderia me contar um pouco da sua história antes de entrar na política?
2. O que te fez entrar na política pela primeira vez?
3. O que te faz permanecer na política até hoje?
4. O que você faz hoje? Está envolvido com a política de Camalaú de alguma forma?

#### **BLOCO II:** Atuação política do Sandro Môco dentro do município.

5. Você recebeu apoio ou incentivo de algum político para entrar na política?
6. O que você acha que te levou a se eleger como vereador pela primeira vez? E como prefeito?
7. Como se formou a sua primeira aliança com a Família dos Mariano?
8. Como é a sua relação com seu eleitorado?
9. Como é a sua relação com os grupos de oposição do município?
10. Você poderia falar um pouco sobre o que ocorreu em 2020?

#### **BLOCO III:** Valores éticos do líder político.

11. Quais são os seus planos dentro da política de Camalaú?
12. O que você considera que uma pessoa deve ter para ser um bom político?

## APÊNDICES B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**ESTUDO:** Lideranças Políticas: Uma análise sobre o poder de figuras políticas do município de Camalaú, Paraíba.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estou fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para mim, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu,

(inserir o nome),....., portador da Cédula de identidade, RG....., e inscrito no CPF/MF....., nascido (a) em \_/\_/\_\_, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “**Lideranças Políticas: Uma análise sobre o poder de figuras políticas do município de Camalaú, Paraíba.**”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) Essa é uma pesquisa promovida pelo aluno Vinícios Matheus Dos Santos Farias para a produção do seu Trabalho de Conclusão de Curso, exigido pela Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, que tem como objetivo compreender como a figura política de Sandro Môco rompeu com a estrutura do poder político-familiar tradicional na cidade de Camalaú-PB. Busco entender como funciona a dinâmica do jogo político eleitoral do Executivo da lá; compreender qual o papel da estrutura de parentesco no cenário político dessa cidade; identificar quais são as motivações que levam as pessoas ou não a legitimar o poder de influência do Sandro Môco e compreender quais são os valores éticos e morais que os eleitores de Camalaú valorizam em um líder político.

- II) Essa pesquisa permitirá desvendar como se formam as estruturas de poder dos grupos políticos em um município de pequeno porte. Meu propósito é compreender as motivações que levam as pessoas a darem legitimidade ao poder de uma liderança política e identificar se uma figura política carismática possui o poder para romper uma estrutura política familiar tradicional. Essa pesquisa pode permitir discussões sobre questões relacionadas ao poder político de figuras públicas de destaque em cidades de pequeno porte. Em minhas pesquisas bibliográficas constatei que a maior parte das produções acadêmicas sobre essa temática se atêm a figuras de destaque nacional, mas são raros os trabalhos sobre o poder de figuras locais, principalmente aqui do Cariri paraibano. Esse trabalho pode contribuir para análises sobre carreiras políticas de candidatos e como suas ações influenciam a dinâmica da estrutura política de cidades pequenas. Trata-se de um estudo de metodologia qualitativa, feito por meio de entrevistas semiestruturadas que serão realizadas presencialmente, por ligações ou através da plataforma de mensagens instantâneas *Whatsapp*. As respostas dessas entrevistas, em formato de texto ou áudio, serão gravadas e armazenadas para sistematização e análise própria; esses dados serão preservados, assim como a confidencialidade, privacidade e a proteção da imagem dos participantes.
- III) O público-alvo desta pesquisa é composto por eleitores do município de Camalaú, Paraíba. A escolha dos entrevistados será feita de acordo com um mapeamento inicial sobre o posicionamento político, para não correr o risco de entrevistar apenas pessoas que apoiam o mesmo partido e enviesar os resultados da pesquisa. Portanto, terá como interlocutores 15 maiores de 18 anos que participaram das últimas eleições do município.
- IV) Enquanto pesquisador, eu irei tomar todas as providências necessárias para a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa.
- V) Qualquer pesquisa que envolve seres humanos tem algum grau de risco. Ainda que mantidos os esforços para garantir o sigilo e a privacidade dos participantes, ele pode ser quebrado de maneira involuntária e não-intencional, por exemplo, em caso de roubo ou perda de documentos e computadores. As consequências serão, então, tratadas nos termos da lei. As entrevistas serão realizadas de maneira presencial se possível,

mas se o participante não puder receber o pesquisador no dia, podemos fazê-la de maneira remota, através da plataforma de mensagens instantâneas *Whatsapp*. No decorrer da entrevista, o participante pode sentir cansaço, desconforto, ou aborrecimento ao responder as perguntas e compartilhar suas experiências. Para remediar esses riscos, reitero que passei por capacitação tanto nos métodos de coleta de dados utilizados, como nos princípios éticos, diretrizes enormes que regem as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. No momento que desejar, o participante pode escolher desistir ou interromper sua colaboração na pesquisa, sem necessidade de qualquer explicação ou penalização.

- VI) Essa pesquisa é relevante porque não há trabalhos ou pesquisas a respeito dessa temática a nível local. Os dados obtidos com esta pesquisa podem contribuir em estudos futuros sobre figuras políticas daqui da região.
- VII) É função de o pesquisador realizar o acompanhamento dos sujeitos de pesquisa durante os procedimentos de coleta de dados. Então, o participante pode solicitar quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, ou seu desfecho, pelo telefone ou e-mail, indicado abaixo.
- VIII) Os resultados da pesquisa serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica.
- IX) **Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:**
  - ( ) **Desejo conhecer os resultados desta pesquisa;**
  - ( ) **Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.**
- X) O participante receberá uma via do presente documento, que garante os direitos dos participantes da pesquisa.
- XI) A legislação brasileira não permite que o participante tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. No entanto, ele será ressarcido, nos termos da lei, caso alguma despesa associada à pesquisa venha a ocorrer.

XII) Caso o participante tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

XIII) Caso se sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, situado a Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, CEP: 58401 – 490, Campina Grande-PB, Tel: 2101 – 5545, E-mail: [cep@huac.ufcg.edu.br](mailto:cep@huac.ufcg.edu.br); Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Camalaú – PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

**Responsável pelo Projeto:**

Vinícios Matheus Dos Santos Farias, discente do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Campus Sumé.

**Orientadora:** Júnia Marúcia Trigueiro de Lima.

**E-mails do pesquisador responsável:**

**E-mail institucional:** [vinicios.matheus@estudante.ufcg.edu.br](mailto:vinicios.matheus@estudante.ufcg.edu.br)

**E-mail pessoal:** [farias.vimny.15@gmail.com](mailto:farias.vimny.15@gmail.com)

**APÊNDICES C – CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS DA PESQUISA.**

**Quadro 5 - Perfil dos Entrevistados – 2023**

<b>PERFIL DOS ENTREVISTADOS</b>					
<b>PSEUDÓNIMO</b>	<b>GRUPO DE APOIO</b>	<b>IDADE</b>	<b>RESIDÊNCIA</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
<b>SANSA STARK</b>	Mariano	32 anos	Zona Urbana	Servidora Pública	Superior Completo
<b>BRAN STARK</b>	Mariano	32 anos	Zona Urbana	Servidor Público	Superior Completo
<b>CATELYN STAK</b>	Mariano	25 anos	Zona Urbana	Servidora Pública	Superior Completo
<b>ARYA STARK</b>	Mariano	24 anos	Zona Urbana	Empresária	Superior Completo
<b>CERSEI LANNISTER</b>	Chaves	25 anos	Zona Urbana	Servidora Pública	Ensino Médio Completo
<b>MYRCELLA LANNISTER</b>	Chaves	28 anos	Zona Urbana	Servidora Pública	Superior Completo
<b>TOMMEN LANNISTER</b>	Chaves	27 anos	Zona Urbana	Servidor Público	Ensino Médio Completo
<b>JAIME LANNISTER</b>	Chaves	45 anos	Zona Urbana	Servidor Público	Superior Completo
<b>BAELA TARGARYEN</b>	Môco	34 anos	Zona Urbana	Desempregada	Superior Completo
<b>RHAENYRA TARGARYEN</b>	Môco	47 anos	Zona Rural	Desempregada	Ensino Fundamental incompleto
<b>RHAENYS TARGARYEN</b>	Môco	24 anos	Zona Urbana	Servidora Pública	Superior Completo
<b>ALYSSANE TARGARYEN</b>	Môco	27 anos	Zona Urbana	Servidora Privada	Superior Completo
<b>RHAENA TARGARYEN</b>	Môco	30 anos	Zona Urbana	Servidora Privada	Ensino Médio e Técnico
<b>VISENYA TARGARYEN</b>	Môco	41 anos	Zona Urbana	Autônoma	Superior Completo
<b>DEANERYS TARGARYEN</b>	Môco	44 anos	Zona Urbana	Servidora Pública	Ensino Médio e Técnico

**Fontes:** Banco de dados das entrevistas do autor do trabalho.

**APÊNDICES D – REGISTRO DAS CANDIDATURAS DO LEGISLATIVO DE  
CAMALAÚ-PB.**

**Quadro 6 - Histórico das candidaturas do Legislativo de Camalaú-PB.**

<b>HISTÓRICO DOS CANDIDATOS ELEITOS PARA VEREDADOR DE CAMALAÚ-PB.</b>				
<b>ANO</b>	<b>CANDIDATOS</b>	<b>VOTAÇÃO</b>	<b>PARTIDO</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
<b>De 19/03/1962 a 14/11/1962</b>	Não há registro de vereadores.			
<b>De 1962 a 1966</b>	1. João Galdino <b>Chaves</b> ; 2. Manuel de Oliveira <b>Chaves</b> ; 3. Wilson Pereira Campos; 4. João Mendes de Andrade; 5. Sebastião Francisco Pereira; 6. Manuel Rodrigues Leite; 7. Aluisio Lucas da Silveira.	Chapa única. Não obteve o registro número.		Eleitos.
<b>De 1966/1967 a 1970</b>	1. José Sales da Silva; 2. João Reinaldo de Lucena; 3. Abílio Alves Feitosa; 4. Sebastião Francisco Pereira; 5. Joaquim Bernardo da Silva; 6. Severino Januário da Silva; 7. Elizeu Firmino de Melo.	1 (94 votos) 2 (74 votos) 3 (45 votos) 4 (44 votos) 5 (53 votos) 6 (260 votos) 7 (190 votos)	1. ARENA 2. ARENA 3. ARENA 4. ARENA 5. ARENA 6. ARENA 7. ARENA	Eleitos.
<b>De 1969/1970 a 1973</b>	1. João de Deus Farias; 2. Alcides Almeida Leal; 3. Abílio Alves Feitosa; 4. José Gomes <b>Chaves</b> ; 5. João Reinaldo de Lucena; 6. Aluisio Lucas de Silveira; 7. Severino Januário da Silva.	1 (36 votos) 2 (242 votos) 3 (53 votos) 4 (49 votos) 5 (28 votos) 6 (75 votos) 7 (165 votos)	1. ARENA 2. ARENA 3. ARENA 4. ARENA 5. ARENA 6. ARENA 7. ARENA	Eleitos.
<b>De 1972/1973 a 1976</b>	1. João de Deus Farias; 2. Alcides Almeida Leal; 3. Estanislau de Freitas Miranda; 4. José Dagoberto Lucas <b>Chaves</b> ; 5. Severino Bernardo Filho; 6. Antônio Sebastião Pereira; 7. Severino Januário da Silva.	1 (58 votos) 2 (211 votos) 3 (96 votos) 4 (61 votos) 5 (83 votos) 6 (57 votos) 7 (182 votos)	1. ARENA 2. ARENA 3. ARENA 4. ARENA 5. ARENA 6. ARENA 7. ARENA	Eleitos.

<b>De 1976 a 1982</b>	1. José Inácio de Queiroz; 2. Alcides Almeida Leal; 3. Ivo Neco da Silva; 4. José Dagoberto Lucas <b>Chaves</b> ; 5. Severino Bernardo <b>Chaves</b> Filho; 6. José Sales da Silva; 7. Severino Januário da Silva.	1 (113 votos) 2 (207 votos) 3 (294 votos) 4 (81 votos) 5 (100 votos) 6 (107 votos) 7 (160 votos)	1. ARENA 2. ARENA 3. ARENA 4. ARENA 5. ARENA 6. ARENA 7. ARENA	Eleitos.
<b>De 1982/1983 a 1988</b>	1. Antonieta <b>Chaves</b> de Sousa (Mãe de Aristeu); 2. João Batista de Freitas; 3. Ivo Neco da Silva; 4. Jorge Pereira de Almeida; 5. Jacinto Bezerra da Silva; 6. José Sales da Silva; 7. José Raimundo de Oliveira.	1 (168 votos) 2 (223 votos) 3 (327 votos) 4 (113 votos) 5 (135 votos) 6 (186 votos) 7 (87 votos)	1. PDS 2. PDS 3. PDS 4. PMDB 5. PMDB 6. PDS 7. PMDB	Eleitos.
<b>De 1988/1989 a 1992</b>	1. Antonieta <b>Chaves</b> de Sousa; 2. José Aristóteles Sousa; 3. Miguel de Freitas Monteiro; 4. Sebastião Soares Primo; 5. Manoel Magalhães Sobrinho; 6. Manoel Rodrigues Leite; 7. Audécine <b>Chaves</b> Sousa; 8. José Mariano Filho; 9. José Alves Bezerra.	1 (312 votos) 2 (212 votos) 3 (191 votos) 4 (133 votos) 5 (140 votos) 6 (137 votos) 7 (112 votos) 8 (104 votos) 9 (147 votos)	1. PL 2. PL 3. PL 4. PL 5. PL 6. PDS 7. PMDB 8. PMDB 9. PMDB	Eleitos.
<b>De 1992/1993 a 1995</b>	1. Antônio Carlos <b>Chaves</b> Ventura; 2. Antonieta <b>Chaves</b> Sousa; 3. Miguel de Freitas Monteiro; 4. Josefa Jerônimo <b>Chaves</b> ; 5. Manoel Magalhães Sobrinho; 6. José <b>Mariano</b> Filho; 7. José Alves Bezerra; 8. Audénice <b>Chaves</b> Sousa; 9. Antônio Avelino Bezerra Maroca.	1 (237 votos) 2 (163 votos) 3 (198 votos) 4 (195 votos) 5 (144 votos) 6 (117 votos) 7 (189 votos) 8 (113 votos) 9 (100 votos)	1. PFL 2. PRN 3. PFL 4. PFL 5. PFL 6. PMDB 7. PMDB 8. PMDB 9. PMDB	Eleitos.

1996	1. Antônio Carlos <b>Chaves</b> Ventura; 2. José Alves Bezerra; 3. Antonieta <b>Chaves</b> Sousa; 4. Edvaldo de Queiroz Neles; 5. José Duarte de Queiroz; 6. Laudiceia Fabia Maciel Firmo; 7. Aluisio Lucas Júnior; 8. José Paulo Barbosa; 9. Josefa Jerônimo <b>Chaves</b> .	1 (324 votos) 2 (236 votos) 3 (210 votos) 4 (209 votos) 5 (207 votos) 6 (205 votos) 7 (196 votos) 8 (196 votos) 9 (166 votos)	1. PRP 2. PMDB 3. PRP 4. PDT 5. PMDB 6. PRP 7. PRP 8. PDT 9. PRP	Eleitos
2000	1. Ivo Murillo Leite da Silva; 2. Urânio e Silva Mayer; 3. Edvaldo de Queiroz Neles; 4. Antonieta <b>Chaves</b> de Sousa; 5. Aluisio Lucas Júnior; 6. José Paulo Barbosa; 7. Maricélio Januário da Silva; 8. Antônio Bezerra da Silva; 9. Antônio Bernardo da Silva.	1 (339 votos) 2 (291 votos) 3 (272 votos) 4 (248 votos) 5 (178 votos) 6 (163 votos) 7 (155 votos) 8 (147 votos) 9 (111 votos)	1. PRP / PPS / PPB 2. PSDB / PFL / PDT / PMDB 3. PRS / PPS / PPB 4. PRS / PPS / PPB 5. PRS / PPS / PPB 6. PSDB / PFL / PDT / PMDB 7. PRP / PPS / PPB 8. PSDB / PFL / PDT / PMDB 9. PSDB / PFL / PDT / PMDB	Eleitos
2004	1. Alexandre <b>Chaves</b> Sousa; 2. Aluisio Lucas Júnior; 3. Adélmo Teobaldo de Farias; 4. Edvaldo de Queiroz Neles; 5. Audenice <b>Chaves</b> Sousa; 6. Urânio e Silva Mayer; 7. Antônio Bezerra da Silva; 8. Maricélio Januário da Silva; 9. José Givanildo de Sousa Elesbão.	1 (398 votos) 2 (393 votos) 3 (350 votos) 4 (314 votos) 5 (293 votos) 6 (243 votos) 7 (207 votos) 8 (172 votos) 9 (163 votos)	1. PTB / PMDB / PRP / PL / PFL 2. PTB / PMDB / PRP / PL / PFL 3. PT / PSDB / PPS 4. PTB / PMDB / PRP / PL / PFL	Eleitos

			5. PTB / PMDB / PRP / PL / PFL 6. PT / PSDB / PPS 7. PT / PSDB / PPS 8. PT / PSDB / PPS 9. PTB / PMDB / PRP / PL / PFL	
2008	1. Alecsandro Bezerra dos Santos ( <b>Sandro Môco</b> ); 2. Alexandre <b>Chaves</b> Sousa; 3. Aluisio Lucas Júnior; 4. Audenice <b>Chaves</b> Sousa; 5. Adelmo Teobaldo de Farias; 6. Edvaldo de Queiroz Neles; 7. José Gildo Pereira do Nascimento; 8. José de Arimatéia Leite de Sousa; 9. Antônio Bezerra da Silva.	1 (475 votos) 2 (436 votos) 3 (431 votos) 4 (313 votos) 5 (302 votos) 6 (294 votos) 7 (232 votos) 8 (224 votos) 9 (181 votos)	1. PTB / PRP / PSDB / PR / DEM 2. PTB / PRP / PSDB / PR / DEM 3. PTB / PRP / PSDB / PR / DEM 4. PTB / PRP / PSDB / PR / DEM 5. PTB / PRP / PSDB / PR / DEM 6. PTB / PRP / PSDB / PR / DEM 7. PTB / PRP / PSDB / PR / DEM 8. PP / PT / PSB / PV / PMDB 9. PP / PT / PSB / PV / PMDB	Eleitos

2012	1. Aristeu <b>Chaves</b> Sousa; 2. Aluisio Lucas Júnior; 3. Ubirajara Antonio Pereira <b>Mariano</b> ; 4. Edvaldo de Queiroz Neles; 5. Antônio Bezerra da Silva; 6. José de Arimatéia Leite de Sousa; 7. Audenice <b>Chaves</b> Sousa; 8. João Ferreira Sobrinho; 9. Gilberto Evangelista Duarte.	1 (395 votos) 2 (389 votos) 3 (374 votos) 4 (292 votos) 5 (272 votos) 6 (266 votos) 7 (251 votos) 8 (245 votos) 9 (219 votos)	1. PSD / DEM / PSB / PRP / PR 2. PSD / DEM / PSB / PRP / PR 3. PT / PV / PSC 4. PSD / DEM / PSB / PRP / PR 5. PT / PV / PSC 6. PSD / DEM / PSB / PRP / PR 7. PSD / DEM / PSB / PRP / PR 8. PSD / DEM / PSB / PRP / PR 9. PSD / DEM / PSB / PRP / PR	Eleitos
2016	1. Audenice <b>Chaves</b> Sousa; 2. Auricélio Bezerra dos Santos ( <b>Célio Môco</b> ); 3. Ubirajara Antônio Pereira <b>Mariano</b> ; 4. Antônio Bezerra da Silva; 5. Aluisio Lucas Júnior; 6. Valdete Silva Sousa; 7. Eliedson Bezerra Bispo; 8. Adelmo Teobaldo de Farias; 9. Edvaldo de Queiroz Neles.	1 (426 votos) 2 (382 votos) 3 (377 votos) 4 (356 votos) 5 (347 votos) 6 (268 votos) 7 (264 votos) 8 (243 votos) 9 (241 votos)	1. DEM / PDT / PSB / PRP / PR 2. PRB / PT / PV 3. PRB / PT / PV 4. PRB / PT / PV 5. DEM / PDT / PSB / PRP / PR 6. DEM / PDT / PSB / PRP / PR 7. PRB / PT / PV 8. DEM / PDT / PSB / PRP / PR 9. DEM / PDT / PSB / PRP / PR	Eleitos

2020	1. Auricélio Bezerra Dos Santos ( <b>Célio Môco</b> ); 2. José Giliarde Magalhães da Silva; 3. Aluisio Lucas Júnior; 4. Antônio Bezerra da Silva; 5. Antônio Freitas Filho; 6. Audecine <b>Chaves</b> Sousa; 7. Genildo Nascimento da Silva; 8. Eliedson Bezerra Bispo; 9. Karina Emanuelle Alves Inô.	1 (624 votos) 2 (410 votos) 3 (363 votos) 4 (333 votos) 5 (326 votos) 6 (321 votos) 7 (281 votos) 8 (255 votos) 9 (230 votos)	1. PROS 2. PROS 3. PL 4. PROS 5. PL 6. PL 7. PL 8. PROS 9. PROS	Eleitos
2024	1. Auricélio Bezerra dos Santos (Célio Môco); 2. Janderson Paiva Feitosa; 3. Ayanne Maria Torres Costa; 4. Aluisio Lucas Junior; 5. José Giliarde Magalhaes da Silva; 6. Audenice Chaves Sousa; 7. Genildo Nascimento da Silva; 8. Edvaldo de Queiroz Neles; 9. Antônio Bezerra da Silva (Bezerrão);	1 (531 votos) 2 (492 votos) 3 (396 votos) 4 (396 votos) 5 (369 votos) 6 (367 votos) 7 (337 votos) 8 (301 votos) 9 (300 votos)	1. MDB 2. REPUBLICAN OS 3. MDB 4. REPUBLICAN OS 5. MDB 6. REPUBLICAN OS 7. REPUBLICAN OS 8. REPUBLICAN OS 9. MDB	Eleitos

**Fontes:** Elaboração própria do autor do trabalho com base nos dados do TRE (2024) e Mariano Sobrinho (1996).